



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Bruno Silva Lopes

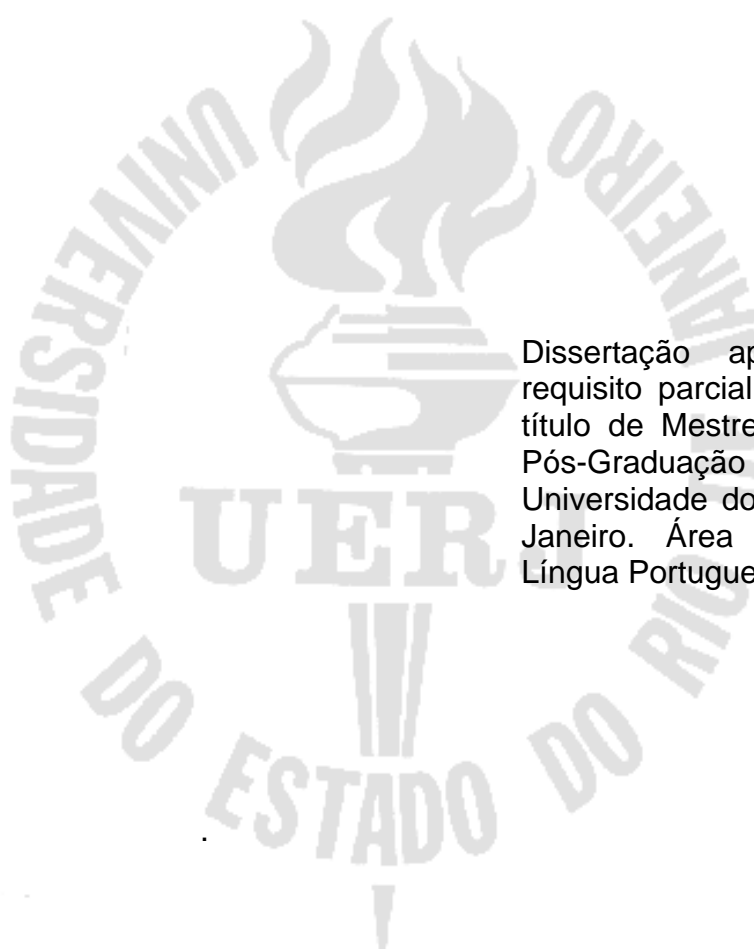
**A dinamicidade lexical em textos de domínio político:  
ecos das eleições de 2010**

Rio de Janeiro

2011

Bruno Silva Lopes

**A dinamicidade lexical em textos de domínio político:  
ecos das eleições de 2010**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Cezar Henriques

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

L864	Lopes, Bruno Silva A dinamicidade lexical em textos de domínio político: ecos das eleições de 2010 / Bruno Silva Lopes. – 2011. 168 f.  Orientador: Claudio Cezar Henriques. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.  1. Neologismos – Teses. 2. Lexicologia - Teses. 3. Sociolinguística – Teses. 4. Análise do discurso – Aspectos políticos – Teses. 5. Eleições – Brasil – 2010 – Teses. I. Henriques, Claudio Cezar. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.  CDU 801.316.1
------	---

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Data

Bruno Silva Lopes

**A dinamicidade lexical em textos de domínio político:  
ecos das eleições de 2010**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa

Aprovada em 22 de março de 2011.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques (Orientador)  
Instituto de Letras da UERJ

---

Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo  
Instituto de Letras da UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Margarida Maria de Paula Basilio  
Departamento de Letras da PUC-Rio

Rio de Janeiro

2011

## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, incansáveis incentivadores dos meus estudos,  
por tudo que fizeram (e ainda fazem!) por mim.*

## AGRADECIMENTOS

É evidente que uma dissertação de mestrado floresce do árduo trabalho de seu autor. No entanto, é também resultado de um esforço coletivo realizado por aqueles que auxiliaram o pesquisador durante a feitura do trabalho. Por isso, são tantos agradecimentos a fazer...

A Deus, meu refúgio...por me escutar e me amparar nas horas difíceis.

Ao meu orientador Claudio Cezar Henriques, por quem tenho “hexa-admiração”. Sua disponibilidade e paciência tornaram possível a confecção deste trabalho.

Aos professores do mestrado pelas valiosas lições. Em especial, cabe destacar: Cláudio Cezar Henriques, José Carlos de Azeredo, André Valente, Darcilia Simões, Maria Teresa Tedesco, Maria Teresa Gonçalves e Sandra Bernardo...estarão sempre presentes nas minhas aulas...

Aos professores José Carlos de Azeredo e Margarida Basilio, que compuseram a banca examinadora desta dissertação. Agradeço pelo carinho e pelas lições que sempre levarei comigo.

Ao professor e amigo Marcelo A. Leite pelo direcionamento e pelo incentivo desde a época da graduação. Por certo, se cheguei até aqui ele tem grande participação nisso.

À Tia Josefa e família por me acolherem tão gentilmente em sua casa.

A Clarissa, namorada-companheira... fonte de luz e ternura.

A Natália, conterrânea... o quanto sou grato por tudo que fez por este seu amigo capiau que tentava a sorte numa cidade grande...

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação do ILE-UERJ, que sempre me atenderam quando precisei.

Aos amigos do Colégio Estadual Theodorico Fonseca por tornarem mais fácil esta caminhada.

Aos amigos: Pauliane Aparecida, Cátia Paiva, Elisângela Marques, Lucíola Cássia, Raul Sippel, Márcio Gaspar e Maria Vilma pelas inestimáveis ajudas.

Ao Eric pelo auxílio “0800” na formatação do trabalho.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente caminharam comigo nestes dois anos de batalha...muito obrigado!

A estagnação, já o dissemos, é a morte do idioma. A história de uma língua é justamente a história de suas inovações. *(Celso Cunha)*

É falsa a antiga noção de que as palavras possuem poder sobrenatural, mas o conceito se baseia em algo extremamente verdadeiro. Os termos encerram efeitos sobrenaturais – porém não no sentido suposto por mágicos e nem pelo fato de exercerem influência sobre os objetos. Os vocábulos encerram magia no sentido de influírem sobre as faculdades intelectuais das pessoas que os utilizam. “Uma simples questão de ideias”, comentamos desdenhosamente, esquecendo-nos de que as palavras têm o poder de moldar o pensamento do homem, canalizar os seus sentimentos, dirigir a sua vontade e os seus atos. *(Aldous Huxley)*

Uma tão vulgar preocupação pauta toda a vida intelectual da sociedade bruzundanguense, de modo que, nas salas, nos salões, nas festas, o tema geral dos comensais é a política; são as combinações de senatorias, de governanças, de províncias e quejandos. A política não é aí uma cogitação de guiar os nossos destinos; porém, uma vulgar especulação de cargos e propinas. *(Lima Barreto)*.

## RESUMO

LOPES, Bruno Silva. *A dinamicidade lexical em textos de domínio político: ecos das eleições de 2010*. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Nesta dissertação, pretende-se estudar a dinamicidade lexical em textos de domínio político, veiculados pela imprensa escrita durante o período eleitoral de 2010. Para tal, selecionou-se um *corpus* adequado à pesquisa, fez-se o levantamento de neologismos lexicais nele ocorrentes e procedeu-se à sua descrição. Neste percurso, buscou-se demonstrar a riqueza e a vitalidade dos mecanismos de expansão lexical nos textos estudados, de modo a evidenciar que o léxico, como sistema dinâmico, configura-se como um dos subníveis linguísticos mais abertos à criatividade, revelando também crenças, valores, costumes e hábitos de uma comunidade linguística. Ademais, objetivou-se mostrar que a linguagem utilizada em contextos políticos, visto estar imersa em um ambiente de tensões e embates constantes, é marcadamente caracterizada pelo incessante nascer de novos signos, os quais, por motivações denominativas e/ou estilísticas, desvelam, não raras vezes, intenções e ideologias dos sujeitos-falantes que os criam. Por fim, elaborou-se um glossário com as novas formações encontradas, que oferece subsídios para a observação sistemática da neologia no âmbito do português brasileiro, além de traçar um perfil parcial das alterações político-culturais por que passamos no correr de 2010.

Palavras-chave: Neologia. Neologismos lexicais. Política. Eleições 2010.



## **ABSTRACT**

This paper intends to study the lexical dynamicity on political media, concerned to press during the recent elections occurred in the country (2010). An adequate corpus was selected to the research, a vast investigation of the presence of the lexical neologisms was made and their descriptions – classification and semantical meanings – were developed. As long as the construction took place, it turned crucial to point out the richness and vitality of the neologisms as mechanisms of lexical expansion on the selected articles, illustrating strongly how the lexicon, as a dynamical system, operates as one of the linguistical sublevels more acquainted to creativity, also able to reveal faiths, values, costumes and habits of a linguistical community. As a matter of fact, at last but not at least, it was also purpose demonstrating that the used current language on political contexts, considering its permanent environment of pressures, tensions and flights, is clearly marked by the birth of new signs, which, for denominative and/or stylistical motivations, are able to evidence, very often, intentions and ideologies of the creatures responsible for their enunciation. Finally, a glossary was elaborated with the brand-new terms found, that offers possibility for a longitudinal observation on neology, in Brazilian-Portuguese field, still visiting and underlining some political-cultural changes occurred to the country and its population in 2010.

Key-words: Neology. Lexical neologism. Politics. Elections 2010.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Prefixos.....	60
Tabela 2 - Prefixoides e pseudoprefixos.....	61

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adj.	Adjetivo
Adv.	Advérbio
Aurélio	Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010).
Cf.	Confira
FSP	Folha de São Paulo
G	Jornal O Globo
Houaiss	Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009)
Interj.	Interjeição
P. ex.	Por exemplo
S.m.	Substantivo masculino
S.f.	Substantivo feminino
S.2g.	Substantivo de dois gêneros
V.	Revista Veja
v.	Verbo
VOLP	Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (2009)

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
1	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	18
1.1	<b>Léxico e mudança linguística</b> .....	22
1.2	<b>A Criatividade lexical</b> .....	25
1.2.1	<u>Competência lexical</u> .....	26
1.2.2	<u>Por que inovação lexical?</u> .....	29
1.2.3	<u>A produtividade lexical</u> .....	31
2	<b>LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA</b> .....	35
2.1	<b>Lexicologia e Lexicografia: objetos</b> .....	35
2.2	<b>Neologia e neologismo</b> .....	37
2.2.1	<u>Conceito</u> .....	37
2.2.2	<u>Tipologia</u> .....	40
2.2.3	<u>A neologia no espaço e no tempo: a política de agora</u> .....	42
2.2.4	<u>O percurso neológico</u> .....	48
2.2.5	<u>Neologismo e lexicografia</u> .....	50
3	<b>PROCESSOS DE RENOVAÇÃO LEXICAL</b> .....	53
3.1	<b>Palavra e vocábulo</b> .....	53
3.2	<b>Morfema e base</b> .....	55
3.3	<b>Processos de expansão lexical</b> .....	57
3.3.1	<u>A derivação</u> .....	57
3.3.1.1	Derivação sufixal.....	58
3.3.1.2	Derivação prefixal.....	59

3.3.1.3	Derivação parassintética (ou parassíntese).....	63
3.3.2	<u>A composição</u> .....	64
3.3.3	<u>Outros processos</u> .....	66
3.3.3.1	Derivação regressiva (ou regressão).....	66
3.3.3.2	Abreviação (ou braquissmia).....	67
3.3.3.3	Siglagem e acronímia.....	68
3.3.3.4	Cruzamento vocabular (ou palavra-valise).....	69
3.3.3.5	Reduplicação (ou redobro).....	70
3.3.3.6	Conversão (ou derivação imprópria).....	70
3.3.3.7	Neologismo por empréstimo.....	71
3.3.3.8	Recursos fonológicos.....	74
3.3.3.9	Neologismo semântico.....	74
3.3.4	<u>A força da linguagem popular</u> .....	75
4	<b>METODOLOGIA E GLOSSÁRIO DE TERMOS NEOLÓGICOS</b> .....	78
4.1	<b>Sobre o <i>corpus</i></b> .....	78
4.2	<b>Glossário de termos neológicos</b> .....	82
5	<b>CONCLUSÃO</b> .....	139
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	145
	<b>ANEXO A</b> – Registro das palavras do <i>corpus</i> .....	150
	<b>ANEXO B</b> – Tabela com prefixos, antepositivos e alguns elementos de composição.....	159
	<b>ANEXO C</b> – Tabela com os sufixos.....	166

## INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a inovação lexical têm se desenvolvido com bastante efervescência, notadamente no decorrer do século XX. Nos dias de hoje, assistimos à proliferação de trabalhos de cunho basicamente estruturalista que visam a coletar e a descrever novas formações a partir de diversos tipos de *corpora* (literários, políticos, publicitários etc.), a exemplo de Clare (2004) e Avvad (2007). Tais estudos, relevantes e desejáveis, permitem a observação sistemática da língua em movimento, em conexão estreita com a cultura e história das comunidades linguísticas pesquisadas, visto que o léxico se liga intimamente ao universo das pessoas e das coisas, de modo a refletir, pois, a própria sociedade.

Dentre tais estudos, destacam-se aqueles que se debruçam sobre a linguagem da imprensa escrita. Sem dúvida alguma, ela é uma das grandes propulsoras das inovações linguísticas manifestas em todos os níveis da atividade humana, quer pelo seu poder de influência, quer pelo seu considerável alcance. Paralelamente às criações motivadas por razões denominativas, os jornalistas, não raro, vão além no que respeita às possibilidades lexicais. Valendo-se dos recursos que o léxico, sistema aberto e dinâmico, lhes oferece, talham a língua originalmente de modo a surpreender-nos quase que diariamente com formações inusitadas. Nesse sentido, a linguagem da imprensa é um lugar aberto à criatividade.

Por outro lado, cabe à imprensa um importante papel: é ela uma das principais vias de acesso às informações que nos chegam. Percebemos com certa facilidade que revistas e jornais disseminam valores, dirigem a opinião pública e formam mentalidades por meio dos signos que lançam ao mundo. Ao mesmo tempo, quando se registram os fatos novos por meio de palavras recém-criadas e ainda não dicionarizadas, estas podem ser consideradas, nos dizeres de Carvalho (1983), “palavras-testemunhos”, já que desnudam também parte da história da comunidade linguística em dado período. Estudar as inovações lexicais na linguagem da imprensa é, pois, em certo sentido, trilhar a cultura e a história dos homens que viveram certa época.

Inserindo-se nesta linha de observação, o estudo que aqui se pretende levar a efeito tem por meta a coleta, o registro, a datação e a descrição de

neologismos ocorrentes no período eleitoral de 2010. Para tal, selecionou-se um *corpus* extraído de três fontes midiáticas de inegável prestígio em âmbito nacional (os jornais Folha de São Paulo e O Globo e a revista Veja), recolhidas entre os meses de fevereiro e novembro de 2010. Partindo das referidas fontes, selecionamos textos de natureza política e deles extraímos formações que não constavam dos *corpora* de exclusão usados neste trabalho, a saber: Aurélio (2010), Houaiss (2009) e Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (2009). Privilegiaram-se as matérias jornalísticas que versavam sobre a política brasileira. Naturalmente, a maioria dos neologismos encontrados reporta-se aos fatos políticos ocorrentes no Brasil no período de coleta. No entanto, para fins de registro e indicações de produtividade, consignamos também as criações neológicas cuja temática abrangeu a política internacional. Com isso, tentamos fornecer uma visão mais global da produtividade lexical, nomeadamente de prefixos e sufixos, nos textos estudados.

A motivação básica para a execução desta pesquisa adveio do fato de que ela atravessaria o período eleitoral de 2010. Intuímos que o ambiente político pré, intra e pós-eleição nos proporcionaria farto material para estudo, visto a linguagem, como poderoso instrumento de manipulação e de luta, ser usada peculiarmente em tais situações, reclamando novas formas à expressão.

Em ambientes políticos, nota-se que a neologia assume relevante papel. As inúmeras vozes que ouvimos são vozes em conflito, em constante embate. Assim, para além de introduzirem as inovações em todos os campos da natureza humana, representando a mobilidade lexical necessária à continuidade histórica da língua, os neologismos agregam às mensagens um toque de modernidade e novidade, de modo a emprestar a elas conotações várias. Com as criações neológicas, não raro, vem o pitoresco, o incomum, o surpreendente. A mensagem ganha ares retóricos e persuasivos, adquirindo certa originalidade no ato comunicativo. Eis alguns motivos por que o neologismo é tão ao gosto do homem de hoje.

Mas, por certo, quando inserimos um novo signo no ambiente linguístico, ele traz consigo uma visão de mundo particular. As palavras são também, como o sabemos, instrumentos de luta e de inserção de ideologias (Brandão, 2004), desveladas no discurso por quem as emprega. É desejável, pois, que um signo seja dimensionado no contexto em que ocorre. Com isso, temos uma

compreensão mais global acerca de sua verdadeira motivação. Por conseguinte, sempre que se considerou pertinente, fornecemos informações adicionais sobre o contexto dos vocábulos, principalmente se eles se referiam a situações da eleição presidencial, muito embora não fosse esse nosso principal objetivo.

Um período eleitoral desperta nos homens sentimentos antagônicos. De um lado, o das pessoas comuns, paralela à crença em uma possibilidade real de mudança vivenciada pela política, percebemos que a repulsa, a raiva e o inconformismo comumente grassam. De outro, o dos poderosos, o ímpeto por vezes desmedido de manter o poder ou chegar a ele, não raro por meios escusos, com frequência transfigura o exercício da livre democracia em um jogo de interesses particulares. Desconsidera-se, assim, a verdadeira função da política, entendida como arte de bem guiar e gerir as nações. Num ambiente de conflitos e tensões característico de uma eleição, a linguagem, nossa principal janela de acesso ao mundo e aos que nele estão, ganha contornos bastante singulares.

O ano de 2010 entrará para os anais da história política nacional. *Mensalões, mensalinhos, mensaleiros e propinodutos* já bastante comuns na política brasileira representaram (de novo!) o ruinoso hábito de se fazer politicagem no país. Por outro lado, assistimos a curiosos casos de *candidatos-celebridade* ou *candidatos-science-fiction* os quais desfilaram com suas excentricidades pelos palanques eleitorais Brasil afora. O palhaço Tiririca foi certamente o fenômeno eleitoral do ano. 1,3 milhões de pessoas *tiriricaram* seus votos, conforme sugeriu Veja em uma reportagem. Mas talvez o marco histórico mais significativo foi a fixação do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva como um dos maiores líderes político-populares da história política do Brasil. Ele, dada sua popularidade, contribuiu decisivamente para a eleição de Dilma Rousseff, primeira mulher a subir ao posto mais alto do país. Venceram os *dilmistas*, perderam os *serristas*. É parte do jogo democrático. O que fica é a história. E parte dela está registrada neste trabalho.

Ao iniciarmos esta pesquisa, uma antiga, porém pertinente imagem criada por Celso Cunha nos veio à mente. Em *Uma Política do Idioma*, o saudoso mestre põe em relevo o caráter ebulitivo da língua de sua época. O



texto data de 1975<sup>1</sup>. Mas talvez seja ainda mais apropriado aos dias de hoje falar em “caráter ebulitivo” em razão do vertiginoso crescimento sócio-político-tecnológico vivenciado por nós na sociedade moderna. O mundo contemporâneo é, portanto, terreno profícuo para o novo. E o novo nos chega, em grande parte, via neologismo.

Nosso trabalho está assim dividido:

No capítulo 01, apresentam-se características gerais do léxico com especial enfoque no dinamismo lexical. Para tanto, faz-se uma breve incursão no tema da mudança linguística, enfatizando-se as mudanças ao nível do léxico e destacando-se a linguagem como atividade criadora. Abordam-se, finalmente, de forma ilustrativa, alguns fatos da produtividade lexical que, de algum modo, propõem reflexões acerca do fenômeno.

No capítulo 02, esboçam-se os objetos das ciências do léxico, de modo a salientar a importância da neologia no âmbito dos estudos lexicais. Em seguida, procede-se a uma discussão acerca do reconhecimento da unidade neológica e à exposição de sua tipologia. Posteriormente, discorreremos, de modo sucinto, sobre a dimensão contextual do surgimento dos neologismos pesquisados, pois os contextos políticos, como assevera Valente (1997a), são propícios à criação de novas formas. Em função disso, evidenciam-se as relações entre língua, persuasão e ideologia. Faz-se, por fim, uma breve reflexão sobre o percurso neológico.

No capítulo 03, apresentam-se alguns processos de criação de unidades lexicais, os quais foram importantes para a descrição dos neologismos inventariados. Procurou-se, neste e em outros capítulos, exemplificar as exposições com formações não constantes do *corpus*. Acreditamos que, com tal procedimento, damos uma dimensão maior do que foi a eleição de 2010, concorrendo para ampliar a visão sobre ela, bem como da potencialidade do sistema lexical da língua portuguesa. Neste ponto, esclareça-se que boa parte dos neologismos usados nas exemplificações proveio da revista *Veja*, de cuja assinatura dispomos. Cabe observar, ademais, que esta dissertação tem por foco os neologismos lexicais (ou formais), reconhecidos, mormente, mediante o confronto com os *corpora* de exclusão antes mencionados. Não obstante,

---

<sup>1</sup> Cabe lembrar que a primeira edição deste livro remonta ao ano de 1964.

havendo algum neologismo semântico relevante para o contexto político, ele poderá ser listado ilustrativamente.

No capítulo 04, apresenta-se a metodologia usada na confecção deste trabalho. Em seguida, em observância à metodologia utilizada, listamos, datamos e descrevemos os neologismos encontrados, de modo a oferecer uma visão, ainda que parcial, do que foi a eleição de 2010.

Também elaboramos tabelas nas quais constarão, em ordem alfabética, as formas não dicionarizadas. As formações por sufixação e prefixação foram organizadas em tabelas que fornecem indicações de produtividade dos formantes. Ressalte-se que são apenas “indicações” já que não se pretendeu, em absoluto, fazer um estudo específico da produtividade de um ou outro elemento ou de algum processo de formação.

Compreendendo as inovações lexicais como reflexo da projeção sócio-cultural de um povo em uma época dada, espera-se, por meio dos registros aqui feitos, colaborar com os estudos sobre neologia do português brasileiro.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nas abordagens tradicionais, o léxico é comumente entendido como um conjunto fechado de unidades, geralmente dispostas em lista num dicionário. É de notar que essa visão está também tão presente na vida cotidiana dos falantes, que grande parte deles crê que um dicionário abarca todas as palavras de uma língua, fato que podemos observar em diálogos do tipo: “— Essa palavra existe? – Não sei, procure no dicionário.” De fato, não é raro encontrar quem tenha vivenciado uma situação parecida.

Mas a ideia de léxico como um conjunto limitado de unidades é facilmente desconstruída quando, por exemplo, deparamos com inúmeras palavras<sup>2</sup> que diariamente penetram a língua como exigências da comunicação ordinária. Se formos procurar em uma obra lexicográfica qualquer a palavra *gorilagem*, é bem provável que não a encontremos. O mesmo acontece com *ficha-limpa*, *aeroforno*, *auxílio-paletó*, entre tantas outras recém-criadas e ainda não dicionarizadas. Disso decorre que, muito embora tenhamos comumente o dicionário como ponto de referência para a existência ou não de uma palavra, ele não dá conta de registrar as unidades linguísticas em sua totalidade.

Como falantes e participantes da vida em sociedade, estamos sempre conhecendo e criando novas realidades seja por força do dinamismo da vida cotidiana, seja por motivos de outra natureza. Naturalmente, as novas criações demandam novas palavras para nomeá-las, de modo que uma lista de palavras prontas por certo não daria conta de acompanhar o homem nas múltiplas atividades que realiza. O que queremos dizer nestas linhas iniciais é que, para além de uma lista de unidades realizadas, precisamos também de um sistema dinâmico que nos permita construir novas palavras para suprir necessidades denominativas e/ou expressivas. As palavras supracitadas – e as tantas outras com as quais depararemos no decorrer deste trabalho – são frutos desse sistema, do qual trataremos ao longo deste capítulo.

Correia e Lemos (2005, p. 09) concebem o léxico como o conjunto virtual de todas as palavras que fazem parte de uma dada língua. De acordo com as autoras, o componente lexical é um complexo que compreende as palavras “neológicas, as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são

---

<sup>2</sup> No capítulo 03, tenta-se precisar o complexo conceito de “palavra”.

possíveis tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua.”

Basilio (2004, p. 09), por sua vez, conceitua o léxico como “uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação (...)”. A autora afirma que, ao lado de um léxico externo, há também, do ponto de vista interno, um léxico mental. O primeiro, léxico externo, é constituído das palavras efetivamente atestadas nos enunciados de uma língua ou constantes dos dicionários. O segundo abarca não somente as palavras que o falante conhece e utiliza, mas também o conhecimento dos padrões estruturais, mediante os quais é possível construir e interpretar formas da língua. Conforme se infere, o léxico mental reporta à competência lexical do falante, a qual lhe permite analisar e construir novas palavras em sua língua. Descrevê-la-emos na seção 1.2.1.

As considerações feitas acima nos conduzem à compreensão do léxico não somente como uma lista de palavras prontas, senão também como sistema de possibilidades que nos permite, por meio da manipulação das peças disponíveis no sistema da língua, entender e formar novas unidades.

Consoante Vilela (1997, p. 31), podemos conceber o léxico, mais especificamente, de duas perspectivas funcionais distintas, mas complementares. Na primeira delas, a da cognição-representação, ele é considerado “a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística.” Por esse prisma, o componente lexical cumpre a função de nomear e registrar o conhecimento de tudo aquilo que nos cerca, permitindo-nos, mediante a atividade cognoscitiva, adquirir, produzir e propagar cultura. Numa segunda perspectiva, a comunicativa, o léxico corresponde a um conjunto de palavras que concorre para que uma dada comunidade linguística estabeleça a interação entre seus membros.

Nos dois pontos de vista, trata-se sempre da codificação de um saber partilhado pelos falantes de um determinado grupo sociolinguístico.

Do que foi dito até agora, duas considerações são de suma importância para a concepção de léxico de que vimos falando: a primeira delas assume-o como conjunto de palavras realizadas e realizáveis (Barbosa, 1979); a segunda atribui a ele duas funções que se implicam mutuamente: a de categorizar as unidades do mundo e a de fornecer instrumental para que nos comuniquemos.

Por outro lado, o dinamismo lexical evidencia a notória dificuldade de se estudar o sistema lexical, concebido em tese como um conjunto infindo que, como corolário das exigências comunicativas, expande-se constantemente. Tal fato comumente serve de base para que alguns estudiosos estabeleçam uma oposição entre léxico (classes abertas) e gramática (classes fechadas).

Releva observar, contudo, que a completa separação entre léxico e gramática tem sido posta em discussão, visto haver fenômenos, entre os quais a lexicalização<sup>3</sup>, que sugerem sua interligação. Em virtude disso, Léon (apud Alves 2006, p. 135) afirma que, na verdade, léxico e gramática fazem parte de um *continuum*: em uma extremidade está o léxico, que tem a propriedade de ser aberto, enquanto a gramática, na outra extremidade, contém classes fechadas. Por conseguinte, é importante ter em conta que a separação é feita apenas com fins didáticos na medida em que, muita vez, é bastante tênue e discutível a rígida cisão<sup>4</sup>.

Azeredo (2000, p. 13) ainda pondera que:

Esse modo de opor léxico e gramática tem, contudo, o inconveniente de não reconhecer o caráter lexical dos *artigos*, *preposições*, *pronomes* e *conjunções* (...). Essas unidades, porém, pertencem ao léxico tanto quanto os verbos, substantivos e adjetivos. Todas vêm listadas no dicionário, todas têm um significado que compete ao dicionário informar, cada uma precisa ser aprendida como uma unidade lexical independente.

Divergências à parte, é inegável que as línguas naturais se organizam fundamentalmente a partir de dois grandes grupos de unidades: as que representam o universo extralinguístico e as que cuidam das relações intralinguísticas.

Em linhas gerais, as primeiras cumprem a função de nomear coisas, qualidades e processos do universo físico, psíquico ou social (*política*, *paixão*, *estado*, *votar*, *magnífico*). Constituem paradigmas abertos que são formados por nomes (substantivos e adjetivos), verbos e por alguns advérbios derivados

---

<sup>3</sup> Conforme Correia e Lemos (2005, p. 86), lexicalização é o “processo pelo qual determinadas unidades construídas em outras componentes da gramática (sintática, morfológica, discursiva) se transformam em unidades lexicais que se fixam na língua, passando a funcionar como unidades lexicais de pleno direito”. É o que ocorre, por exemplo, com *casa de detenção* e *meio de transporte*. As referidas palavras, embora sejam construídas no componente sintático da língua, adquiriram *status* de unidades lexicais e estão se fixando no léxico.

<sup>4</sup> O esquema que divide léxico e gramática também pode ser entendido no plano mórfico. O léxico seria formado por morfemas lexicais, cujo significado apontaria para relações extralinguísticas (lexemas). A gramática compreenderia os morfemas gramaticais, responsáveis pelas relações intralinguísticas (gramemas). O conceito de morfema será discutido no capítulo 03.

de adjetivos. Essas classes são as principais responsáveis pela renovação lexical.

Ao lado dos elementos que possuem significação externa, há os que são responsáveis pela organização e estruturação interna das línguas (*pois, entre, um, mas*). Cumprem essa função, por exemplo, conjunções, preposições e artigos, cuja significação só é apreendida no contexto linguístico. Essas classes constituem um paradigma praticamente fechado de unidades.

Em sentido lato, “léxico” corresponde a “vocabulário”. No entanto, alguns autores, entre os quais Barbosa (1979, p. 88), diferenciam os dois termos, entendendo vocabulário como “o conjunto de unidades lexicais já realizadas, isto é, efetivamente atualizadas em discurso.” Se tivermos em conta tal diferença, é possível fazer um estudo do léxico a partir de seus subconjuntos (vocabulário de uma comunidade, de um autor, de uma ciência etc.).

Por fim, vale ressaltar que o patrimônio vocabular de uma língua articula-se de modo singular com a história sócio-cultural de seus falantes, de maneira a espelhar, fidedignamente, por meio dos fatos linguísticos, os fatos sociais. Recorramos a Silva (2000, p. 142), cujas palavras são elucidativas:

O léxico constitui-se do saber vocabular de um grupo sociolinguístico e culturalmente definido; é o conhecimento partilhado que povoa a consciência do falante, onde esse acervo se configura como verdadeira janela através da qual o indivíduo divisa o seu entorno, ao mesmo tempo em que, ademais, revela os valores, as crenças, os costumes, os modismos que viabilizam a comunidade em que vive o usuário de tal e qual palavra. É no léxico, ainda, que se gravam – e, não raro, pirogravam – as designações que rotulam as mudanças encadeadoras dos caminhos e dos descaminhos da humanidade, além de comporem o cenário de revelação tanto da realidade quanto dos fatos culturais que permearam sua história.

Como mostra a autora, léxico, cultura e história se entrelaçam, implicando-se mutuamente. Tentar segregar esses três elementos é tarefa improvável, para não dizer impossível, porquanto a evolução sócio-histórico-cultural reflete-se nas estruturas linguísticas, em especial, nas lexicais. Nos dizeres de Carvalho (1984), o elemento da língua está ligado diretamente ao universo das pessoas e das coisas, universo em constante mutação. Nas seções seguintes, falaremos mais detidamente das relações entre léxico e cultura, pondo em relevo as mutações que se refletem, em especial, no plano lexical.

## 1.1 Léxico e mudança linguística

A mudança, como lembra Coseriu (1982, p. 40), é um traço constante e característico das línguas. Um breve olhar para o interior do sistema linguístico português de hoje bastaria para atestar que ele não é exatamente igual ao que era há vinte anos. Essa mesma observação leva-nos a crer que, no estado atual da língua, muito embora grande parte de sua estrutura seja conservada, as renovações surgem constantemente como respostas às necessidades comunicativas dos falantes. A língua acompanha o homem, portanto, e, decorrente disso, ela se nos apresenta como um organismo vivo e dinâmico.

É sabido que as mudanças linguísticas, apesar de contínuas, ocorrem lenta e gradualmente, um dos motivos pelos quais quem usa a língua comumente não tem a consciência do dinamismo linguístico. De acordo com Martinet (1975, p. 177), “tudo conspira para convencer os indivíduos da imobilidade e da homogeneidade da língua que praticam: a estabilidade da forma escrita, o conservantismo da língua oficial e literária, a incapacidade em que se encontram de se lembrarem do como falavam há dez ou vinte anos antes.”

Acresce, segundo Faraco (2005), que as mudanças, em geral, costumam partir das partes para o todo. Isso significa dizer que uma língua vai, paulatinamente, se fazendo no tempo obedecendo a um complexo jogo de mutação e permanência. Dito de outro modo, uma mudança opera enquanto uma grande parte do sistema permanece inalterada. Tudo isso concorre para que os falantes não se deem conta das mudanças ocorridas na língua que falam.

No entanto, mesmo havendo na consciência do falante a sensação de que língua é estática, tudo nela pode mudar: desde aspectos de pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática.

Releva observar, ainda de acordo com Faraco (2005, p. 14), que muito embora as mudanças linguísticas provoquem alterações na configuração estrutural das línguas, estas nunca perdem “*sua plenitude estrutural*” e seu “*potencial semiótico*”. Ou seja, as línguas continuam sempre organizadas e nunca deixam de ser um eficaz meio de comunicação à disposição dos indivíduos que delas se servem. Na verdade, como bem observou Bally (apud

Coseriu, 1979, p 15), as línguas mudam justamente para continuar funcionando; para sempre oferecer aos falantes meios de expressão adequados às demandas comunicativas.

Coseriu (1979) pondera ainda que a mudança deve ser concebida como o “fazimento” do sistema. Não cabe, pois, falar em “sistema” e “movimento” como coisas opostas, uma vez que a língua representa um “sistema *em* movimento”, em permanente construção, em contínua sistematização. As línguas mudam porque não são realidades estáticas; elas se fazem continuamente pela atividade linguística. Assim,

(...) a língua não é dinâmica porque muda – ou seja, porque a mudança é um “fato” –, mas muda porque sua natureza é dinâmica: porque a linguagem é atividade livre, isto é, criadora. (...) deve-se rechaçar por completo a concepção da língua como sistema realizado em que acontecem mudanças e chegar a conceber a mudança como fazimento do sistema. (Coseriu, 1979, p. 227-228)

Portanto, as línguas evoluem porque é próprio delas evoluir. Se assim não fosse, estariam fadadas à estabilidade permanente, o que seria para elas a sua morte.

Os estudiosos em geral concordam que o fenômeno da mudança parece acompanhar de perto a evolução da própria sociedade (Monteiro, 2000). Desse modo, mudam-se os hábitos, os costumes, os modos de ver a realidade e de senti-la, criam-se novas realidades, novos conceitos e, por consequência, muda-se também a língua para dar conta das inovações na estrutura social.

Por ser suscetível a pressões internas e externas, o componente lexical deixa aflorar mais fortemente as inovações. Nesse sentido, Pilla (2002, p. 11), destacando a ligação entre fato linguístico e fato social, em especial ao nível do léxico, assinala que:

A evolução do mundo e do pensamento, o avanço científico-tecnológico e as transformações da sociedade geram referentes em mutação que se refletem no léxico. Todas as etapas de transformação social – a história da sociedade, enfim – fazem do léxico um sistema aberto, no qual continuamente novos significados demandam novos significantes.

Um breve olhar para a realidade empírica é suficiente para corroborarmos as palavras de Pilla. Adentrando as caudalosas terras da política brasileira, bastou Dilma Rousseff, então pré-candidata à eleição presidencial pelo Partido dos Trabalhadores (PT), ser alçada à condição de presidenciável para que diversos neologismos surgissem a partir de seu nome: *dilmista*, *Dilmasia*, *anti-Dilma*, entre outros. De modo análogo, criaram-se



*serrista*, *Serrélio*, *Serralândia*<sup>5</sup>, inovações lexicais referentes ao adversário da petista, José Serra, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Mais alguns exemplos podem ser citados: para indicar que um político tem bom desempenho em palanques, cunhou-se o neologismo semântico *palanqueiro* (V 10/02/2010). Para nominar o gesto dos políticos de falar golpeando o ar, criou-se o neologismo *martelinho* (V 03/03/2010). Joaquim Roriz, o *multiprocessado* (V 28/04/2010), foi personagem com destaque negativo na política brasileira. O mensalão ainda reverberou com o reaparecimento do *homem-cueca* (V 13/01/2010), palavra criada em alusão ao assessor petista José Adalberto Vieira da Silva, flagrado em um aeroporto com dinheiro na cueca. Com relação à política internacional, Hugo Chávez, presidente da Venezuela, foi um dos fundadores da *petrodiplomacia* (V 29/09/2010), por meio da qual fornece recursos energéticos a outros países em troca de benefícios. Cuba foi alcunhada de *ilha-prisão* (V 14/04/2010) em virtude de sua política autoritária e isolacionista. Como vemos, o alterar constante da língua acompanha as necessidades comunicativas dos falantes que a empregam.

Com relação ao universo lexical, percebemos que ele se funda num equilíbrio dinâmico de conservação e mudança. Ao mesmo tempo em que uma grande parte do léxico se conserva, de forma a garantir a intercompreensão entre os usuários da língua, o desaparecimento e, nomeadamente, o surgimento de novas unidades lexicais propiciam sua continuidade histórica.

Mas um fato linguístico novo não implica necessariamente uma mudança linguística. Impulsionado por diversas razões, entre as quais pelo princípio de economia, o sistema geralmente filtra as inovações tomando para si o que é realmente funcional, descartando o que não tem tanta relevância para o seu funcionamento. Clare (2004, p. 32) assim sintetiza o percurso de uma inovação linguística:

Quando um fato desponta na língua, tem-se a inovação, ou seja, o afastamento dos modelos existentes na língua. Se houver aceitação da inovação por parte dos falantes e seu aproveitamento em ulteriores expressões, dir-se-á que ocorreu a adoção. Só a partir desse momento há a mudança no sistema. A mudança linguística será, pois, a generalização de uma inovação, ou seja, uma série de adoções sucessivas.

---

<sup>5</sup> Parte desses neologismos será descrita na parte prática do trabalho.

Foi o que aconteceu com as palavras *mensalão* e *mensaleiro*, fartamente utilizadas nos últimos tempos em decorrência dos sucessivos escândalos da política brasileira. A difusão e o emprego sucessivo dos vocábulos, tanto em meios políticos quanto em contextos populares, atestaram a adoção. Atenta a esse fato, a equipe lexicográfica responsável pelos acréscimos no dicionário Aurélio inseriu o verbete em suas edições eletrônicas mais recentes.

Do que ficou dito, cremos ser lícito ponderar que, se a mudança é, por certo, um fenômeno inquestionável, é igualmente verdade que uma das suas manifestações mais visíveis é no componente lexical das línguas, uma vez que o léxico, ao codificar dados da experiência extralinguística, relaciona-se estreitamente com a cultura, refletindo-a.

As mudanças, ao nível do léxico, manifestam-se, basicamente em dois níveis: (a) na criação de novas unidades lexicais, os neologismos, dos quais trataremos com mais vagar no capítulo seguinte e (b) no abandono de algumas unidades por razões extralinguísticas, os arcaísmos.

Importa, nas próximas seções, referir-nos ao ato de formar novas palavras como processo dinâmico-criativo, conforme sugeriu Coseriu.

## **1.2 A Criatividade lexical**

Dissemos que a língua se altera também para acompanhar o homem, ser ativo na (re)construção de seu meio. Para Coseriu (1982, p. 23), uma descrição linguística que se pretenda ser verdadeiramente adequada a seu objeto deve apresentar a língua como um sistema dinâmico; como um sistema para criar e não simplesmente como um produto acabado. Considerando-se o que foi dito, é natural que o sujeito-falante disponha de mecanismos para o engendramento de novas estruturas linguísticas para que deles se sirva no ato comunicativo. Isso nos conduz, no plano léxico, à noção de competência lexical, conceito de que tratamos nas linhas que seguem, bem como aos processos de formação de novas palavras, os quais serão abordados no capítulo 03

### 1.2.1 Competência lexical

Uma das propostas centrais da teoria gerativo-transformacional é a noção de competência linguística. Tal conceito é relevante para estudos de natureza lexical, visto permitir também compreender a criação de novas unidades lexicais como processo ativo, estreitamente ligado à capacidade criativa do falante. Por conseguinte, cremos ser útil descrevê-lo, de forma sucinta, neste trabalho.<sup>6</sup>

Denomina-se competência linguística o conhecimento que o falante tem de sua língua como falante nativo (Basílio, 1980). Assim sendo, postula-se que o falante detém um saber internalizado de sua língua a ponto de fazer uso das unidades linguísticas nas situações de interação, além de possuir a capacidade de criar novas estruturas, conforme as necessidades expressivas. Como subdivisão da competência linguística, a competência lexical é o conhecimento internalizado do falante nativo sobre o léxico de sua língua (Basílio, 2003). Nesse sentido, admite-se que ele conhece a estrutura interna das palavras, sabe avaliá-las e interpretá-las do ponto de vista de sua formação, podendo inclusive criar itens lexicais novos a partir das regras que conhece e domina.

Para Basílio (1980, p. 09), a competência lexical abarca:

a) o conhecimento de uma lista de entradas lexicais<sup>7</sup>; b) o conhecimento da estrutura interna dos itens lexicais, assim como relações entre os vários itens; e c) o conhecimento subjacente à capacidade de formar entradas lexicais novas (e, naturalmente, rejeitar as agramaticais).

De conformidade com Basílio (1980), a competência lexical pode ser explicitada a partir de dois tipos de regras: as regras de análise estrutural (doravante RAE's) e as regras de formação de palavras (doravante RFP's).

As RAE's preveem que o falante é capaz de analisar a estrutura das palavras derivadas de sua língua e estabelecer relações paradigmáticas entre grupos de palavras. Tomemos, a título de ilustração, a palavra *gatunagem*. Partindo de sua competência lexical, o usuário tem o conhecimento de que a palavra se formou de um substantivo acrescido de *-agem*, cujo significado,

<sup>6</sup> Foge ao escopo desta pesquisa o aprofundamento nas teorias que buscaram, no gerativismo, dar conta do estudo lexical. Interessa-nos apenas destacar que, diferentemente da escola estruturalista, a formação de palavras passou a ter uma abordagem mais ativa, embasada na noção de competência. Tal peculiaridade interessa, sobretudo, aos estudos neológicos, pois os neologismos, via de regra, são decorrentes de um processo dinâmico-criativo. Para um maior aprofundamento das teorias que buscaram dar conta do componente lexical na escola gerativa, veja-se Basílio (1980) e Rocha (2003).

<sup>7</sup> Entradas lexicais correspondem a elementos linguísticos internalizados que o falante conhece e utiliza (Rocha, 2003). Podem ser livres (*politicagem, compadrismo*), dependentes (*com, entre, mas*) e presos (*narco-, agro-, -ismo, -ês*).

nessa construção, é modo *de proceder ou ser* do elemento expresso pela base (gatuno). Podemos formalizar essa regra da seguinte maneira:

$$\begin{aligned} & [[X] a ] Y ] b \\ & [ [ gatuno] s -agem]s \end{aligned}$$

Se, por outro lado, o falante cria novos itens lexicais com o auxílio de regras específicas, diremos que foram utilizadas as RFP's. De acordo com Rocha (2003, p. 40), as RFP's são assentadas em relações paradigmáticas. Desse modo, além do saber acerca da estrutura de palavras – ou seja, sobre as RAE's – ele poderá, com base em elementos pré-existentes na língua, aplicar regras morfológicas com vistas a formar outros itens lexicais que, com eles, guardem relações em um paradigma. Seja esta RFP:

$$\begin{aligned} & [X] a \rightarrow [ [X] a Y ] b \\ & [gatuno] s \rightarrow [ [ gatun(o)] s -agem] s \end{aligned}$$

Partindo-se do esquema acima, criaram-se *gorilagem\** e *tucanagem\**, palavras que, conquanto não estejam registradas em obras lexicográficas usadas nesta pesquisa<sup>8</sup>, representam construções perfeitamente possíveis na estrutura da língua. Assim sendo, a competência lexical nos permite formar as palavras assinaladas com asterisco e outras mais porque, nesse caso específico, dominamos a regra segundo a qual um sufixo indicador de “modo de proceder ou agir” pode-se adjungir a um substantivo agregando-lhe tal noção semântica.

Basílio assinala ainda que a toda RFP associa-se uma RAE, mas o inverso nem sempre ocorre. Com efeito, a partir da interpretação de uma regra, o falante pode usá-la ou não na formação de novos itens. Considere-se, por exemplo, a palavra *casebre*. Muito embora se reconheçam dois elementos em tal formação (casa + -ebre), não se utiliza mais tal RAE como RFP. Como se

---

<sup>8</sup> Tais palavras não constam dos *corpora* de exclusão utilizados nesta pesquisa. Esse critério de natureza lexicográfica é usado por nós para reconhecimento de neologismos na língua portuguesa. O asterisco representa processos possíveis na estrutura linguística do português, porém não presentes nos filtros.

infere, RAE's são regras interpretativas, ao passo que as RFP's são regras produtivas.

Ao seu turno, Valente (1997a, p. 96), ao inserir o conceito de matriz morfológica, contribui para a clarificação da competência lexical do falante. Para o autor, as matrizes morfológicas “correspondem aos modelos – os esquemas de língua – para formação de palavras.” Nesse sentido, representam uma espécie de molde linguístico que nos possibilita criar novas palavras. Tendo em conta essas observações, ao analisarmos um neologismo como *gargalhada-metralhadora*, cunhado por Jorge Bastos Moreno para referir-se ao modo de rir de Fafá de Belém, chegamos à conclusão de que o jornalista utilizou a seguinte matriz:

Substantivo + Substantivo = substantivo composto

Outras matrizes são exemplificadas a seguir:

Substantivo + sufixo: Cuba + -ismo → cubanismo  
(V 13/10/2010)

Verbo + sufixo: Culpabilizar + -ção →  
culpabilização (V 28/06/2010)

Verbo + sufixo: Venezuela + -ar → *venezuelar* (V  
29/09/2010)

Nesse percurso que coloca o falante nativo como protagonista do fazer lexical, cremos ser útil reportar ao princípio da analogia<sup>9</sup>. Para Saussure (1995, p.187), a analogia “supõe um modelo e sua imitação regular. Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de muitas outras segundo uma regra determinada.” Em se tratando da criação vocabular, a analogia é um processo de engendramento lexical a partir do qual se criam vocábulos por associação a outros disponíveis no léxico da língua.

O *corpus* de que nos valem para esta pesquisa revelou-se profícuo em criações analógicas. A título de ilustração, coletamos, provavelmente por associação a *termômetro* ou a outras palavras congêneres, *promessômetro*, *twitômetro*, *transferômetro*, dentre outras formações que atualizaram a raiz

<sup>9</sup> Sandmann (1991) distingue a analogia da formação de palavras segundo uma regra ou modelo. Aqui, mantivemos a analogia na seção *competência lexical*, porque, mesmo seguindo um modelo imitativo para a criação vocabular, parece-nos razoável ponderar que o falante emprega, de algum modo, o seu saber linguístico para engendrar novas formas. A mesma observação vale para o conceito de matriz morfológica, de Valente (1997). A utilização de uma matriz prevê o conhecimento das classes de palavras e das possíveis combinações entre os elementos linguísticos.

grega *metro* (medida). Com efeito, a analogia tem-se mostrado um dos recursos mais vigorosos de expansão lexical de que dispõem as línguas.

Nesta dissertação, como trabalhamos com estruturas morfológicas que atuarão, como se verá mais adiante, na produção de neologismos, a noção de competência lexical ganha relevância por colocar o sujeito-falante como protagonista da criação lexical. Desse modo, ele é apresentado como sujeito do ato linguístico capaz de interpretar e produzir neologismos quando, de algum modo, isso se fizer necessário na comunicação ordinária.

### 1.2.2 Por que inovação lexical?

Vimos que o sujeito-falante possui a capacidade de formar novos itens lexicais. Isso é parte do seu saber lexical. Ocorre que o ato de formar palavras parece-nos tão natural que, comumente, ele nos passa despercebido nas situações do cotidiano. Fazemo-lo quase inconscientemente. Em algumas passagens deste texto, cremos ter sugerido, ao menos superficialmente, os fatores motivacionais da formação de palavras. Agora, passamos a abordá-los mais detidamente. Assim, em face da inovação lexical, uma pergunta se coloca: por que formamos novas palavras? A resposta a essa pergunta reside nas três funções da formação de palavras: função sintática, função de rotulação e função discursiva (Basílio, 2003; Rocha, 2003 e Sandmann, 1997).

Com frequência, mudamos a classe de uma palavra para utilizá-la em contextos estruturais em que ela não caberia. Se, por exemplo, quisermos utilizar a noção de um verbo como *estabilizar* num determinado contexto que exija um nome, poderemos fazê-lo por meio do processo de nominalização, criando a palavra *estabilização* (estabilizar + -ção). Vejamos:

- (a) As medidas do governo estabilizaram a moeda.
- (b) A estabilização da moeda é decorrente das medidas do governo.

Assim, ao alterarmos a classe de uma palavra para a utilizarmos em outras estruturas, estamos falando da função sintática da formação de palavras. Ela é condicionada por exigências do sistema linguístico (Rocha, 2003) e, como se infere, é motivada por razões de economia, uma vez que nos

permite utilizar, em novas construções, noções presentes em outras classes de palavras.

A função de rotulação, ao seu turno, relaciona-se com a necessidade que temos de dar nomes às coisas. A propósito das alianças políticas da eleição presidencial de 2010, cunharam-se alguns nomes bastante interessantes por meio da palavra-valise (cf. capítulo 03). Em discurso em Minas Gerais, a candidata Dilma Rousseff, com o intuito de reforçar as alianças, disse espirituosamente:

“Como houve **Lulécio**, é possível que haja **Dilmasia**. Eu acho até melhor a inversão. Dilmasia é esquisito. **Anastadilma**, qualquer coisa assim.”  
(V 14/04/2010)

*Lulécio* faz menção ao apoio concedido por Aécio Neves, então candidato ao governo mineiro, a Luis Inácio Lula da Silva em 2006. *Dilmasia* e *Anastadilma* representam a integração de Dilma Rousseff e de Antonio Anastasia, candidato ao governo de Minas Gerais em 2010. Nesse caso, as palavras foram engendradas basicamente para nomear as alianças políticas, o que evidencia a função semântica da formação de palavras.

A função discursiva, por fim, vincula-se à criação de uma nova palavra por motivos afetivos e/ou expressivos. Desse modo, valendo-se da criação vocabular, o falante “imprime sua marca ao enunciado, inscrevendo-se, explícita ou implicitamente, na mensagem” (Gonçalves, 2005, p. 47). Em outros termos, por meio dos processos de formação de palavras, podemos externar nossas impressões acerca de algo ou de alguém. O neologismo a seguir foi criado por um leitor de Veja:

“O maior impedimento é que os passageiros do avião presidencial (...) não sentem na carne e no bolso os transtornos que seus patrocinadores vivenciam nos **aerolixos** do país.” (V 14/04/2010)

Assumindo uma postura claramente irônico-crítica, o leitor utiliza, acidamente, a palavra *aerolixo* (aero(porto) + lixo) para retratar a situação vergonhosa dos aeroportos brasileiros. Quando contextualizado, o neologismo imprime à mensagem toda sua carga enfática, desvelando a intencionalidade do sujeito-falante no ato discursivo.

Basílio (2003) observa que, não raro, essas funções aparecem integradas em um mesmo processo. Desse modo, as construções como

*Dimasia, Anastadilma, Lulécio*, além de possuírem função semântica, também apresentam, de algum modo, função discursiva, dado que, contextualmente, parecem revelar a intencionalidade do falante frente ao que é enunciado. Ora, é fácil perceber nesses casos que as palavras-valise são bem expressivas, porquanto enfatizam a integração, a união, o comprometimento entre os políticos.

### 1.2.3 A produtividade lexical

Na esteira de Basilio (2003, p. 91), entendemos por produtividade lexical “a potencialidade de um elemento ou processo de formação na produção e/ou no reconhecimento das formas”. A produtividade está intimamente vinculada à criatividade linguística do falante e está condicionada às possibilidades do sistema linguístico.

Quando nos debruçamos nos processos de formação de palavras do português, verificamos com facilidade que alguns são mais produtivos que outros, ou seja, chegamos à constatação de que há processos que são mais ativados que outros pelos falantes na construção de novas formas. A composição e a derivação, por exemplo, são bastante produtivas em português, fato que pudemos atestar a partir das várias unidades lexicais que encontramos no *corpus*. A parassíntese, de modo diverso, não obteve registro em nossa pesquisa.

Sem pretensão de esgotar o assunto, é curioso perceber como alguns fatores favorecem a produtividade de certos modelos derivacionais. Conforme Basílio (2003), a generalidade das noções expressas pelo elemento é um aspecto favorecedor da produtividade. Por expressar uma noção comum e geral (a saber, de modo X) a construção X-mente pode ser usada quase que irrestritamente na construção de advérbios a partir de adjetivos (*implicitamente, tristemente, dificilmente* etc.). Diversa é a situação de *-ada* (comida à base de X), visto tratar-se de uma noção bastante particular, aplicável apenas a determinados tipos de bases (*feijoada, macarronada* etc.). Naturalmente, sua produtividade tende a ser mais restrita.

Outro aspecto levantado por Aronoff (apud Sandmann, 1997) é o da transparência semântica dos formantes. Consideremos o elemento *-dor*



(agente de X). A partir do acionamento da regra  $[X]S \rightarrow [[X]S -dor] S$ , formamos um número considerável de substantivos agentivos em português. Isso se deve, em parte, à sua coerência semântica. Em palavras como *abastecedor*, *ligador*, *fazedor*, *aspirador* etc., os sufixos expressam noções bastante transparentes no que tange ao significado. Logo, é previsível que sua produtividade seja grande.

Por outro lado, há fenômenos tendentes a intervir na produtividade, cerceando a formação de novas palavras, muito embora algumas delas sejam potencialmente viáveis. A título de ilustração falemos, sumariamente, das restrições e do bloqueio.

Relativamente às restrições, podemos dizer, com Rocha (2003) e Monteiro (2002), que elas são de cinco naturezas:

a) semânticas – palavras como *ex-pai\**, *desonhar\**, *desinvejoso\**<sup>10</sup> são improváveis em decorrência da pouca probabilidade de se entenderem construções como essas.

b) sintáticas – o prefixo *re-* seleciona bases que permitem a repetição da ação expressa pelo verbo: *refazer*, *reimprimir*, *reinterpretar*. Por conseguinte, construções como *ressonhar\** e *remorrer\** são, em princípio, inaceitáveis.

c) morfológicas – uma vez acionado o sufixo *-ecer*, outros, como *-ção* e *-idade* ficam impossibilitados de ocorrer: *rejuvenescer* (*rejuvenescição\**, *rejuvenescidade\**).

d) fonológicas – conquanto sejam virtualmente possíveis, formações *teorizamento* (*teorizar + mento*) e *inrazoável* são evitadas, porque o falante sente que são dispendiosas ou não eufônicas.

e) discursivas – alguns sufixos são restritos a certos tipos de discurso. É improvável, por exemplo, que na linguagem formal apareçam afixos de grau como *-inho* (*bonitinha*, *amiguinha*).

Importa ainda falar sobre o bloqueio. De acordo com Aronoff (apud Monteiro, 2002, p. 162), pode-se definir o bloqueio como “a não ocorrência de uma forma em virtude da simples existência de uma outra.” O bloqueio busca dar conta das construções consideradas possíveis sob o prisma dos padrões morfológicos vigentes de formação, mas que não se realizam. Ilustrando:

<sup>10</sup> Aqui, os asteriscos são usados para marcar as construções agramaticais. Alguns exemplos são dos próprios autores.

sabemos que em português a construção X-dor é bastante produtiva. Por que então não se formaram palavras como *viajador\**, *estudador\**? Segundo esse princípio, seria porque no lugar delas já existem outras que cumprem seu papel no léxico. Assim, as palavras *viajante* e *estudante* bloqueariam a ocorrência de *viajador* e *estudador*. Vale dizer, no entanto, que tal hipótese só é realmente válida para formas que possuem rigorosamente a mesma carga semântica. A palavra *viajador* é ouvida na linguagem corrente quando o falante quer indicar uma noção frequentativa. Assim, ao lado de *viajante* (aquele que viaja), temos *viajador* (aquele que viaja com certa frequência), que aparece por já possuir matizes semânticos mais específicos que *viajante*.

Note-se ainda que a potencialidade criativa do sujeito-falante pode burlar as regras. Uma palavra como *ex-pai* pode ser usada num contexto expressivo em que se queira, por exemplo, salientar a desvinculação afetiva entre pai e filho. Por outro lado, muitos escritores se valem da quebra do bloqueio, imprimindo à forma desbloqueada contornos expressivos peculiares. O célebre personagem de Dias Gomes, Odorico Paraguaçu, diz *caluniento* em vez de *calunioso* em uma das passagens do filme *O Bem Amado*. Em outra ocasião, fala em *construimento* de um cemitério em vez de *construção*, para ficar em dois exemplos. Parece-nos que a criatividade linguística não raro se liberta de amarras que o sistema lhe coloca, de modo a nos legar formas inusitadas que, por isso mesmo, adquirem carga enfática particular nos contextos utilizados.

Por fim, Rocha (2003) cita ainda o fenômeno da inércia morfológica para referir-se aos produtos possíveis, mas não formados. Não há restrição ou bloqueio para formas como *unhudo\** e *dedudo\**<sup>11</sup>. Elas são perfeitamente possíveis, muito embora não sejam atualizadas. No entanto, nada impede que em um contexto elas venham a figurar, embora sejam a rigor palavras inertes morfológicamente.

O assunto é complexo e, sem dúvida alguma, merece ser tratado com amplitude e profundidade, o que não nos compete fazer neste trabalho. Tencionamos, nesta seção, apenas expor, ilustrativamente, alguns aspectos intervenientes na produtividade, de modo a destacar algumas idiosincrasias da formação de palavras. Muitos trabalhos têm sido feitos na área, com

---

<sup>11</sup> Asteriscos utilizados para destacar que, embora possíveis, tais formas não são atualizadas no léxico.

abordagens específicas sobre a produtividade de alguns formantes ou de alguns processos, a exemplo de Duarte (1999), Henriques (2007) e Sandmann (1991), aos quais remetemos o leitor interessado.

## 2 LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA

Buscamos, no capítulo precedente, expor considerações gerais acerca do léxico e da produtividade lexical. Salientamos, para tanto, as relações entre léxico e sociedade, pondo em foco as razões pelas quais os falantes formam novas palavras. Nesse contexto, sugerimos que “estudar a linguagem significa lidar com a língua em seu aspecto dinâmico (Clare, 2004, p. 11).” Portanto, releva considerar o poder criador do homem em face da língua que lhe serve como meio de expressão. Isso nos conduziu, naturalmente, à concepção do utente como um ser ativo no perpétuo fazer e refazer de sua língua.

No caminho trilhado até aqui, vimos falando de “neologia” e de “neologismo” indistintamente. Neste capítulo, tecem-se considerações mais aprofundadas acerca desses dois conceitos. Antes, porém, falemos brevemente das ciências que cuidam do componente lexical, de modo a situar esta pesquisa.

### 2.1 Lexicologia e Lexicografia: objetos

Tradicionalmente, duas grandes esferas do saber se ocupam do estudo do léxico: a lexicologia e a lexicografia<sup>12</sup>. Muito embora tenham um objeto comum de estudo, o prisma pelo qual o analisam é distinto.

Diremos com Lorente (2004, p.19) que a lexicologia “se ocupa do léxico das línguas de forma completa e integrada.” Em linhas gerais, tal disciplina linguística centra-se em três pontos teóricos básicos, a saber: (a) no estudo e análise da unidade lexicológica básica, ou seja, da palavra; (b) na observação de como se dá o conhecimento e apreensão da realidade através da categorização de signos linguísticos por parte do falante e (c) na compreensão de como se estruturam os campos de significação das unidades léxicas no discurso (Biderman, 2001). A abordagem do léxico é feita considerando-se relações não apenas linguísticas. Por ser a palavra uma criação social, há que

---

<sup>12</sup> Modernamente, há outra ciência que se ocupa do estudo lexical: a Terminologia. De acordo com Lorente (2004, p. 29) “seu objetivo é dar conta do funcionamento das unidades lexicais especializadas em situações comunicativas profissionais, acadêmicas ou científicas.” Mais específica que a Lexicografia, tal ciência nasceu em vista do grande progresso científico-tecnológico caracterizador do mundo moderno. Sua função é, grosso modo, fornecer subsídios que facilitem a comunicação nas línguas de especialidade. É bom advertir, no entanto, que, embora esteja a linguagem da política num domínio dito *profissional*, esta não chega a ser uma terminologia. Isso ficará mais claro quando expusermos a metodologia usada na confecção deste trabalho.

se levar em conta aspectos de ordem social, histórica e cultural estreitamente ligados a ela.

Como ciência que se ocupa do léxico, uma tarefa que cabe à Lexicologia é o estudo da neologia, isto é, da criação de novos itens lexicais (Martins, 2004). Nos estudos lexicológicos, a neologia ocupa espaço privilegiado, porque seus produtos, os neologismos, representam a materialização linguística das inovações em todos os campos do conhecimento humano. A propósito disso, as palavras de Guilbert (apud Martins, 2004, p. 56) são ilustrativas:

Quer se trate de uma descoberta científica, de um progresso industrial, de uma modificação da vida social, de um momento de pensamento, de uma maneira de sentir ou de compreender, de um enriquecimento do domínio moral, o neologismo é imperiosamente solicitado e todo mundo cria palavras novas, tanto o sábio quanto o ignorante, tanto o trabalhador quanto o preguiçoso, tanto o teórico quanto o prático.

Partilhando da opinião de Vilela (1994, p. 51), a formação de palavras é um processo importante na constituição do léxico das línguas particulares. Tendo isso em conta, estudar os mecanismos disponíveis para ampliação lexical, com especial enfoque nas formações neológicas, é relevante não apenas para que nos apercebamos da mobilidade lexical, mas também para que tenhamos consciência da mobilidade sócio-cultural vivenciada por essa mesma comunidade no curso de sua história. Ademais, as criações lexicais, efêmeras ou duradouras, técnicas ou espontâneas, representam a expansão do componente lexical de uma língua, processo que lhe garante a contínua e necessária revitalização.

Intimamente ligada à Lexicologia está a Lexicografia, uma ciência, por assim dizer, mais prática. Isso porque se ocupa da elaboração de procedimentos e técnicas que permitem uma abordagem científica dos dicionários (Garcia, 1995, p. 199). As obras lexicográficas fazem uma descrição do vocabulário de uma língua, com vistas “a registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura” (Biderman, 2001, p. 17). São relevantes tanto do ponto de vista prático, quanto do cultural, uma vez que não se restringem somente a fornecer ao usuário comum informações acerca da grafia, da pronúncia, do étimo, do uso morfosintático ou da significação das palavras. Mais que isso: os dicionários registram o patrimônio cultural codificado pela língua durante um determinado período de

sua história. Daí extrapolar uma função meramente prática servindo de repositório do saber léxico-cultural de um povo.

Procede dizer, finalmente, que, como a unidade lexical básica (palavra) é um complexo de propriedades fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e discursivas, o estudo lexical forçosamente dialogará com outras subdisciplinas linguísticas: morfologia, sintaxe, semântica etc.

Diante disso, são oportunas as observações de Lorente (2004, p. 20):

O léxico está situado em uma espécie de intersecção linguística que absorve informações provindas de caminhos diversos: dos sons (fonética e fonologia), dos morfemas (morfologia), das combinações sintagmáticas (sintaxe) ou do uso linguístico e das situações comunicativas (pragmática). Não há unidade lexical sem que um desses aspectos esteja presente, de modo que a variação que afeta as palavras também tem origem em algum desses componentes.

## 2.2 Neologia e neologismo

### 2.2.1 Conceito

De início, gostaríamos de apreciar algumas conceituações de autores representativos da área, a fim de, em seguida, tecermos alguns comentários sobre neologia e neologismo, com vistas, principalmente, à identificação da unidade neológica.

(1) Em Alves (2007, p. 05), lemos que a neologia é o processo de criação lexical. O elemento resultante dessa atividade é chamado de neologismo.

(2) Carvalho (1983, p. 23) define a neologia como “o estudo da criação da palavra ou conjunto de palavras, de sua produção e aparecimento, num momento dado da história da língua.” Em outro trabalho, Carvalho (2001, p. 66) afirma que neologismo é um termo recém-criado ou recém-tomado a uma língua estrangeira ou a um outro domínio.

(3) Correia e Lemos (2005, p. 13) consideram que a neologia é o fenômeno que “traduz a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, os neologismos.” Mais adiante, definem neologismo como “uma unidade lexical que é sentida como nova pela comunidade linguística” (Correia ; Lemos, 2005, p. 16).

(4) Para Dubois et al. (2004, p. 430-431): neologia “é o processo de formação de novas unidades léxicas”. Já neologismo “é toda palavra de criação

recente ou emprestada há pouco de outra língua, ou toda acepção nova de uma palavra já antiga.”

(5) Houaiss (2009) explica que a neologia se traduz “pela criação ou emprego de palavras ou de acepções novas”, ao passo que o neologismo seria o “emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não” ou a “atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua.”

Excetuando-se os empréstimos linguísticos, as considerações supracitadas põem em foco, explícita ou implicitamente, o binômio processo-produto. Por outras palavras, a neologia é um processo por meio do qual se produzem novos termos, isto é, os neologismos.

Acresce notar que as conceituações arroladas, embora não conflitantes, suscitam algumas reflexões no que respeita ao reconhecimento da unidade neológica. Como assinala Pilla (2002), a definição de neologismo não é totalmente pacífica na literatura linguística. A depender do critério utilizado, as palavras podem ser consideradas neológicas ou não, razão pela qual é necessário estabelecermos um critério objetivo para sua identificação.

Inicialmente, convém notar que o aspecto de novidade perpassa quase todas as definições. Correia e Lemos (2005, p. 15-17), reportando-se a Guilbert, afirmam que o autor considerava o “sentimento de novidade” fundamental para a caracterização das unidades como neológicas. Por esse prisma, neologismos seriam palavras que tivessem, para os receptores de uma dada comunidade linguística, um certo sabor de novidade, por assim dizer. No entanto, sabemos que, em muitas ocasiões, determinar o que é novo ou não é uma tarefa complexa, por envolver características individuais dos falantes, características sociolinguísticas, conhecimento de mundo etc. De fato, ao depararmos com um item lexical nunca antes ouvido – digamos, *chavismo* –, ele pode disseminar um sentimento de completa novidade (até de incompreensão) em um determinado falante que desconheça Hugo Chávez. Todavia, por se tratar da atualização da competência derivacional do falante, o termo pode não apresentar nenhuma noção de novidade para um sujeito que conheça Chávez. Fatos como esse nos levam a crer que o sentimento de novidade é um critério que envolve aspectos psicológicos e, nesse caso, revela-se incompleto e pouco objetivo.

Pilla (2002) reporta-se ainda a um possível critério cronológico, segundo o qual um neologismo seria assim considerado com base na data do seu aparecimento como palavra numa obra lexicográfica ou em um *corpus* representativo, por exemplo. A própria estudiosa faz objeções a tal critério, alegando que nem sempre é possível confiar nas datações. Aliás, os dicionários brasileiros, em geral, não costumam datar os itens lexicais arrolados<sup>13</sup>, o que coloca um problema para o método em causa. Some-se a isso a constatação de que nem os próprios estudiosos estão certos do período de tempo necessário para que uma palavra perca o *status* de neologismo<sup>14</sup>.

Em função de problemas como os mencionados, costuma-se adotar hoje um método mais objetivo para verificar o *status* de um candidato a neologismo (cf. Henriques, 2007; Carvalho, 1983; Alves, 2007, entre outros.), segundo o qual uma palavra será neológica se não constar de uma obra (em geral, lexicográfica) eleita como *corpus* de exclusão. Pesa em favor desse critério o fato de termos extensas publicações em português, as quais abrangem uma parte considerável do vocabulário dessa língua (Cf. Aurélio, 2010; Houaiss, 2009). Desse modo, os dicionários constituem uma ferramenta de apoio teórico de grande valia para a caracterização de uma unidade do léxico como neológica, fornecendo-nos importantes indícios de que a forma em causa já se encontra – ou já se encontrou em algum momento da história – no acervo lexical dos falantes.

Ressalte-se que, a despeito de ser mais objetivo, o método exposto acima não é isento de problemas. Sandmann (1989, p. 08) já advertia sobre a sua utilização. O autor lembra o que um antigo mestre lhe disse em uma aula de seu curso de doutoramento: “o que pode ser derivado pode ser omitido”. Nesse contexto, lembremo-nos, oportunamente, dos advérbios em *-mente* que, por atualizarem um processo muito produtivo e transparente em português, não são registrados, em sua maioria, nas obras lexicográficas. Além disso, por mais que tenhamos uma obra vasta, ela nunca abarcará todas as unidades lexicais de uma língua. A despeito desses percalços, submetemos as palavras encontradas também, e principalmente, ao crivo de três obras de inegável representatividade no português brasileiro: Aurélio (2010), Houaiss (2009) e

---

<sup>13</sup> A exceção é o dicionário Houaiss, que, desde sua primeira edição, em 2001, data os itens lexicais.

<sup>14</sup> Em seção posterior, discutiremos com mais vagar o percurso neológico.



Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (2009). Tais obras serão nosso parâmetro nesta dissertação.

Dito isso, tomemos a definição de Valente (1997a, p. 87) que, de certa forma, sintetiza o que expusemos acima. Para o autor, neologismo “é a palavra nova, inventada, ainda não dicionarizada. Corresponde à criação vocabular que, em determinado estado da língua, acrescenta uma novidade ao léxico da língua.” A definição do autor tem méritos por congregar critérios subjetivos e objetivos, apontando-os como relevantes para a atribuição do caráter neológico a um item lexical.

### 2.2.2 Tipologia

De modo geral, os estudiosos cindem os neologismos em dois grandes grupos, quais sejam: neologismos de forma (ou lexicais)<sup>15</sup> e neologismos de sentido (ou conceptuais) – (Cf., por exemplo, Biderman, 1978; Valente, 1997a; Henriques, 2007; Carvalho, 1984).

Cada um desses tipos de criação lexical apresenta algo de inovador. Assim, diz-se que, no neologismo formal, o significante da palavra não é atestado num estágio anterior de registro da língua. Itens lexicais como *anticorrupção*, *pró-Serra*, *baguncismo*, *cleptocracia* etc. evidenciam inovações no plano formal da linguagem, porquanto nenhuma delas encontra-se consignada nos filtros que usamos.

Relativamente ao neologismo semântico, a forma permanece inalterada, mas há uma nova associação significado-significante. Dito de outro modo, uma forma apresenta um novo significado até então não encontrado em estágio anterior da língua. Nas recentes histórias da política brasileira, o adjetivo *aloprado*, criado pelo presidente Lula, espalhou seu significado – no Aurélio (2010), *aloprado* significa “amalucado”, “inquieto” – para designar os envolvidos na compra de dossiês contra integrantes do PSDB. Por sua vez, *palanqueiro* passou a designar, ao lado de quem constrói palanques (Aurélio, 2010), aquele que tem boa oratória, boa desenvoltura nos palanques.

Cumpra, ademais, reportarmo-nos a dois tipos básicos de neologia: a denominativa e a estilística (Correia ; Lemos, 2005).

---

<sup>15</sup> Mattoso Câmara Jr. (1986a, p.176) também denomina as inovações de forma como “neologismos vocabulares”.

A neologia denominativa, vinculada, naturalmente, à função semântica da formação de palavras, resulta da necessidade de nomear novas realidades (objetos, conceitos) anteriormente inexistentes. *Marinista* refere-se ao modo de ser ou de pensar de Marina Silva, candidata à presidência da República, ou aos seguidores da pré-candidata. *Lulismo*, às vezes empregado com conotação irônico-crítica, denomina o modo de governar, de pensar de Luis Inácio Lula da Silva, ex-presidente da República. Ainda na esfera política, no ano de 2010 criou-se o emblemático Projeto Ficha Limpa, com vistas a impedir que candidatos com problemas na justiça se candidatassem a cargos públicos. A partir do projeto, surgiram as formas compostas *ficha-suja* e *ficha-limpa*, designadoras da condição em que se encontravam os candidatos, como atesta este excerto colhido de Veja:

“Caso os ministros entendam que a lei não vale para estas eleições, os **fichas-suja**s eleitos tomarão posse sem problemas.” (V 06/10/2010)

As palavras anteriormente assinaladas resultam basicamente de necessidades de designação, a despeito de poderem adquirir, conforme as condições de uso, cargas semânticas negativas ou positivas.

A neologia estilística, de sua parte, vinculada à função discursiva da formação de palavras, corresponde à busca de uma maior expressividade do discurso, para traduzir ideias não originais de uma maneira nova, ou para expressar de modo inédito uma certa visão de mundo. Amplamente usados nos discursos midiáticos (humorísticos, jornalísticos, políticos etc.), em que se tenciona, muita vez, causar impacto no interlocutor, os neologismos estilísticos põem em foco a contraparte expressiva da língua; a contraparte que nos permite exprimir aquilo que se passa em nosso espírito, aquilo que desejamos externar em função de uma situação específica: uma crítica, uma ironia etc. Nos dizeres de Mattoso Câmara (1978, p. 10), é a língua sendo usada como “um meio precípua de exteriorização psíquica, de manifestação espontânea de estados dalma.” O *corpus* revelou-se bastante profícuo no que concerne à neologia estilística. Seguem dois excertos com exemplos notáveis. O primeiro deles consta do *corpus* e foi criado por um leitor da FSP; já os dois outros não constam do *corpus* e foram criados pelo atual senador Aécio Neves:

“Somos um povo que é ‘penta’, mas que não pensa enquanto busca a **‘hexa-alienação’**”

nacional, ao mesmo tempo em que os problemas mais crônicos do país continuam os mesmos.” (FSP 20/06/2010)

“Se o Brasil teve um **PIBão** de 9% no trimestre, Minas pode comemorar um **PIBaço** de 12%.” (V 23/06/2010)

Com respeito a essas duas “neologias”, importa considerar que a neologia estilística tende a ser, por sua própria natureza, mais efêmera, em decorrência de, ordinariamente, servir à expressão momentânea e pontual do que se passa no espírito do falante-criador. As criações estilísticas só excepcionalmente vêm a fazer parte do sistema da língua. Assim, por exemplo, o vocábulo *hexa-alienação*, a que nos referimos mais acima, dificilmente figurará em uma obra lexicográfica ou se disseminará entre os falantes.

As criações denominativas, diversamente, tendem a assumir um caráter permanente e estável, porquanto vêm ao encontro das necessidades do sistema. Vejam-se, por exemplo, as chamadas línguas de especialidade, cujos produtos (“neônimos<sup>16</sup>”, na terminologia de Barbosa, 2001) logo passam a fazer parte da linguagem daquele domínio específico do saber, aparecendo com bastante frequência nos glossários terminológicos ou mesmo nos dicionários gerais.

Não obstante, uma e outra expressam a criatividade linguística do falante-criador no trato com sua língua, pelo que têm atraído as atenções dos estudiosos de lexicologia.

### 2.2.3 A neologia no espaço e no tempo: a política de agora

Além de abordarmos a neologia e o neologismo tipológica e conceitualmente, é relevante considerá-los, como recomenda Barbosa (2001), no tempo e no espaço de sua criação, dado que as modificações externas têm profundas conexões com as mudanças linguísticas no âmbito do léxico. Desse modo, observa a autora que:

---

<sup>16</sup> Intimamente ligados ao progresso tecnológico e científico do mundo moderno, os neônimos, conforme explica Alves (2001), são criações, em geral, motivadas, que resultam de necessidades denominativas no âmbito das línguas de especialidade. Os termos criados nesse contexto tendem a passar por um processo de normatização, o que lhes garante certa estabilidade na língua, além de facilitar a tradução para outras línguas. Além disso, esses neologismos são cunhados, objetivando-se, tanto quanto possível, a univocidade de sentido a fim de evitar confusões na aplicação da palavra. Extraímos do Aurélio alguns exemplos da área da medicina, na qual destaca-se a utilização do sufixo *-ose*: *adipose* (obesidade), *bacilose* (infecção provocada por bacilos), *heliose* (insolação), entre outros.

(...) a origem dos signos e sua função acham-se estreitamente ligadas às necessidades sociais do grupo. A função social é tomada, pois, como elemento constitutivo dos signos. (...) O estudo dos problemas da origem, da estrutura e funções, formação e seleção de grandezas-signos, dentre numerosas outras proposições, permite detectar traços importantes dos grupos sociais, de sua atividade, de seus objetivos, métodos, valores, práticas e, não raras vezes, obter indicações valiosas sobre suas fontes históricas, míticas, ou místicas. (Barbosa, 2001, p. 35)

Há que considerar, portanto, os contextos intralinguístico e extralinguístico no processo neológico, em função da pertinência histórico-social do componente lexical da língua. Nesse sentido, entender também as modificações do mundo exterior concorre, sobretudo, para uma melhor compreensão do fenômeno, vinculado, fortemente, à vida social e cultural da comunidade linguística. Como esta dissertação se vale de um *corpus* formado por textos de domínio político, é relevante tecer considerações, ainda que sucintas, acerca da linguagem da política e do momento político vivenciado por nós, uma vez que este é um dos grandes propulsores da produção e da difusão de novas unidades linguísticas.

Valente (1997a, p. 87) assinala que contextos políticos são propícios à criação de novas palavras. Nesses ambientes, surgem tensões em virtude de ideologias e de interesses. O poder está no epicentro das discussões e o homem, tão sequioso por consegui-lo, vale-se de recursos vários para tanto. Assim, debates são travados, guerras declaradas, e, não raras vezes, excessos são cometidos na esfera política.

Decerto, as palavras estão envoltas em uma aura de poder e ideologia. Isso se traduz com muita intensidade nas relações políticas, mediadas, mormente pela linguagem, nosso principal instrumento de interação social, de ação e de influência sobre os nossos interlocutores. Como bem lembra Borba (1986, p. 03), a linguagem configura-se num dos mais poderosos instrumentos de persuasão e de sugestão de que o homem dispõe. Nessa direção, Koch, pondo em foco o valor argumentativo da linguagem, nos ministra importante lição:

Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o **ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui um ato linguístico fundamental, pois a **todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende ‘neuro’, ingênuo, contém

também uma ideologia – a da própria objetividade. (Koch, 2000, p. 19). Grifos da autora.

Nas situações em que a política ganha espaço nos debates, cremos ser lícito dizê-lo, a persuasão ocorre em elevado grau. É um dos momentos da interação verbal em que se observa mais claramente a influência direta da linguagem no comportamento do homem. Há sempre aqueles que tentam impor sua visão de mundo, implementar suas ideologias e, com isso, tencionam influir nas decisões dos outros. Observa-se, assim, a língua sendo utilizada para além de suas funções básicas de simbolização e comunicação. Ela, a língua, passa a servir como instrumento de persuasão, por meio do qual se impõem ideologias.

Pelo exposto, diremos com Lasswell (1982, p. 11) “ que a linguagem da política é a linguagem do poder, a linguagem da decisão, que registra e modifica decisões, é o grito de guerra, o veredicto e sentença, são as normas, os decretos e regulamentos, o juramento de posse, as notícias controversas, os comentários e debates.”

Numa atmosfera em que prevalece a argumentatividade, a neologia, com efeito, ocupa espaço privilegiado, visto representar o novo, o pitoresco e agregar, de certo modo, originalidade à mensagem, causando um impacto maior no interlocutor.

Em 30 de dezembro de 2009, a revista *Veja*, em sua seção *Veja Essa*, veiculou uma frase do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (do PSDB) claramente tendenciosa acerca do último governo, cujo comandante foi Luis Inácio Lula da Silva. Assim disse FHC: “Estamos sofrendo uma **cupinização** do estado brasileiro.” Na ocasião, Cardoso censurava a suposta partidarização da máquina pública federal, as filiações escusas e sem ética que estariam corroendo o estado brasileiro. Com efeito, o neologismo em destaque, com a força e o sabor de inovação, manifesta todo criticismo do locutor ao governo atual.

Por outro lado, os principais adversários políticos dos peessedebistas<sup>17</sup> na eleição de 2010 contra-atacaram, insistindo em utilizar, em seus discursos,

---

<sup>17</sup> Na eleição presidencial de 2010, a disputa desde cedo estava configurada entre José Serra, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT). Naturalmente, como principais adversários, ambos os partidos travaram os principais duelos nesse período eleitoral, fato que podemos constatar pelas várias palavras coletadas que, direta ou indiretamente, se referiram aos partidos dos candidatos ou a eles próprios.

palavras lesivas ao PSDB. Com forte conotação negativa, “privatização” foi acionada vez ou outra nos eventos promovidos pelo Partido dos Trabalhadores (PT), do presidente Lula. Em tom ufanista, as escolhas lexicais eram feitas com vistas a enfatizar a noção de “perda”, a noção de que o brasileiro estaria sendo profundamente prejudicado pelas privatizações. O ideário petista assentou-se, assim, no discurso de que o PSDB “vendeu o Brasil” em sua gestão e continuaria a fazê-lo, caso José Serra fosse eleito presidente.

Com a descoberta do Pré-Sal, esse discurso emergiu com mais força. Integrantes e simpatizantes do PT insistiram em colocar a Petrobras no centro das discussões, sob a alegação de que, caso o PSDB vencesse as eleições, a privatização da empresa seria um fato consumado. Decorrente disso, faltaria dinheiro aos serviços básicos como saúde, educação, transporte, moradia etc., uma vez que o dinheiro estaria nas mãos dos empresários, preocupados mais com o bem pessoal do que com o coletivo. Aliás, essa noção de que o partido tucano tem fortes inclinações privatizantes foi propulsora da criação do interessante neologismo *privataria* (privatização + pirataria), por meio do qual se imprime ao discurso forte teor negativo.

Assim, não raras vezes, signos são criados e recriados no sentido não só de expressar as novas realidades, mas também com a intenção clara ou velada de agir sobre o interlocutor, influenciando-o, persuadindo-o, de modo que ele compartilhe das opiniões do enunciador, adira seus projetos, enfim. Brandão (2004, p. 09), retomando Bakhtin, complementa o que até agora foi dito, apontando que:

A palavra é o signo ideológico por excelência, pois, produto da interação social, ela se caracteriza pela plurivalência. Por isso é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia; retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes e pontos de vista daqueles que a empregam. Dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes.

Sejam as vozes que ressoam dos meios de imprensa em geral (artigos, reportagens, charges, cartas do leitor etc.), sejam aquelas que são manifestas propriamente pelos atores diretos do mundo político, haverá intencionalidade em cada ato de linguagem no sentido de tentar impor uma ideologia. O conflito é inevitável e incontornável, porque os valores, as crenças, as opiniões humanas são diversos, os interesses são-no igualmente. A palavra, como instrumento de luta, possibilita-nos operar mudanças e impormo-nos no mundo.

No que respeita ao neologismo, são interessantes as ponderações de Carvalho (1983, p. 24), segundo a qual “o valor da criação de uma palavra numa sociedade não é apenas um valor de uma nova forma que se impõe, fônica ou gráfica, mas um signo, com um sentido, um referente e pressuposições; a partir daí um novo conceito é introduzido na comunidade.” Um conceito, frise-se, imbuído de intencionalidade.

Convém assinalar que boa parte da informação, em especial a política, nos chega por intermédio da imprensa escrita ou falada. É ela a via de acesso às informações mais eficiente e rápida de que dispomos no mundo moderno. Em função disso, não é exagero dizer que a imprensa, de certa forma, dirige a opinião pública, forma mentalidades e cria novos conceitos (Carvalho, 1983, p. 17). Desse modo, ainda de acordo com Carvalho (1983), os meios de comunicação de massa têm função política, econômica, educativa, diversional, consequentes da sua função principal, a informativa, centro da razão de ser dos mesmos. Evidencia-se, por conseguinte, seu protagonismo no que concerne à seleção, elaboração, difusão e recepção de conhecimento na sociedade moderna.

Diante do exposto, cabe aqui uma advertência. Subjacente à alegação da neutralidade jornalística que traspasa os meios de comunicação, bem sabemos que as informações são cuidadosamente compostas e veiculadas de um ponto de vista particular. Daí dizermos que as ideologias também se fazem presentes nos veículos midiáticos. Jornais, revistas, meios televisivos, meios virtuais propagam suas ideias e crenças visando a defender seus próprios interesses e compromissos institucionais.

Acerca disso, Ikeda (2005, p. 49) argumenta que as instituições jornalísticas estão situadas nos planos social, econômico e político. Por isso, tudo o que é dito ou escrito sobre o mundo é articulado de uma posição ideologicamente particular. Assim, “a língua não é uma janela límpida, mas um meio de refração e de estruturação e, como consequência, a visão de mundo será necessariamente particular.”

Importa ter em vista que, embora seja inegável a relevância da imprensa no mundo moderno, cada veículo de informação é também propagador de uma ideologia particular. Compete ao receptor da mensagem avaliar o grau de

personalidade nela contida, sua intencionalidade e, partindo daí, avaliar sua pertinência.

Feita essa breve reflexão, voltemos aos aspectos político-culturais que marcaram as eleições de 2010, ano em que estivemos imersos em um contexto eleitoral<sup>18</sup> no qual a efervescência de ideias foi uma constante nos meios de imprensa, nas rodas de bate-papo, nos meios partidários. No Brasil, em especial na região sudeste, centro econômico-industrial do país, respirou-se eleição. Evidenciamos as investidas dos candidatos, as populares “alfinetadas”, os jogos de imagem e os sorrisos (ainda que forçados) tentando persuadir o eleitor, conquistar sua confiança. Percebeu-se um alterar de vozes típico do momento, um agitado movimentar de interesses. De fato, isso se acirrou com a aproximação do dia em que fomos às urnas.

Nesse contexto, tivemos, entre tantos outros acontecimentos, a eleição do famigerado palhaço Tiririca para a cadeira de deputado federal, pelo estado de São Paulo, com mais de um milhão e trezentos mil votos, um recorde absoluto. Além disso, merece destaque a criação do projeto Ficha Limpa, um grito sem tantos ecos de uma sociedade alquebrada e descontente com os rumos políticos do Brasil. Observamos também casos de corrupção protagonizados ora pelos políticos de sempre, ora por novos personagens. Presenciamos, nomeadamente, a eleição da primeira mulher presidente (ou presidenta) da história republicana brasileira.

A palavra, como instrumento de poder, foi potencializada em 2010. Os debates políticos, as entrevistas, os artigos, as reportagens etc. foram propagados, principalmente, pela imprensa escrita, pelo rádio, pela televisão. Não podemos nos esquecer, porém, de que a Internet, especialmente com seus *sites*, *blogs* e *twitter*<sup>19</sup>, contribuiu largamente com a difusão de informação e arrebatou multidões no mundo virtual, lançando-as no cerne das discussões. Com efeito, a *virtualização*, para utilizar um neologismo tão em voga, será uma

---

<sup>18</sup> Este trabalho foi escrito num período privilegiado. Vivenciamos os períodos que vão da pré-eleição à pós-eleição de 2010. Nosso *corpus* começou a ser coletado a partir de fevereiro de 2010. A coleta findou em novembro de 2010.

<sup>19</sup> *Blogs* são diários virtuais, nos quais qualquer usuário posta as mais variadas informações. O *Twitter*, por sua vez, é um *microblog*, no qual só é possível postar mensagens de até 140 caracteres. Percebendo a importância da força digital, os principais candidatos à presidência de 2010, ou seja, José Serra, Dilma Rousseff, e Marina Silva criaram suas contas no *Twitter*.



constante nas eleições vindouras, levando-se em conta o poder difusor da Internet.

Por mais tendenciosos que sejam, os meios de comunicação de massa têm, pois, importante função num contexto eleitoral. Por meio deles, conhecemos os candidatos, apreciamos suas ideias, julgamos sua pertinência, presenciamos debates sobre a política nacional. Por outro lado, tomamos conhecimento dos sistemas políticos de outros países, traçamos diferenças e semelhanças com o nosso. Vivenciamos, enfim, o processo político brasileiro e estrangeiro.

Assim sendo, considerando-se o contexto intra e extralinguístico, estudar o neologismo é vislumbrar, além das inovações linguísticas surgidas em esferas políticas nesse período eleitoral, o que pensaram os homens que vivenciaram um dos importantes momentos históricos da política brasileira, ou seja, as eleições de 2010.

#### 2.2.4 O percurso neológico

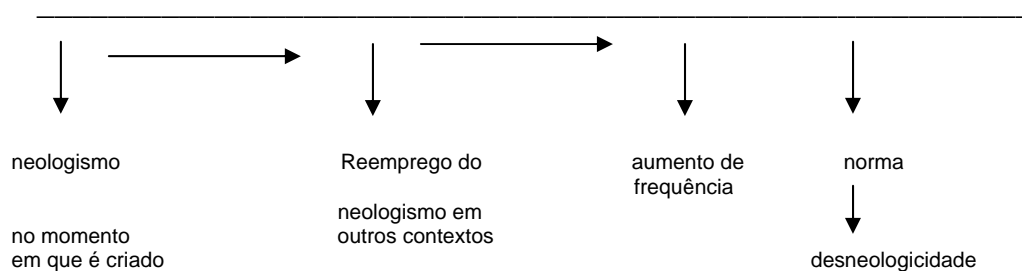
Para Barbosa (2001, p. 37), é importante conceber a neologia como um processo dinâmico, que vai da criação do neologismo a sua desneologização e, eventualmente, desta para uma nova situação de neologia. Em outros termos, trata-se de um processo cíclico, por meio do qual itens lexicais são criados a partir das necessidades sociais, imergindo, paulatinamente, no léxico de uma comunidade linguística, quando esta os aceita. Depois de aceitos, sua difusão aumenta, o que enseja a perda natural da sensação de novidade. Em outras situações, pode-se resgatá-la, dando novamente partida ao ciclo neológico.

Em muitos casos, a integração de uma palavra ao acervo lexical de uma língua pode ser verificada com a inserção do verbete – ou de seu significado, quando se tratar de um neologismo conceptual – em uma obra lexicográfica representativa do léxico português. Conforme já observamos anteriormente, para esta dissertação o dicionário é um parâmetro de verificação do *status* neológico de uma dada forma.

No percurso neológico, importa observar ainda que é no ato de fala, ou seja, numa situação de comunicação oral ou escrita, que se dá a criação neológica (Barbosa, 2001). No momento em que é criado, podemos dizer que o

item lexical tem *status* apenas de um neologismo de fala<sup>20</sup>. Isso decorre do fato de não se saber ainda se ele realmente logrará êxito e virá a fazer parte do léxico efetivo da língua. Note-se que a aceitabilidade está diretamente vinculada a um consenso social e cultural da comunidade linguística receptora do neologismo. Desse modo, quem decidirá pela integração ou não de um vocábulo ao léxico são os destinatários. Caso haja esse aval, o uso da palavra se generaliza, tornando-se disponível à comunidade linguística adotante. Com a incorporação ao léxico, a palavra passa a ter *status* de um neologismo de língua. A partir daí, sua difusão e a frequência de emprego vão determinar a rapidez ou a lentidão da desneologização.

Isto posto, reproduzamos graficamente, com Barbosa (1996, p. 154), o processo neológico:



Convém refletir, com Rocha (2003, p. 82-84), que alguns fatores influem decisivamente para que uma forma venha a se tornar institucionalizada, isto é, passe a fazer parte do acervo lexical de uma língua.

De início, é preciso considerar o prestígio do criador da palavra. Na política moderna, por exemplo, o colunista de *Veja*, Reinaldo Azevedo, cunhou o termo *petralha* (PT + metralha)<sup>21</sup>, o qual, dada a grande frequência de emprego, foi inserto como verbete no novo dicionário de Luis A. Sacconi. Decerto, uma das causas da aceitação da palavra foi a notoriedade do criador, o qual integra um prestigioso veículo de comunicação e já goza de certo prestígio como colunista.

<sup>20</sup> Neologismo de fala refere-se às criações lexicais ainda não integradas ao léxico de um grupo sociolinguístico.

<sup>21</sup> *Petralha*, conquanto esteja registrada no dicionário de Sacconi, foi descrita por nós (cf. *corpus*). Fizemo-lo porque o vocábulo não se encontra nos *corpora* de exclusão de que nos valem neste estudo.

Conforme já sinalizamos, os meios de comunicação de massa, constituem a maior via de acesso aos novos termos (Carvalho, 1984, p. 61). Acrescentemos que, comumente, além de propiciar-lhes a difusão, a mídia também influencia na institucionalização de palavras recém-criadas. A mesma palavra citada acima, *petralha*, não teria a mesma visibilidade se tivesse sido criada num ato de fala menos popular. Como o termo aparecia com frequência num veículo de grande circulação nacional, houve, por consequência da grande exposição, sua difusão. Disso se conclui que os meios de comunicação de massa conferem visualidade ao vocábulo dando-lhe um certo status, o que concorre para sua fixação no léxico.

Rocha (2003) lembra ainda que certos processos de formação parecem agregar maior expressividade às formas, tornando-se mais “chamativos”. Por conseguinte, constituem-se em férteis processos de criação vocabular, e seus produtos tendem a permanecer no vocabulário. A propósito, como já dissemos, as composições com o elemento *metro* são muito frequentes modernamente. Em episódio recente, o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, embasbacado com a quantidade de lixo nas ruas da cidade, instalou *lixômetros* nas praias cariocas para medir o real nível de sujeira que o morador deixava na cidade. Obviamente, a medida não tinha só essa função. Tencionava também chamar a atenção para a falta de civilidade que ali despontava. Voltando à construção, parece-nos que *lixômetro* é bem mais apelativo e enfático que *medidor de lixo*, pois carrega uma sensação de novidade e de modernidade.

Por fim, não podemos nos esquecer de que algumas palavras se institucionalizam na língua, premidas pela própria necessidade comunicativa. Nesse sentido, inúmeros termos são cunhados nas áreas técnicas para suprirem basicamente uma função denominativa. Termos como *disquete*, *mouse*, *impressora*, *scanner*, entre tantos outros, foram criados ou importados para atenderem exigências do próprio sistema de comunicação. Nesse caso, não se trata de uma questão de escolha, mas de precisão.

#### 2.2.5 Neologismo e Lexicografia

Do que ficou dito, convém esclarecer que a institucionalização de uma palavra não implica, necessariamente, sua dicionarização. É possível que um

item lexical seja criado e, conquanto se dissemine e passe a fazer parte do léxico efetivo de um grupo de falantes, nunca venha a constar de uma obra lexicográfica. Aliás, isso ocorre com bastante frequência, em razão não apenas das limitações dos lexicógrafos mas, principalmente, da própria natureza dinâmica do léxico. Basta nos reportarmos aos inúmeros termos já assentes no vocabulário dos grupos linguísticos regionais que não constam dos principais dicionários brasileiros para se ter uma pequena dimensão dos percalços encontrados por quem empreende estudos de natureza lexical.

Não cabe aqui tecer comentários sobre as incoerências apresentadas nas obras lexicográficas de que dispomos em português. Interessa-nos tão somente propor algumas reflexões sobre o processo de dicionarização. Cabe notar que, a despeito de, ao longo de muitos anos, a prática de inventariar e descrever unidades lexicais ser levada a efeito sem o amparo de uma metodologia científica rigorosa, a ciência lexicográfica tem-se desenvolvido consideravelmente, aperfeiçoando as técnicas de confecção das obras, de modo a fornecer instrumental teórico que permita uma abordagem mais coerente do fazer lexicográfico. As falhas tendem, portanto, a ser minimizadas, nomeadamente no tocante às novas publicações.

Em verdade, reconheça-se, bastante árduo e penoso é o trabalho dos dicionaristas, de forma que o registro de todo e qualquer vocábulo neológico torna-se um projeto de grande complexidade, porque as palavras são criadas incessantemente por falantes variados em situações de interação social também muito variadas. Acresce que em nosso país tal fato muito se agrava, em decorrência de sua grande dimensão. Por tudo isso, são relevantes as palavras de Biderman (1978, p. 158):

O léxico é um sistema aberto e em expansão. (...) Por essa razão, não se poderá censurar em demasia os lexicógrafos se seus dicionários não registrarem todos os vocábulos e significados que estão em uso na língua, pois tal obra é praticamente inexequível.

Para fins de dicionarização, importa considerar dois pontos básicos. Primeiro, é de notar que somente as formas institucionalizadas deveriam ser registradas (Rocha, 2003). Assim, para justificar sua inserção em um dicionário, as novas formações devem-se tornar familiares e razoavelmente fixas no vocabulário de, pelo menos, um grupo de indivíduos. As formações

esporádicas, diversamente, tendo em vista sua efemeridade, são dispensáveis de nota.

Além disso, num dicionário, como instrumento pedagógico por excelência, deveriam constar apenas fatos peculiares do léxico. Do contrário, aumentar-se-ia, em muito, o volume das obras, em especial das impressas. Reportando-nos aos afixos de grau, ilustrativamente, percebemos que notadamente os substantivos, em quase sua totalidade, podem recebê-los (*carrão, jogão, menininho* etc.) tanto para indicar diminuição ou aumento de tamanho quanto para a expressar carga emotiva variada. Com relação a esse processo de formação, deveríamos, a rigor, registrar somente as formas que sofreram lexicalização, ou seja, aquelas que perderam a noção da composicionalidade morfológica. É o que se verifica em *acordão* e *piscinão*, por exemplo, (cf. *corpus*), uma vez que tais formações podem acarretar problemas de compreensão ao consulente.

Seguindo esse raciocínio, seria também desnecessário registrar algumas formações com o prefixo *pós-* que apresentem carga semântica facilmente depreensível. Não é o que se vê no Aurélio (2010), que consigna várias palavras com o elemento em causa, algumas delas com razoável clareza semântica. Nesse dicionário, encontram-se registros como *pós-eleição*, *pós-guerra* e *pós-doutorado*, os quais não apresentam dificuldades de compreensão ao consulente, pelo que seu registro seria dispensável.

Os casos arrolados já nos permitem entrever a complexidade que envolve a ciência lexicográfica. Há muitas decisões a tomar, com claras consequências metodológicas. Felizmente, hoje já dispomos de recursos eletrônicos que muito podem auxiliar o consulente, a exemplo dos dicionários de língua geral, os quais, em sua maioria, já apresentam versões eletrônicas. É possível que, considerando-se a capacidade de armazenamento dos *softwares*, tenhamos, mais frequentemente, emendas, revisões, ampliações, o que é desejável, tendo em vista que os dicionários, além de produtos culturais, são instrumentos pedagógicos de primeira ordem, os quais podem e devem ser constantemente revistos e ampliados.

### 3 PROCESSOS DE RENOVAÇÃO LEXICAL

Nos capítulos anteriores, sugeriu-se que o léxico, como sistema dinâmico, dispõe de mecanismos que viabilizam a reciclagem de suas unidades quando isso se faz necessário no intercâmbio linguístico. A história do português revela que esta língua se vale, nomeadamente, de dois recursos para a ampliação e renovação do seu léxico. Ambos herdados do latim, a composição e a derivação figuram, com efeito, como os mais produtivos processos na formação de neologismos na língua portuguesa. Não obstante, outros mecanismos têm apresentado boa produtividade no português moderno (cf., por exemplo, mais adiante as palavras-valise), pelo que se torna imprescindível abordá-los nesta pesquisa.

Neste capítulo, trataremos dos recursos disponíveis para a renovação lexical em português, com especial enfoque nos processos de formação de neologismos lexicais, objeto precípua desta dissertação. Vale dizer que não se pretende, aqui, dada a variabilidade e complexidade dos processos, abordá-los em todas as suas especificidades. Pretende-se tão somente defini-los, expor-lhes as características gerais e exemplificá-los. Antes de o fazermos, porém, compete-nos discorrer, resumidamente, acerca dos conceitos com os quais trabalharemos no decorrer da exposição, a saber: palavra, vocábulo, morfema e base.

#### 3.1 Palavra e vocábulo

Referimo-nos, de modo genérico, ao léxico como conjunto de palavras de uma língua. É de notar que a simplicidade dessa definição é apenas aparente, a começar pela complexa conceituação da unidade básica do léxico, ou seja, da palavra. Não obstante se reconheça que tal conceito se resolve, em geral, na intuição do falante, e que, de acordo com Basílio (2000, p. 10), “a possibilidade de uma real definição do termo está longe de constituir um projeto viável a curto prazo”, é oportuno tentar, mesmo sem se chegar a uma conclusão definitiva, torná-lo mais preciso.

Basílio (2004) destaca que a conceituação de “palavra” pode ser enfocada sob vários ângulos. Podemos falar em “palavra gráfica”, “palavra estrutural”, “palavra fonológica”, “formas livres” etc. conforme a teoria

utilizada<sup>22</sup>. Importa observar que as abordagens, não raro, apresentam-se incompletas, não dando conta, pois, de fixar cabalmente uma definição para esse complexo elemento. Em verdade, a própria variabilidade na nomenclatura nos dá indícios de que o termo em causa não se encontra plenamente clarificado na literatura linguística.

Bloomfield (apud Câmara Jr., 2005, p. 69-70) aparta as formas livres (palavras) das formas presas. No primeiro caso, as unidades são capazes de funcionar isoladamente como uma comunicação suficiente. Desse modo, *político*, *governo* e *eleitorado* são exemplos prototípicos de palavras.

Ao contrário, as formas presas não possuem essa peculiaridade, já que só funcionam atreladas a outras como, por exemplo, o sufixo *-ista* (em *desenvolvimentista*), cujo sentido só se manifesta se combinado com a forma *desenvolvimento*. Para o linguista americano, a palavra seria uma unidade que não poderia ser mais decomposta em unidades menores e livres. Poderíamos citar como exemplo a palavra *paz* que é, com efeito, um todo indivisível<sup>23</sup>.

Entretanto, essa definição, apesar de ser uma das mais completas de que dispomos, não abarca satisfatoriamente palavras compostas (Basilio, 2004, p.17 ). Se a palavra é a forma livre mínima capaz de, numa situação dada, funcionar como uma enunciação completa, pressupõe-se, como vimos, que ela não possa ser dividida. Ora, definimos normalmente os compostos como formações que contêm duas ou mais palavras em sua constituição. Por conseguinte, quando deparamos com unidades lexicais como *ficha-limpa* e *chique-careta-burguês*, compostos passíveis de serem desmembrados em unidades menores e livres, fica bastante difícil sustentar a indivisibilidade da palavra em formas livres.

Por outro lado, na escrita é comum demarcarmos a palavra por espaços em branco. Assim, na frase “Julinha é a menina mais linda desse mundo”, dizemos que ela é composta por oito palavras. Mas encontramos problemas ao defrontarmos com um sem-número de construções que se cristalizaram ou estão se cristalizando na língua, de modo a constituírem unidades lexicais de

---

<sup>22</sup> Veja-se Basilio (2004) para maiores detalhes.

<sup>23</sup> Remetendo-se a Bloomfield, Mattoso Câmara (2005, p. 69-70) complementa a abordagem do linguista americano, inserindo o conceito de “forma dependente”. Esta se caracteriza pela razoável mobilidade posicional e pela possibilidade de intercalação de novos elementos no nível frasal, sem, porém, funcionar como uma forma livre. Com isso, foi possível inserir entre os vocábulos as partículas proclíticas e enclíticas (se, te, me, o, de), que a proposta bloomfieldiana não abarcava.

pleno direito. Daí alguns autores chamarem de “compostos sintagmáticos” itens lexicais como *meios de produção*, *casa de detenção*, *efeito dominó*, *choque de gestão* dentre tantos outros que apresentam razoável unidade semântica e forte coesão interna de seus elementos com conseqüente impossibilidade de mudança posicional.

Essas breves considerações ilustram a problemática em torno do conceito de palavra. Sem a pretensão de esgotar o assunto, por si só objeto de variados estudos e reflexões, é interessante registrar as ponderações de Henriques (2007, p. 06), para quem os vocábulos (ou palavras) podem ser identificados pela aplicação de dois critérios objetivos, os quais são válidos tanto para a língua oral quanto para a língua escrita. O primeiro deles verifica a possibilidade de pausa, o segundo, a rigidez ou mobilidade posicional. Por esses dois expedientes, podemos dizer que a frase “O projeto-piloto obteve boa aceitação entre os parlamentares.” apresenta oito palavras em sua constituição.

Por outro lado, tem-se tornado corrente na literatura linguística distinguir “vocábulos” de “palavras”<sup>24</sup>. Quanto a isso, estamos de acordo com Henriques (2007, p. 07) que, após salientar a não uniformidade no tratamento da conceituação dos dois termos por parte dos estudiosos, afirma ser “razoável que não se façam considerações tão minuciosas a ponto de diferenciar os dois termos que se consagraram como sinônimos.”

Registremos, por fim, as palavras de Basílio (2004, p. 18), que, como conclusão atinente à impossibilidade de uma conceituação generalizante para o termo “palavra”, ensina-nos:

É importante, pois, que possamos conviver com a diversidade e com a complexidade. É o preço que pagamos por um sistema de comunicação mais flexível; as estruturas rígidas são sempre mais fáceis de descrever, mas muito mais limitadas em sua utilização.

### 3.2 Morfema e base

<sup>24</sup> Tal é a posição de Mattoso Câmara (1986b, p. 34): “Há os dois termos, grosso modo equivalentes, ‘vocábulo’ e ‘palavra’, cuja distribuição complementar de uso ainda não está bem fixada. O melhor critério, para essa distribuição, parece ser o de atribuir a ‘vocábulo’ uma significação geral e considerar ‘palavra’ um tipo especial de vocábulo, de aplicação restrita aos nomes e verbos, em correspondência com a distinção do ‘léxico’ de uma língua em face de sua gramática (...).”



Os vocábulos, como o sabemos, podem conter um ou mais elementos em sua estruturação. As partes constitutivas de um vocábulo são comumente chamadas de “morfemas”.

Analogamente ao conceito de palavra, as nomenclaturas atinentes ao termo em causa apresentam divergências entre os estudiosos. Fala-se em “monemas”, “sintemas”, “gramemas”, “lexemas”, enfim. Observe-se que os termos, em geral, possuem uma significação próxima, motivo pelo qual talvez fosse o caso de simplificar a terminologia.

Talvez o mais importante seja, de acordo com Mounin (apud Henriques, 2007, p. 08), reconhecer que os morfemas não são elementos desprovidos de sentido. Ao contrário, representam as formas mínimas portadoras de significação, seja lexical, seja gramatical. Apresentamos a seguir a definição de Zanotto (2006, p. 29), a qual apresenta sinteticamente as principais propriedades dos morfemas:

Para esse autor, o morfema “é a unidade mórfica mínima de que se decompõe o vocábulo. No âmbito da morfologia, é indivisível em unidades menores. É obrigatoriamente portadora de alguma significação ou função gramatical.”

Tomando como base a definição de Zanotto, podemos dizer que os morfemas (a) trazem uma informação lexical ou gramatical e (b) são elementos mínimos, ou seja, indivisíveis em partes menores. Assim, no vocábulo *tiranete* são destacáveis três morfemas, a saber: o radical *tiran*, a vogal temática -o e o sufixo derivacional -ete.

Numa tentativa de simplificar a terminologia, Henriques (2007) consigna que o termo morfema pode ser utilizado para se reportar tanto aos lexemas (morfemas dotados de significação externa) quanto aos gramemas (morfemas dotados de significação interna). Parece-nos boa doutrina, uma vez que reúne, objetivamente, tipos diversos de informação (lexical e gramatical) numa mesma unidade, concorrendo para a simplificação do termo em causa.

Procede dizer que, para nos referirmos aos processos de criação vocabular, usaremos também o termo “base”. Segundo Monteiro (2002), a base constitui o elemento em que se assenta uma regra de formação de palavra. Ortega (apud Monteiro, 2002) explica ainda que “(...) uma base pode ser qualquer unidade morfológica, com exceção dos afixos, incluindo, por

consequente, tanto vocábulos derivados quanto compostos (...)”. Tendo em conta essas considerações, na palavra *talibanização* (V 19/05/2010), *Talibã* constitui a base de *talibanizar\**, que, por sua vez, constitui a base de *talibanização*.

Rocha (2003, p. 100-102) lembra que a base está relacionada à competência lexical do falante. Para o autor, as palavras não são formadas simplesmente pela adjunção de afixos a raízes ou radicais<sup>25</sup>. Comumente, parte-se de palavras existentes na língua para se criarem novos itens lexicais. Assim sendo, se perguntarmos a um falante de onde vem a palavra *politicagem*, provavelmente ele dirá que proveio da base *política*. Da mesma forma, se perguntarmos como se formou a palavra *ficha-suja*, ele provavelmente dirá que foi a partir da união das bases *ficha* e *suja*. A base é, pois, um conceito que concorre para a explicitação de como se dá a criação de palavras a partir do conhecimento intuitivo que o falante tem dos processos de formação de palavras em sua língua.

### 3.3 Processos de expansão lexical

#### 3.3.1 A derivação

Processo geral de criação lexical que consiste em acrescentar a uma base um elemento afixal (prefixo ou sufixo), obtendo-se desse processo um produto derivado. Ao analisarmos os elementos formadores dos itens lexicais *superpoderoso* e *obamista*, percebemos que sua estruturação envolve a adjunção de afixos a bases. No primeiro caso, o prefixo *super-* anexou-se à base *poderoso*, resultando no item lexical *superpoderoso*. Já em *obamista*, houve a anexação do sufixo *-ista* à base *Obama*.

Cumpramos observar, com Basilio (2003), que a estruturação da palavra morfológicamente complexa, isto é, da palavra que possui mais de um morfema em sua formação, se dá por camadas, por níveis e não por uma simples sequência de elementos constitutivos. Kehdi (2003, p. 12), na sua

<sup>25</sup> A base se distingue da raiz e do radical. Para Monteiro (2002, p. 43-46), a raiz é o elemento de que parte a primeira operação morfológica. Caracteriza-se por ser um elemento irreduzível. Dessa forma, nas palavras *pedra*, *pedreiro* e *pedrinha* encontramos a raiz *pedr*. O radical inclui, além da raiz, os morfemas derivacionais que entram na formação das palavras. Portanto, os itens lexicais antes mencionados possuem estes radicais: *pedr*, *pedreir*, *pedrinh*. Diversamente, só teremos bases nas duas últimas construções: *pedra* é a base de *pedreiro* e de *pedrinha*.

abordagem sobre a formação de palavras em português, fala em “superposição de camadas binárias”, afirmando que, na derivação, as estruturas se atualizam sempre de dois em dois elementos na cadeia sintagmática. Desse modo, tendo em vista a palavra *modernização*, os elementos constitutivos se ligaram as suas bases obedecendo à seguinte distribuição:

- (i) moderno + -izar
- (ii) modernizar + -ção

Esquemmatizando, temos a seguinte matriz:

$${}_3[{}_2[{}_1[\text{Moderno}]N -izar]V] -ção]N$$

Assim sendo, dizemos que a palavra *modernização* comporta dois níveis de estruturação: no primeiro nível, representado pelos elementos *moderno* e *-izar*, um sufixo verbal se une a uma base nominal, resultando na formação de um verbo. Já no segundo nível, representado pelos formantes *modernizar* e *-ção*, um sufixo nominal adjunge-se a um verbo transformando-o em um nome. Ora, se nos ativermos ao sentido das construções, poderemos perceber mais claramente tal estruturação. O sufixo *-izar* (cuja paráfrase seria *tornar X*) liga-se a nomes para formação de verbos, enquanto que *-ção* une-se a verbos para expressar o resultado dessa ação. A construção de *modernização* ficaria inviável se não tivéssemos o primeiro nível de estruturação (*moderno + -izar*), uma vez que o significado manifesto por *-ção* (reitere-se, *resultado de uma ação*) só poderia ser expresso se ligado a um verbo. Essa complexa rede estrutural nos dá evidências, portanto, de que as palavras derivadas são formadas por camadas hierarquicamente estruturadas.

### 3.3.1.1 Derivação sufixal

Processo de formação de palavras por meio de sufixos. Estes, elementos presos e recorrentes, se pospõem à base, acrescentando-lhe uma noção semântica (ou semântico-discursiva) ou mudando-lhe a classe gramatical:

- (a) “Se o **tucanato** não conseguir mesmo convencer Aécio a marchar com Serra, o mais provável é que a vaga de vice seja ocupada por outro tucano.” (V 10/03/2010)

(b) “Seria bom que Lula deixasse sua criatura falar, no seu **dilmês** inteligível, a que veio e o que pretende.” (V 18/08/2010)

(c) “Por que o eleitor **‘tiririca’** o voto?” (V 29/09/2010)

(d) “Num ambiente infestado nos últimos anos (...) pela mendacidade dos **propineiros** de Brasília, as epístolas servem de guia para outra categoria de políticos – aqueles poucos que reúnem coragem suficiente para caminhar na direção contrária do que exige a cultura partidária do país.” (V 03/03/2010)

As palavras em destaque são formadas por sufixação. Em (a), temos a anexação do sufixo *-ato* à base *tucano*; em (b), à base *Dilma* acresceu-se o sufixo *-ês*; em (c), *-ar* se juntou à base *Tiririca* para a formação do verbo *tiriricar*. Finalmente, *-eiro* uniu-se a *propina*, formando *propineiro* em (d).

Cabe observar que serão acrescentadas entre os sufixos três formas provenientes do inglês: *-lândia*, *-gate* e *-tion*. Para usar um termo de Laroca (1994), seriam “neossufixos”, já que se portam como sufixos no português brasileiro (Cf. Laroca, 1994; Sandmann 1989 e Alves, 2007).

Segundo Correia e Lemos (2005), podemos dizer, sumariamente, que os elementos sufixais (a) ocorrem sempre à direita da base; (b) determinam a categoria do derivado<sup>26</sup> e (c) determinam a sílaba tônica da palavra.

### 3.3.1.2 Derivação prefixal

Processo de formação de palavras por meio de prefixos. Em português, como ressalta Alves (2007), não há unanimidade no que se refere ao número e à natureza dos morfemas prefixais. Pelo exposto, eles serão aqui entendidos como partículas independentes ou não independentes que, antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe uma ideia acessória, prestando-se, no mais das vezes, a formações em série. A derivação prefixal é exemplificada nas frases que seguem:

<sup>26</sup> Sufixos há que, em geral, não operam a mudança de classe em português. Vejam-se, por exemplo, os sufixos de grau. Muito embora sejam formadas por sufixação, as formas *lindinho* e *carrão* conservam a natureza categorial da base. Cabe refletir, porém, que em formas como *pidão* (*pedir* + *-ão*) e *mijão* (*mijar* + *ão*) parece ter havido mudança de classe no processo de sufixação. Nessas formas, o sufixo em destaque não só expressa intensidade, como também parece agregar à base uma noção agentiva: *pidão* é aquele que pede muito e *mijão* é aquele que mijá com muita frequência.

(a) “É mais barato convidar uma **subcelebridade** do que formar uma liderança política, trabalho que leva anos.” (V 29/09/2010)

(b) “A bancada dos **sem-voto**”. (V 17/11/2010)

(c) “O efeito dessa **não decisão**, será o de assegurar o direito de concorrer aos políticos cuja candidatura havia sido cassada com base nessa lei.” (V 29/09/2010)

(d) “Franklin pretende criar uma **superagência** reguladora para o setor.” (V 29/09/2010)

Em (a), à base *celebridade* foi acrescido o prefixo *sub-* (*sub-* + *celebridade*). O mesmo se deu com as bases *voto*, *decisão* e *agência*, as quais receberam os prefixos *sem-*, *não-* e *super-*.

Como vemos, modernamente alguns elementos apresentam, em dados contextos, características prefixais. Dessa forma, *não* e *sem-*, por exemplo, parecem estar-se convertendo, paulatinamente, em prefixos, uma vez que, conforme aponta Sandmann (1997), expressam uma ideia geral (negação e ausência, respectivamente) e se prestam a formações em série quando atrelados a bases nominais (*não aparecimento*, *não participação*, *não violentos*, *sem-imprensa*, *sem-política*, *sem-voto* etc.).

Considerando-se a grande divergência entre os estudiosos no que se refere aos elementos prefixais em português, optamos por construir duas tabelas: uma com prefixos e a outra com antepositivos (também chamados de prefixoides ou pseudoprefixos), as quais servirão de base para a caracterização dos elementos como prefixos. Baseamo-nos, para tanto, na gramática de Cunha e Cintra (2001) e na de Evanildo Bechara (2004). Seguimos também a proposta de Henriques (2010), com alguns acréscimos.

TABELA I Prefixos

PREFIXOS	
ANTI-	RE- <sup>27</sup>
CO-	QUASE
CONTRA-	SEM-
DES-	SUB-

<sup>27</sup> Os prefixos *co-*, *des-*, *in-* e *re-* não estão na tabela elaborada por Henriques (2010). No entanto, são claramente prefixos. Na tabela II, acrescentamos *clepto*, *eco*, *narco* e *socio*, que podem ser considerados antepositivos.

EX-	SUPER-
EXTRA-	ULTRA-
IN-	VICE-
NÃO	
PÓS-	
PRÉ-	
PRÓ-	

TABELA II Prefixoides e pseudoprefixos

PREFIXOIDES E PSEUDOPREFIXOS	
AERO-	PSEUDO-
AUTO- (próprio)	SEMI-
CLEPTO-	SOCIO-
ECO-	
HEXA-	
MEGA(LO)-	
MICRO-	
MINI-	
NARCO-	
NEO-	
PROTO-	

Relativamente aos antepositivos, observe-se que há autores, entre os quais Cunha e Cintra (2001, p. 113-115), que classificam algumas dessas formações como recomposições (*aerolixo*, *aeroforno* etc.). Outros, contudo, alegam se tratar, em alguns casos, de prefixações (cf. Sandmann, 1989): *neomagro*, *pseudoesquerdista*. Como não é objetivo deste trabalho a discussão pormenorizada sobre o caráter prefixal destas formas, optamos por considerá-las como casos de composição, com base nas gramáticas citadas acima e no trabalho de Henriques (2010). Cremos que essa padronização atende aos objetivos deste trabalho, concorrendo para a simplificação da abordagem proposta.

O mesmo vale para *bem* e *mal*, – cujas abordagens se mostram bastante divergentes, seja nas obras lexicográficas, seja nas gramáticas – e para *recém*, forma apocopada de *recente*. Tais formas serão consideradas, nesta dissertação, elementos de composição, conforme o critério utilizado por nós.

Dito isto, passemos a outras considerações acerca dos elementos prefixais em português. Tradicionalmente, diz-se que os prefixos não alteram a

classe gramatical da base a que se anexam. No entanto, pelo que se pode observar no português atualmente, alguns prefixos têm-se prestado também a esse papel. Conforme podemos observar nesta frase extraída da Folha de São Paulo (04/06/2010), o elemento *anti-* atua na mudança de classe: “Hillary [Clinton] assina na Polônia acordo de escudo **antimísseis**”. Como vemos, com a anexação de *anti-*, *míssil*, antes substantivo, passa a atuar com função adjetiva na frase em questão.

No âmbito ortográfico, cumpre atentar para algumas questões:

(a) Com as alterações propostas pela comissão organizadora do VOLP, as formas *não* e *quase* passaram a ser grafadas sem hífen. Cumpre observar que se trata de uma resolução que em nada altera o caráter prefixal destas formas.

(b) Por vezes, a hifenação viola regras estabelecidas em benefício da clareza e da preservação do segundo elemento. Tal fato ocorre, por exemplo, com o prefixo *anti-* que, quando antecede um nome próprio, é comumente grafado com hífen: anti-Lula, anti-Google. Vale dizer que, no caso de *anti-*, as regras vigentes preveem a hifenação somente quando o segundo elemento começa por *h* ou *i*.

Analogamente aos elementos sufixais, podemos sintetizar as principais características dos elementos prefixais, os quais, consoante Correia e Lemos (2005), (a) ocorrem sempre à esquerda da base; (b) correspondem frequentemente a antigas preposições e advérbios latinos e gregos e (c) têm um conteúdo semântico menos gramatical (e concomitantemente mais facilmente perceptível) do que o sufixo.

De resto, observe-se que, muita vez, prefixo e sufixo operam sucessivamente no processo derivacional. É o que ocorre em *desfavelizar*, em que um complexo encaixar de elementos mórficos viabiliza a construção de uma palavra com duas camadas binárias. Vejamos:

[2des[1[favela]n izar]v

Conforme podemos notar, inicialmente o sufixo *-izar* uniu-se à base *favela*, produzindo o derivado *favelizar*. Posteriormente, num segundo movimento, o prefixo *des-* agregou-se à base *favelizar*, gerando o produto final

*desfavelizar*. Tais considerações são importantes para diferenciarmos a derivação sucessiva (Henriques, 2007, p. 115) – isto é, aquela que prevê a articulação binária de morfemas – da derivação parassintética, objeto da próxima seção.

### 3.3.1.3 Derivação parassintética (ou parassíntese)

Processo derivacional que consiste na adição simultânea de um prefixo e de um sufixo a uma base. Se considerarmos, ilustrativamente, unidades lexicais como *enraivecer* e *aclarar*, verificaremos que os elementos afixais intervenientes na formação desses vocábulos foram adjungidos ao mesmo tempo as suas respectivas bases. Assim, temos:

- (a) Enraivecer → en + raiva + ecer  
 (b) Aclarar → a + claro + ar

O que diferencia a parassíntese da derivação sucessiva é justamente o seu caráter de simultaneidade. Na primeira, sufixo e prefixo agregam-se num mesmo movimento à base, ao passo que na segunda eles obedecem a um princípio de ramificação binária<sup>28</sup>. Comparem-se, para fins de diferenciação, os vocábulos seguintes, em que (1) representa a base e os demais números correspondem à anexação dos afixos a ela. Observe-se que em (a) os afixos são marcados apenas com o número (2), o que indica que ambos fizeram parte de um único processo derivacional. Já em (b), os elementos mórficos integraram-se à base um a um. Por conseguinte, houve dois processos derivacionais na formação da palavra em causa: *-izar* que se uniu à palavra-base *favela* e, em seguida, *des-*, que se uniu a *favelizar*.

- a) En + raiva + ecer (parassíntese)

2     1     2

- b) Des + favela + izar (derivação sucessiva)

3     1     2

<sup>28</sup> Diversos têm sido os autores que se debruçam sobre o fenômeno da parassíntese. Monteiro (2002) considera a parassíntese um caso de *circunfixação*. Por esse prisma, haveria nos parassintéticos um morfema descontínuo. Assim, em um verbo como *apedrejar*, interviria apenas um afixo, representável em *a...ar*, que se juntaria à base *pedra*.



Ante o fenômeno, uma questão se coloca: como verificar se a junção dos elementos é simultânea? Como ensinam Correia e Lemos (2005), nos parassintéticos não existem fases intermédias<sup>29</sup> dos derivados. Assim, em *enraivecer* não existem as formas *enraiva\** nem *raivecer\**, o que nos dá mostras de que a junção dos afixos ocorreu ao mesmo tempo, operacionalizando um único processo derivacional. Já em *desfavelizar*, existe uma forma intermediária (*favelizar*). Diremos, então, que esse último vocábulo resulta da aplicação de dois processos derivacionais distintos.

É de ressaltar que não houve registro de parassintéticos no *corpus*. Todas as formações estavam registradas nos *corpora* de exclusão utilizados na pesquisa, embora nada impedisse que se cunhassem termos como *amarinar\**, *endilmecer\** etc. noutros contextos.

### 3.3.2 A composição

A composição é um processo geral de formação lexical que consiste na criação de palavras novas a partir da combinação de bases preexistentes<sup>30</sup>. Tendo em conta a estrutura fonológica dos compostos, a tradição gramatical cindiu-os em dois grandes grupos, a saber: compostos por justaposição e compostos por aglutinação. No primeiro caso, a unidade lexical formada mantém sua integridade fonológica (número de sílabas e acento próprio): *fichas-sujas*, *livro-bomba*, entre outras. Já no segundo caso, os elementos intervenientes na composição subordinam-se ao acento de um dos constituintes. Na aglutinação, é comum um ou outro constituinte perder segmentos. É o que ocorre com *Chináfrika* (FSP 30/05/2010), em que se suprimiu o [a] de *China*.

<sup>29</sup> Assumindo um ponto de vista contrário, Bechara (2004) argumenta que as ditas formas intermédias existem no sistema, pelo que não se poderia falar, a rigor, em parassíntese. Por isso, o autor sustenta que uma forma como *aclerar* foi formada a partir do verbo potencial *clarar\**. O mesmo ocorre com *entristecer*, formada a partir de *tristecer\**. Em síntese, Bechara põe em dúvida a inexistência de fases intermédias, alegando que as bases já existiam virtualmente no sistema da língua.

<sup>30</sup> No capítulo sobre a formação de palavras, é comum a gramaticologia portuguesa reservar um espaço à parte para os chamados hibridismos. São híbridas as formas que agregam em uma formação lexical elementos de línguas diversas. Neste trabalho, seguiremos as orientações de Henriques (2007), para quem os hibridismos devem ser considerados complementares no quadro classificatório dos processos de composição e derivação. Nesse sentido, itens lexicais como *Serraboy* (português e inglês), *embromation* (português e inglês), entre outros, pertencem, respectivamente, aos processos de composição e de derivação. O autor observa ainda que o hibridismo só pode ser comprovado sincronicamente em palavras que apresentem, ao menos, um elemento não vernáculo. Os exemplos supracitados congregam elementos do inglês e do português. Por isso, pode-se dizer que se trata de uma composição e de uma derivação híbridas.

Ocorre que, em vários casos, a composição não se circunscreve à união de apenas dois elementos. Por meio de uma junção sucessiva de bases, engendram-se novas unidades lexicais. Henriques (2007, p. 113) chama o fenômeno de *supercomposição*. Veja-se este exemplo extraído de O Globo de 19/09/2010:

“Mas você já parou para pensar no que vai acontecer depois da eleição dela? Vai sair até vento, na hora em que o pessoal da **farinha-pouca-meu-pirão-primeiro**<sup>31</sup> der a largada, sai de baixo, vai ser um vale-tudo. Sinta as foices zunindo, sinta os rabos de arraia.”

Este outro exemplo de Augusto Nunes, colunista de Veja, também é bastante expressivo:

Foi alentador saber que o Sensus encontrou mais **brasileiros-descontentes-com-o-governo**, espécie à beira de extinção de dois anos para cá. (V 16/09/2009)

A sabedoria popular nos lega incontáveis exemplos de formas supercompostas. É de notar que muitos deles já se encontram consignados nas representativas obras lexicográficas do português. Recorrendo a Houaiss (2009), encontramos diversas variantes regionais que são usadas para denominar um popular pássaro da fauna brasileira, que, entre nós do sul do estado do Rio de Janeiro, recebeu a alcunha de *Trinca-Ferro*. Dentre elas, algumas figuram como supercomposições: *Tapera-viola-de-aza-verde*, *Bom-dia-seu-chico*, *Trinca-ferro-de-asa-verde*.

Importa observar que a composição de palavras pode se materializar com bases presas. As palavras *racismômetro*, *tucanopatia* e *narcoterrorista* podem ilustrar esse tipo de formação. Com efeito, muito embora *metro*, *patia* e *narco* não tenham livre curso na língua, atuam também na produção de novos itens lexicais. Esses elementos têm, geralmente, origem grega ou latina e são utilizados largamente nas terminologias científicas.

Até aqui, as palavras compostas listadas ora apresentaram hífen, ora apresentaram-se fundidas numa só unidade gráfica. No entanto, há grupos de

---

<sup>31</sup> Nas supercomposições, também chamadas de unidades fraseológicas, os redatores do VOLP decidiram pela não hifenação, com exceção dos nomes zoológicos e botânicos. Assim, *salve-se quem puder*, *deus nos acuda* são grafadas sem hífen. Como as medidas do novo acordo passam a valer em 2012, admite-se a fase de transição nesses casos.

elementos que funcionam como genuínas unidades lexicais, sem apresentar indício gráfico algum de junção. Considerem-se estas frases:

(a) “Quando você faz um **choque de gestão**, e entrega bons resultados ano após ano não há politicagem que atrapalhe a percepção da melhora por parte da população.” (V 07/04/2010)

(b) “Acrescente a famosa ‘**margem de erro**’ que faz um candidato com hipotéticos 34 pontos valer apenas 32 ou já ter chegado a 36.” (V 28/04/2010)

(c) “Pena que, quando eleitos, a única coisa que os preocupa são comissões, propinas (...) **cargos de mando** (...)” (G 12/09/2010)

(d) “**Efeito Tiririca** nas Eleições”. (V 06/10/2010)

Esses compostos sintagmáticos, para usar um termo de Alves (2007), colocam um problema para os estudiosos do léxico, porquanto, muita vez, é uma tarefa complexa determinar se se trata de um sintagma livre ou de uma unidade lexicalizada. Tendo em vista os objetivos deste trabalho, optamos por excluir essas formações do nosso levantamento. Desse modo, registraremos apenas os compostos hifenizados (*ficha-suja*, *país-chave*), bem como aqueles que se apresentarem fundidos numa só unidade gráfica (*lulômetro*, *ecocapitalista*). Apesar de reconhecermos as limitações desse critério, ele nos dá indícios de que o redator teve o sentimento de que a palavra encontrasse lexicalizada<sup>32</sup>.

### 3.3.3 Outros processos

#### 3.3.3.1 Derivação regressiva (ou regressão)

Denominação dada ao processo que consiste em formar derivados pela eliminação da desinência ou de um sufixo suposto do vocábulo derivante. Sem dúvida, os regressivos mais produtivos no português sincrônico são constituídos por substantivos deverbais (*encaixar* – *encaixe*, *empuxar* – *empuxe*, *lutar* – *luta*, *errar* – *erro* etc.), muito embora haja raros casos de regressão a partir de substantivos. De conformidade com Henriques (2007, p.

<sup>32</sup> Com relação aos elementos *bem* e *mal*, cabe observar que a imprensa moderna nem sempre considera as alterações ortográficas propostas pelo VOLP. É comum encontrarmos composições com tais elementos não hifenadas. Neste caso, optamos pela atualização da grafia, consoante as normas propostas pelo Vocabulário Ortográfico.

125), estes últimos só têm pertinência diacrônica. É o caso de *sarampão* – *sarampo*, *rosmaninho* – *rosmano* etc., nos quais *-ão* e *-inho* foram interpretados erroneamente como afixos de grau. Para nós, que empreendemos uma pesquisa de natureza sincrônica, tais formas não adquirem relevância.

Observe-se que o reconhecimento dos deverbais nem sempre é tarefa das mais fáceis. A existência de um processo de natureza inversa (a verbalização denominal) coloca problemas na identificação dos nomes que provieram de verbos. Por outras palavras, como determinar o sentido do processo derivacional, isto é, como determinar se o nome deriva do verbo ou é o inverso que ocorre? Basilio (2003), embora admita, em muitos casos, não haver certeza sobre a direcionalidade do processo, elabora uma proposta para o reconhecimento de um deverbais a partir da função sintático-semântica da nominalização em português. As conclusões da autora são, resumidamente, as seguintes:

se uma palavra não preenche as funções da substantivação de verbos, cremos ser razoável dizer, na falta de outras evidências, que essa palavra não é um substantivo deverbais. Do mesmo modo, devemos considerar como substantivo deverbais o substantivo que, sendo morfológicamente relacionado a um verbo, apresentar relação verbo/nome prevista como função dos processos de substantivação de verbos. (Basilio, 2003, p. 43)

Seguindo a autora, em geral formamos substantivos a partir de verbos para atender a funções sintático-semânticas do discurso. Por outras palavras, criamos substantivos a partir de verbos para usá-los, os substantivos, em contextos sintáticos em que um verbo não caberia. Expressa-se, pois, o significado do verbo dentro de uma visão nominal. O critério da autora prevê, assim, a conectividade estreita entre o par verbo/nome (*esquentar* – *esquenta*), concorrendo para a clarificação do sentido do processo.

### 3.3.3.2 Abreviação (ou braquisssemia)

Processo que se caracteriza pela redução de um vocábulo, em geral longo, por economia expressional ou por eficácia comunicativa. Vocábulos como *Fla* (Flamengo), *Bota* (Botafogo), *delega* (delegado), *japa* (japonês), *uruca* (urucubaca) entre tantos outros, ilustram o fenômeno, bem característico da linguagem coloquial.

Alguns autores falam também em *truncação* e *truncamento*. Conforme Henriques (2007, p. 126), trata-se de um tipo de abreviação, no qual “parte da

sequência lexical é eliminada”. O autor cita como exemplos *niver* (aniversário) e *su* (sucesso). Acrescentemos mais alguns: *cerva* (cerveja), *churras* (churrasco), *facul* (faculdade). Para fins de simplificação terminológica, usamos os termos *truncação*, *abreviação* e *braquissemia* como sinônimos.

Vale dizer que não se devem confundir os termos *abreviação* e *abreviatura*. Lembremo-nos de que a abreviatura constitui um recurso da língua escrita e a ela se limita. A abreviação, ao seu turno, figura também na língua oral. Henriques (2007, p. 138) lembra ainda que, graficamente, a abreviatura é marcada por um ponto (*Dr. – doutor, prof. – professor*), caracterizador da redução do vocábulo. Por outro lado, observando mais detidamente o fenômeno da abreviação, percebemos que as palavras formadas por esse recurso adquirem, via de regra, um uso peculiar na língua. *Facul*, por exemplo, é um vocábulo carregado de informalidade e, ademais, assinala um tipo de formação usada com frequência por jovens. A abreviatura é simplesmente um corte na extensão da palavra gráfica, sem implicações de outra natureza (semântica, discursiva etc.).

### 3.3.3.3 Siglagem e acronímia

Trata-se de um processo bastante utilizado que consiste na redução de longos títulos às letras iniciais das palavras que os constituem. Kehdi (2003) ressalta que a siglagem, a rigor, é um tipo específico de abreviação, já que as siglas comumente são compostas por meio da redução das palavras às suas letras iniciais, pelo que também se pode dizer haver certa regularidade no processo. Abreviações como CGU (Controladoria-Geral da União), CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito), UPP (Unidade de Polícia Pacificadora), PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), UPA (Unidade de Pronto Atendimento) exemplificam o fenômeno, que, como assinala Henriques (2007, p. 137), remete a um significado que pode ser de cunho institucional, eufemístico ou de outra natureza.

Note-se que, não raro, as siglas são criadas ou reusadas com finalidades estilísticas. Em sua coluna em O Globo, Ancelmo Góis reporta-se, de forma bem-humorada, aos políticos de ficha-suja, os quais formariam o PS (Partido dos Sujos):

“Partido dos Sujos (**PS**). No Senado, o PS tem uma bancada igual ou maior que a do PSB, do PCdoB, do PSOL, do PMN e do PPS.” (G 10/10/2010)

José Simão, em uma alusão humorística ao PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), conferiu outra significação à sigla, conforme se vê a seguir:

“E sabe o novo significado de **PAC**? Primeiro de Abril, Companheiros! Rarará!” (FSP 04/04/2010)

Correia e Lemos (2005, p. 46) destinam o termo *acrônimo* a toda unidade lexical formada “de letras ou grupos de letras, que se pronuncia como uma palavra, isto é, que tem estrutura silábica própria da língua onde se forma.” Assim é que temos em português Detran (Departamento Nacional de Trânsito), Confecom (Conferência Nacional de Comunicações), entre outras.

Carvalho (1984) observa que as siglas (e os acrônimos) comportam-se como genuínas palavras, concorrendo para o enriquecimento lexical. Tanto é assim que, depois de fixadas, podem servir de bases para novas criações lexicais, como corroboram estas palavras: pepista (PP + ista), uerjiano (UERJ + ano), cutista (CUT + ista). Neste trabalho, registramos apenas as siglas que entraram na formação de derivados.

#### 3.3.3.4 Cruzamento vocabular (ou palavra-valise)

O cruzamento vocabular resulta, em geral, da combinação de partes de dois itens lexicais, muito embora haja formações que conservam a integridade fonológica de um dos elementos envolvidos no processo. É bastante frequente o tipo de construção no qual a primeira palavra perde a parte final e a segunda, a inicial (cf. *privataria*). No entanto, conforme já sugerimos, isso não é regra, cabendo ao criador da palavra manipular as peças da língua inovadoramente conforme as possibilidades silábicas do português. Pela ausência de sistematicidade do processo, Sandmann (1997, p. 58) fala em produção artesanal, o que nos parece apropriado, uma vez que as possibilidades para a mesclagem dos itens léxicos são várias. Exemplificam o fenômeno os vocábulos seguintes:

“O velho ‘**Franklinstein**’. O ministro da Comunicação Social, Franklin Martins, apresentou

aos seus colegas de governo uma ampla – e autoritária, para variar – pauta de reforma do setor de comunicação no país.” (V 18/08/2010)

“No reino de **Venecuba**. Onde estão os cubanos que foram para o país de Hugo Chávez ajudar um pouco e vigiar muito.” (V 24/02/2010).

*Franklinstein* é a junção de *Franklin* e *Frankenstein*, ao passo que o vocábulo *Venecuba* foi formado pela mescla de *Venezuela* e *Cuba*.

Pelo que temos observado, esse é um recurso que vem sendo utilizado constantemente pela imprensa contemporânea. Com o intuito de explorar de maneira inovadora as cargas semânticas dos itens lexicais envolvidos na criação lexical da palavra, os jornalistas lançam mão de combinações carregadas de exotismo, criticismo, ironia, que são manifestação inconteste da criatividade lexical dos usuários da língua.

#### 3.3.3.5 Reduplicação (ou redobro)

Conforme observa Henriques (2007, p. 126), a reduplicação reporta-se a um recurso morfológico que se caracteriza pela repetição de sílabas semelhantes ou iguais, com propósito de formar palavras onomatopaicas (imitativas) ou hipocorísticas (afetivas). Vocábulos como *nhe-nhe-nhem* e *Zeze* (José) podem servir de exemplos para o fenômeno que, como a abreviação, é largamente utilizado na linguagem coloquial.

#### 3.3.3.6 Conversão (ou derivação imprópria)

A conversão é caracterizada pela passagem de uma classe gramatical a outra, sem auxílio de afixos ou redução. Possui a particularidade de não introduzir distinções formais entre a base e o derivado, pelo que sua inclusão no rol dos processos de formação de palavras tem sido bastante discutida. Reportando-se ao assunto, Henriques (2007, p. 127) caracteriza a conversão como “pseudoprocesso”. Argumenta o autor que se trata de um fato pertencente ao âmbito da estilística morfossintática, não resultando do processo vocábulo algum. A conversão parece não contribuir, a rigor, para o enriquecimento lexical. Apenas permite que palavras de uma classe sejam usadas em outras, o que faz dela um fenômeno mais sintático que morfológico.

Atentemos para esta frase extraída da Folha de São Paulo (20/06/2010):

“O PV impôs um pedágio aos filiados que querem se candidatar a deputado (...). Os **verdes** que aceitaram pagar a ‘taxa’ poderão subir hoje no palanque da presidenciável Marina Silva (...)”.

Perceba-se que houve apenas alteração sob o ponto de vista funcional, isto é, da função de um adjetivo para função de um substantivo. Em outros termos, ocorreu uma adaptação do item lexical *verde* ao contexto sintático-semântico exigido pela estrutura frasal, sem, com isso, ter-se dado origem a um novo vocábulo<sup>33</sup>.

Não obstante, pode haver situações em que a conversão resulta em uma base que pode servir à inovação lexical. Henriques (2007, p. 127) cita como exemplo a palavra *dequeísmo*, formada a partir da conversão de duas formas: *de* + *que*, as quais formam a base potencial *deque*\*.

### 3.3.3.7 Neologismo por empréstimo

Assim são chamadas as inovações lexicais provenientes de outras línguas. De acordo com Alves (2007), na primeira fase o elemento alienígena é sentido como externo ao vernáculo da língua receptora, sendo denominado estrangeirismo. Numa etapa posterior, caso a comunidade linguística o julgue pertinente à comunicação, dissemina-se o uso do item lexical em causa e este passa a ser sentido como vernáculo, integrando-se progressivamente ao universo lexical dos falantes. Por fim, com a fixação da forma ao léxico da língua receptora, ela passa a ser considerada um empréstimo, podendo sofrer adaptações de natureza gráfica, morfológica ou semântica. As palavras em destaque ilustram o fenômeno:

“A versão ‘**pitboy**’ de Alckmin causou estranhamento entre seus eleitores e o candidato despencou nas pesquisas.” (V 18/08/2010)

“Para evitar um **maracanazzo** petista, Dilma segue com disciplina as orientações do professor (...)”. (V 09/06/2010)

<sup>33</sup> Para Rocha (2003), porém, as alterações funcionais concorrem para a criação de um novo item lexical. Por esse prisma, a distribuição sintática das formas na conversão é algo que as diferencia na cadeia sintagmática. Por isso, do ponto de vista funcional estaríamos ante a um vocábulo neológico. Muito embora reconheçamos os argumentos do autor, preferimos considerar, como Henriques (2007), que não há neologia lexical no processo de conversão, visto que inexistem alterações formais.



*Pitboy*, já registrada no Aurélio (2010), faz referência a um jovem musculoso, de comportamento agressivo. *Maracanazzo* reporta-se àquela que talvez tenha sido a maior derrota brasileira nos campos de futebol. Em 1950, a seleção brasileira perdeu o título mundial, no Maracanã, para a seleção uruguaia. A derrota ficou conhecida como *maracanazzo*. O jornalista, por associação, usou o vocábulo tomado de empréstimo do espanhol com o sentido de “grande derrota”.

No mundo moderno, em particular no Brasil, o inglês goza de inegável prestígio em função da influência cultural, política e tecnológica exercida sobre outros países. Logo, é natural que se adotem, nomeadamente, palavras desse idioma – os anglicismos – na comunicação ordinária. Biderman (1978, p.162), reportando-se ao assunto, tece considerações acerca da adoção de termos estrangeiros no português brasileiro:

No português brasileiro contemporâneo, a primeira categoria [a dos anglicismos] é a mais expressiva. Hoje os anglicismos prevalecem sobre todos os outros tipos de estrangeirismos. Aliás, esse fato não ocorre somente no Brasil. Todas as culturas e civilizações contemporâneas estão sofrendo uma avassaladora influência da língua inglesa e da cultura americana, como consequência do grande prestígio que a civilização americana assumiu em todo o mundo. Vivemos a era da Pax Americana, na qual o império cultural dos Estados Unidos da América se exerce sobre todas as nações, culturas e línguas. Nos tempos contemporâneos o inglês pode ser considerado uma língua franca universal. E, assim, os bens, os conceitos, inventos americanos, com sua nomenclatura inglesa vão sendo absorvidos pelas outras culturas. O português brasileiro, como as demais línguas do mundo, vem incorporando assim, ao seu Léxico, centenas de palavras inglesas.

Importa dizer que alguns estudiosos rechaçam a utilização de palavras estrangeiras no português<sup>34</sup>. Na verdade, essa é uma atitude antiga e se assenta comumente em argumentos de cunho purista. Lembremo-nos, a propósito, que há pouco mais de um século o médico Castro Lopes, por meio da imprensa, defendia ferinamente a substituição de palavras francesas, os galicismos, por estranhos correlatos latinos (veja-se, por exemplo, *chofeur* – *cinesíforo*). O mesmo purista vociferou, tempos depois, contra os anglicismos que, àquela época, já iam se incorporando ao léxico português (cf. *football* que deveria ser, segundo Lopes, substituído por *ludopédio*).

---

<sup>34</sup> Em verdade, as inovações lexicais de modo geral eram repelidas por muitos autores em um passado não muito distante. Consideravam esses estudiosos que os neologismos, em geral, eram vícios de linguagem, os quais prejudicavam a clareza da comunicação. Estavam atrelados às noções de pureza e imutabilidade linguísticas tão comuns à tradição gramatical. Desse modo, autores como Bueno (1973, p. 392-396) colocavam os neologismos no rol de expressões que “afeiam o dizer, diminuindo-lhe a força expressiva.” Hoje, porém, autores de reconhecido prestígio gramatical como Bechara (2004) veem no neologismo um instrumento da imprescindível renovação lexical por que passa qualquer língua viva.

Manifestação mais recente, mas não menos despropositada, foi o projeto de lei do deputado Aldo Rebelo (nº 1676/99). Em linhas gerais, o parlamentar condenou a utilização de palavras estrangeiras (nomeadamente, as de língua inglesa) em território nacional, sob a alegação de que elas estariam ameaçando a língua portuguesa e, por consequência, a soberania nacional. Desse modo, se o uso indiscriminado dessas palavras continuasse a se propagar, elas acabariam por descaracterizar a língua de Camões. Em função dessa ameaça alienígena, os usuários que as empregassem sem justificativa plausível seriam punidos na forma da lei.

Atitudes extremadas como essas denotam desconhecimento acerca da dinâmica da língua. De nossa parte, cremos que deve sempre prevalecer o bom senso. Numa breve reflexão, a história mostra que a adoção de termos estrangeiros sempre fez parte da história das línguas e que, em geral, legou-lhes instrumentação linguística que, de algum modo, auxiliou a comunicação. Basta examinarmos com algum cuidado a feição do léxico português para nos darmos conta de que ele comporta palavras de línguas várias, o que não implica – ou implicou em algum momento da história – a descaracterização da língua portuguesa. Além disso, desconsiderar os estrangeirismos é também, como apontou Faraco (2001, p. 45), ignorar a “heterogeneidade e dinâmica da vida cultural”, tencionando impor-lhe o “homogêneo e o único” que, como sabemos, em termos de linguagem, é um mito<sup>35</sup>.

Em face do exposto, adotemos aqui as palavras de Monteiro (1991, p. 164). O autor assevera que:

(...) a língua está sujeita a interpenetrações culturais e contra esse fato qualquer tentativa dos gramáticos parece esforço vão. Na época atual, em que o mundo todo se torna uma grande aldeia, diariamente transitam vocábulos de procedência estrangeira e inúmeros deles terminam sendo incorporados ao português. Talvez a atitude mais coerente seja a de aceitar os estrangeirismos já perfeitamente aportuguesados e evitar os que possuem correspondentes vernáculos com o mesmo significado.

---

<sup>35</sup> Em entrevista à revista *Veja*, Rebelo reconsiderou suas ideias acerca dos estrangeirismos. Quando inquirido pelo entrevistador se estaria ainda empenhado em abolir o uso de palavras estrangeiras no português, assim se posicionou: “Meu projeto sobre a língua portuguesa está a ponto de ser votado. É um projeto para valorizar o ensino da língua. O texto foi aprimorado, **não restou nada de folclórico. Cada um é livre para falar o que bem entender. (...) A adaptação de palavras estrangeiras é um processo de enriquecimento e mudança de todas as línguas vivas.**” Grifo nosso. *Veja* (nº 2176, 2010, p. 23)

### 3.3.3.8 Recursos fonológicos

Em geral, criamos palavras com base em outras já existentes no sistema do português. Ocorre que, esporadicamente, os utentes cunham itens lexicais completamente inéditos. Tais criações são chamadas de ex-nihilo (do nada) e têm pouca representatividade para o fenômeno neológico, dada a sua exígua produtividade. Em relato sobre o fenômeno, Sandmann (1997) diz que, em anos de pesquisa, somente encontrou um único item lexical construído sem motivação aparente: *tí-tí-tí*, o qual designa, conforme Houaiss (2009), “sucessão de intrigas; boataria, disse me disse, falatório, mexerico, zum-zum-zum”, entre outros significados.

Ainda na esfera dos neologismos fonológicos, Alves (2007, p. 12) faz menção ao processo onomatopaico. De produtividade bem superior à criação não motivada que acabamos de ver, a onomatopeia não é “totalmente arbitrária, já que se baseia numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada e certos ruídos ou gritos.” Salienta a autora que esse tipo de neologismo fonológico é particularmente produtivo em determinadas linguagens como nas histórias em quadrinhos, por exemplo. As palavras *reco-reco* e *au-au* são exemplos de onomatopeias.

Observe-se, no entanto, que nem toda forma onomatopaica é criada a partir de uma duplicidade fonética. A título de ilustração, podemos citar os itens lexicais *bem-te-vi*, *ziriguidum* e *miar*, os quais, conforme se pode notar, não apresentam redobro, mas são igualmente onomatopeias porquanto foram cunhadas com base em ruídos ou gritos.

### 3.3.3.9 Neologismo semântico

A neologia semântica ocorre, principalmente, “quando se verifica a mudança no conjunto de semas referentes a uma unidade léxica.” (Alves, 2007, p. 62). Em outros termos, quando se agrega a uma determinada base formal um significado inédito estaremos diante de um neologismo conceptual.

Tal fato ocorre com bastante frequência e é, com efeito, uma das principais forças de atualização do léxico de uma língua. Para Carvalho (1984, p. 23), o neologismo conceptual constitui-se na forma mais simples e econômica de surgimento de uma nova palavra. Desse modo, a partir de

significantes disponíveis no sistema da língua, “criam-se conceitos novos, introduzindo novos hábitos, ou velhos hábitos vistos por um prisma diferente” (Carvalho, 1984, p. 23).

Acresça-se que alguns mecanismos são particularmente relevantes para que se operem mudanças na significação das palavras. Dentre eles, têm grande destaque as criações metafóricas e metonímicas, as quais propiciam, respectivamente, por associação e contiguidade, a oscilação semântica dos itens lexicais. Com respeito à força da metáfora, diz espirituosamente Biderman (1978, p. 174): “tudo é metáfora nos usos linguísticos”. De fato, a tal recurso semântico devemos creditar boa parte das inovações linguísticas no plano do significado. Nesse sentido, a transposição de significados, além de engendrar novas possibilidades de associação, proporcionando novas designações, confere força expressiva a diversos itens lexicais.

No vocábulo *Piranhão*, por exemplo, a base é metaforizada. Longe de atualizar o significado lógico, a saber, piranha grande, o termo nomeia, popularmente, o edifício da prefeitura do Rio de Janeiro. A motivação para tal designação decorreu do fato de a construção ter sido feita numa área em que funcionavam antigas casas de prostituição. Valendo-se da associação com o vocábulo *piranha*, que, na gíria, designa mulher de hábitos promíscuos, os falantes criaram e popularizaram *Piranhão*, de modo que, hoje, tal palavra se constitui no nome pelo qual parte dos cariocas conhece o prédio. Vale dizer que casos como esse são numerosos na língua, porque, não raro, pensamos por metáforas, o que coloca a transposição de significados como um processo fértil, por meio do qual os falantes-sujeitos criam, com frequência, neologismos.

Por tudo isso, releva observar, com Barbosa (2001, p. 41), que a polissemia é a regra, ao passo que a monossemia, a exceção, com relação às palavras que compõem o universo léxico de uma língua. Nesses termos, a apreensão de todos os significados de uma palavra torna-se praticamente uma utopia.

### 3.3.4 A força da linguagem popular

Importa mencionar, por fim, a linguagem popular, a qual desempenha papel de relevo no contexto político. Pelo que pudemos observar, com bastante

frequência os jornalistas, os políticos, os leitores, enfim, se valem das construções populares. Com isso, almejam trazer, via de regra, expressividade ao seu discurso. A revista *Veja* se baseou na expressão popular *cabide de emprego* para cunhar o neologismo *cabidão*. O composto *chumbo-grosso* foi usado para referir-se à boataria despejada pela oposição contra Dilma Rousseff. As expressões gíricas *embromation* e *enrolation* também foram trazidas para os ambientes políticos com vistas a explorar todo exotismo evocado por tais formações.

Ademais, há, pode-se assim dizer, uma mescla de linguagens que em muito enriquece a linguagem política. É profícua, por exemplo, a migração de elementos próprios à linguagem do futebol para o campo da política. A palavra *pegada*, usada no futebol para indicar que um time tem determinação coletiva em tomar a bola do adversário (Houaiss, 2009), foi retomada abaixo:

“Ela [Marina Silva] tem a mesma **pegada** com as políticas sociais.” (G 11/07/2010)

Para indicar um grande embate político, usou-se o clássico carioca Fla-Flu:

“O PMDB do Rio quer transformar a reta final da campanha para o Senado num **Fla-Flu** entre Jorge Picciani (PMDB) e Marcelo Crivela (PPB). Uma das propostas, que está sendo avaliada é a de estimular uma cruzada entre católicos e evangélicos.” (G 19/09/2010)

Ainda com respeito à linguagem popular, merecem destaque as gírias. No entender de Biderman (1978, p. 161), elas correspondem a criações populares que nascem da busca de uma maior expressividade. Lapa (1982, p. 52), por sua vez, considera a gíria um meio expressivo pleno de vivacidade, usado, mormente, entre as camadas populares. As palavras que citamos mais acima (*embromation*, *enrolation*, *cabidão*) possuem um alto teor evocatório. Destacam-se pela ênfase que trazem à mensagem. Agregam a ela um colorido popular que, a nosso ver, muito a enriquece.

Para finalizar, ressalte-se que a imprensa moderna tem lançado mão desse recurso com certa frequência. Nos textos pesquisados, notamos com facilidade a mescla das entre as linguagens culta e popular, sempre com intuito

de dar ao texto informativo (em princípio, sério e referencial) um toque de coloquialidade.

## 4 METODOLOGIA E GLOSSÁRIO DE TERMOS NEOLÓGICOS

Ao optarmos pelos estudos neológicos, logo nos despertou o interesse a temática da política por percebermos a importância capital da linguagem nesse contexto. De fato, como já expusemos, a relação entre poder e linguagem é extremamente sensível em ambientes políticos. É bem verdade que tivemos uma impulsão extra: no decorrer da pesquisa, atravessaríamos o período eleitoral de 2010 que, por nossa intuição, nos legaria farto material para estudo.

É preciso dizer que parte de nossa motivação partiu da leitura do trabalho da Prof<sup>a</sup>. Nícia Clare, que realizou uma pesquisa semelhante a esta que levamos a efeito, embora com objetivos um pouco diferentes. Os métodos podem, em certo sentido, coincidir, mas num trabalho neológico, por mais que metodologia e intenções convirjam, os resultados nunca serão os mesmos. A neologia, reitera-se, é um fenômeno intrinsecamente dinâmico que reflete a própria sociedade no período estudado. E se a sociedade não é exatamente a mesma, como a língua há de sê-lo? Trata-se, podemos assim dizer, de um saudável continuísmo.

Definidas as metas e a temática do trabalho, passamos à seleção do *corpus*. Logo optamos pela linguagem da imprensa escrita, por a considerarmos uma das grandes divulgadoras das inovações que visávamos a estudar. De início, nossa intenção era coletar material no período de agosto de 2009 a agosto de 2010. Mas a riqueza do *corpus*, nomeadamente a partir de fevereiro de 2010, nos levou a fazer um ajuste no recorte. Passamos, então, a colher material de fevereiro de 2010 a novembro de 2010. Intuímos que, com aproximação das eleições, esses dez meses nos forneceriam profícuo material para estudo, oferecendo-nos uma visão particular do que foi a eleição 2010. Ademais, o período escolhido traspassaria os períodos pré e pós-eleitoral.

### 4.1 Sobre o *corpus*

Compuseram nosso *corpus* três fontes, sendo uma revista (Veja) e dois jornais (Folha de São Paulo e O Globo). Com relação à revista, utilizaram-se dois exemplares mensais durante os dez meses da pesquisa. Paralelamente, foram utilizados dois exemplares mensais da Folha de São Paulo (doravante Folha), reunidos entre os meses de fevereiro e junho; e dois exemplares

mensais do jornal O Globo, reunidos entre os meses de julho e novembro. Damos preferência às edições dominicais, pois apresentaram maior diversidade de textos sobre a temática pesquisada. A coleta deu-se aleatoriamente, considerando-se apenas o dia da semana da publicação, ou seja, domingo. Desse modo, o material da pesquisa proveio de quarenta fontes distribuídas, conforme a tabela abaixo:

<b>FONTE</b>	<b>EXEMPLARES</b>	<b>PERÍODO</b>	<b>COLETA</b>
VEJA	<b>20</b>	Fevereiro a Novembro	2 mensais
FOLHA	<b>10</b>	Fevereiro a junho	2 mensais
GLOBO	<b>10</b>	Julho a Novembro	2 mensais

Evidentemente, por se tratar de um quantitativo com essas características, só podemos falar de um *corpus* relativamente representativo. Por outro lado, a variabilidade e a riqueza dos neologismos encontrados permitem-nos vislumbrar algumas das tensões que marcaram o período eleitoral, além de testemunharem a inventividade do ser humano na época. Importa observar também que o estudo que ora fazemos põe em relevo alguns processos de renovação lexical importantes no discurso político.

Ainda com relação às fontes, buscamos os textos cuja temática fosse essencialmente política. Assim, a título de ilustração, deu-se preferência aos textos contidos no caderno A da Folha, tendo em vista que eles versam, em especial, sobre política, seja partidária, social ou de outra natureza.

Neste ponto, convém esclarecer que, apesar de a política ser uma atividade profissional, nossa pesquisa não ganha rigidamente contornos terminológicos pelas seguintes razões:

(a) Os veículos pesquisados são integrantes da grande mídia, a qual atinge leitores leigos e não leigos. Há, com efeito, a preocupação de atingir a todos os públicos, o que se nota pela simplificação da linguagem utilizada, evitando-se, inclusive, excesso de tecnicismos.

(b) Nas terminologias, em benefício da clara comunicação, mono ou multilíngue, persegue-se, o quanto possível, univocidade quanto ao significado. De modo diverso, os textos que integraram nosso *corpus*, não raro,



apresentam palavras polissêmicas, no âmbito da política, em razão do próprio dinamismo do sistema político.

(c) A política atinge diretamente a vida das pessoas, não se limitando, pois, ao estudo técnico-científico. Com muita frequência, os termos criados nos meios políticos ganham eco na língua comum e se disseminam, por vezes, surpreendentemente. Foi o que aconteceu com *mensalão*, hoje popularizado em todo país, principalmente por conta da divulgação midiática.

(d) Retomando Lorente (2004, p. 29), no que respeita à terminologia, devemos observar que “seu objetivo é dar conta do funcionamento das unidades lexicais especializadas em situações comunicativas profissionais, acadêmicas ou científicas.” A ciência em causa fornece, pois, subsídios que facilitem a comunicação nas línguas de especialidade. Nós, diversamente, buscamos também unidades lexicais da língua comum.

(e) O neologismo nas línguas de especialidade surge, em geral, por motivações denominativas. Criam-se conceitos para a nomenclatura das coisas daquela ciência ou área do saber. A linguagem que pesquisamos, porém, está imersa num ambiente de forte tensão, no qual se destaca a argumentatividade. Logo, nesse contexto o neologismo estilístico destaca-se como um vigoroso recurso expressional, sendo, não raro, reclamado com finalidades estilísticas.

Do que foi dito, note-se que trabalharemos com uma linguagem bastante híbrida, mas que, a despeito disso, não perderá sua feição política.

No que concerne à estruturação dos verbetes, ou microestrutura, optou-se por apresentá-los com os seguintes níveis de informação:

(a) Apresentação do verbete em minúsculas, seguido da classe da palavra e do seu gênero, quando se tratar de um nome substantivo. Para esta última categoria gramatical, adotaram-se as orientações de Mattoso Câmara Jr. (2005, p. 92), para quem as palavras portuguesas cindem-se em (1) nomes substantivos de gênero único: *baguncismo*, *intelectuália* etc.; (2) nomes de dois gêneros sem flexão: (o, a) *marinista* e (3) nomes substantivos de dois gêneros com uma flexão redundante: (o) *cristão-novo*, (a) *cristã-nova*.

(b) Definição do verbete, de conformidade com o contexto em que apareceu.

(c) Atestação, por meio de um excerto extraído do *corpus*, da ocorrência da palavra (abonação).

(d) Exibição da fonte de que proveio o verbete e de sua datação.

(e) Informações gramaticais, incluindo o processo de formação da palavra neológica, exceto em casos de neologismos semânticos.

(f) Informações, por meio de nota, sobre o contexto histórico-político do aparecimento da palavra, caso se julgue pertinente.

As palavras cujos elementos mórficos apresentaram-se repetidos em processos formativos idênticos, com necessária transparência semântica e morfológica, não foram inseridas em fichas lexicográficas separadas. Optou-se por registrar e descrever apenas uma ocorrência. Quando necessário, as registramos nas tabelas que se encontram no final do trabalho. É o que ocorre, por exemplo, com o prefixo *anti-*, que figura em *anti-Lula*, *antipensamento*, entre outras palavras. Havendo necessidade de fazer comentários adicionais sobre a grafia, pronúncia ou sobre quaisquer outros aspectos linguísticos, além dos já feitos sobre os processos de formação, nós o faremos no espaço destinado às observações gramaticais.

Ao final das descrições, foi organizada uma lista, na qual constarão, em ordem alfabética, as palavras neológicas encontradas, observando-se os critérios acima expostos. Organizamos também algumas tabelas que são apenas indicações da produtividade dos formantes (sufixos, prefixos, antepositivos etc.). Como nosso objetivo precípuo nesta dissertação foi a coleta e descrição de neologismos ocorrentes no período eleitoral, apenas registramos as formações encontradas, as quais servirão também para estudos posteriores específicos de cada elemento ou de um processo em particular de formação de palavras.

## 4.2 Glossário de termos neológicos

### **achacamento s.m.**

Aborrecimento; extorsão de dinheiro.

Abonação: “A permissividade e o populismo barato dos governos estadual e municipal estão levando à desmoralização da cidade. Bandalhas são vistas por toda a cidade (...) camelôs anunciando produtos piratas (...), **achacamento** de turistas no acesso ao Corcovado sob as vistas de PMs e outros acontecimentos denigrem a imagem da cidade e das corporações da área de segurança.”

Fonte: G 01/08/2010

OBS: Sufixação (achacar + mento); *-mento* (“ação ou resultado de ação”); *assemelhamento* também apareceu no *corpus*.

### **acordão s.m.**

Combinação entre políticos com vistas ao benefício próprio; conluio.

Abonação: “Qualquer forma de consciência crítica é taxada pela situação, pela candidatura governista e pelo próprio governo como coisa de quem aposta na paralisia, como chatice, como conversa de quem é contra promover mudanças (...). Por essa lógica, a arte de governar vira a arte de tecer **acordões** que vão emparedando a política propriamente dita e, aí, debater direitos debater a transparência para valer ou discutir a independência da imprensa, tudo isso vira perda de tempo.”

Fonte: G 12/09/2010

OBS: Neologismo semântico<sup>36</sup>.

### **advogado-geral s.m.**

Título daquele que cuida dos interesses jurídicos da União.

Abonação: “Ato quase secreto. Demitido do cargo de corregedor-geral do governo do Distrito Federal por ter sido apontado por Durval Barbosa como beneficiário do mensalão do DEM, o procurador Roberto Eduardo Ventura Giffoni foi nomeado para trabalhar no gabinete do **advogado-geral** da União, Luís Inácio Adams.”

Fonte: G 07/11/2010

OBS: Composição por justaposição (advogado + geral); *corregedor* é o título relativo ao magistrado que tem por função corrigir erros e abusos das autoridades judiciárias e de serventuários da justiça (Aurélio).

---

<sup>36</sup> Cabe lembrar que, no caso dos neologismos semânticos, não inseriremos informações sobre o processo de formação das palavras.

**aeroforno s.m.**

Aeroporto com problemas graves de infraestrutura.

Abonação: “A quatro anos da Copa do Mundo e a seis das Olimpíadas, a principal porta de entrada da capital fluminense coleciona alcunhas como ‘rodoviária de quinta’ ou ‘**aeroforno**’ e suscita um debate sobre o atual modelo de gestão do terminal.”

Fonte: G 01/08/2010

OBS: Composição por justaposição (aero(porto) + forno); *aero-* (redução de *aeroporto*) participou também da formação *aerolixo*, que possui significação próxima; autores há que chamam o processo de recomposição.

Nota: Ao que parece, *aero* passa a conservar a carga semântica de *aeroporto* para entrar nas formações em análise, as quais visam a tecer considerações negativas acerca dos aeroportos brasileiros.

**aerolula s.m.**

Avião usado pelo ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva em compromissos políticos.

Abonação: “Depois de dizer que reinventou o Brasil, Lula quer reinventar a legislação brasileira. Quem é presidente, é presidente em horário integral, oras. Ou o senhor Lula vai ter segurança somente das 8 às 18 horas, e deixará de usar o **Aerolula** depois das 18 horas?”

Fonte: V 14/07/2010

OBS.: Composição por justaposição (aero(nave) + Lula); *aero-* (redução de *aeronave*).

**aerotrem s.m.**

Trem do ar; veículo que desliza por vigas de concreto de cerca de 15 metros de altura sem precisar de condutores.

Abonação: “Quanto a Levy Fidélis, brinca de **aerotrem**, com miniatura que montou num quartinho de sua casa, e do qual é difícil tirá-lo.”

Fonte: V 22/10/2010

OBS.: Composição por justaposição (aero + trem); *aero-* (“do ar”, “aéreo”).

Nota: Como desliza em grande altura e possui muita velocidade, foi nomeado dessa forma. O Aerotrem foi uma das principais bandeiras de Levy Fidelix (Partido Renovador Trabalhista Brasileiro – PRTB), candidato sem muita expressão nas eleições presidenciais de 2010.

**ajuda-memória s.f.**

Lembrança.

Abonação: “Nem o tráfico de cocaína dá ganho tão elevado. E é uma atividade em que se correm mais riscos. Uma das obras periciadas foi a ferrovia Norte-Sul. **Ajuda-memória**: no começo do governo José Sarney, quando a democracia reestreada no Brasil, Jânio de Freitas antecipou o ganhador da concorrência para essa estrada de ferro, publicando anúncio cifrado nas páginas de classificados desta Folha.”

Fonte: FSP 07/03/2010

OBS: Composição por justaposição (ajuda + memória).

Nota: Comparação feita por Clóvis Rossi (FSP) entre o os ganhos proporcionados pelo tráfico de cocaína e pelo superfaturamento de obras. A conclusão a que se chegou foi a de que as fraudes nas obras públicas proporcionam um ganho maior. A estrada de ferro a que se refere a reportagem é a Norte-Sul, uma das obras periciadas.

### **alopragem s.f.**

Compra de documentos sigilosos com vistas a prejudicar adversários políticos.

Abonação: “Na ‘**alopragem**’ mais recente, a quebra de sigilo está sendo desidratada de seu evidente caráter político.”

Fonte: V 22/09/2010

OBS: Sufixação (aloprar+ -agem); -agem (“ação ou resultado de ação”).

Nota: *Aloprado* diz respeito à alcunha que o Presidente Luis Inácio Lula da Silva deu aos integrantes do Partido dos Trabalhadores (PT), acusados de comprar documentos sigilosos para usar contra seus adversários políticos em 2006. O fato ficou conhecido como “escândalo dos aloprados”.

### **animadão adj.**

Muito animado; em êxtase.

Abonação: “Estamos **animadões**’, diz Plínio, mesmo sem chance.”

Fonte: G 03/10/2010

OBS: Sufixação (animado + -ão); -ão (“muito”, “excessivamente”).

Nota: Nas eleições presidenciais de 2010, Plínio Arruda foi candidato à presidência da República pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). O candidato aparecia nas pesquisas com menos de 3 % das intenções de voto.

### **antitucano adj.**

Que é contrário ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Abonação: “(...) um grupo de 4000 sindicalistas tentava fechar a Avenida Paulista (...), bradando slogans **antitucanos**.”

Fonte: V 07/04/2010

OBS: Prefixação (anti + tucano); *anti-* (“contrário a alguma coisa ou a alguém”) mostrou-se produtivo no *corpus*, afixando-se a bases substantivas (*anticorrupção*) e a bases adjetivas (*antiglobalizante*).

Nota: As formações *anti-Sarney*, *anti-Google*, *anti-PSDB*, *anti-PT*, *anti-Lula*, *anti-Bush* e *anti-Dilma* referem-se, respectivamente, a José Sarney, presidente do Senado Brasileiro; ao Google, famoso site de buscas da Internet; ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB); ao Partido dos Trabalhadores (PT); a Luis Inácio Lula da Silva, ex-presidente do Brasil; a George W. Bush, ex-presidente dos Estados Unidos e a Dilma Rousseff, recém-eleita presidente do Brasil.

### **assaltão s.m.**

Apropriação indevida de bens públicos em grande escala.

Abonação: “— Onde começou o mensalão, agora está implantado o **assaltão**. José Dirceu, Erenice e Dilma são uma coisa só. Ou o presidente Lula demite a Erenice, ou assina embaixo o que ela fez e admite que sabia.”

Fonte: G 12/09/2010

OBS: Neologismo semântico; associação (*mensalão* – *assaltão*).

Nota: Criação irônica do presidente do Democratas (DEM), Jorge Bornhausen, em alusão à denúncia de que Israel Guerra, filho da ministra da Casa Civil Erenice Guerra, estava usando o prestígio e influência da mãe para cobrar propina de empresas que tinham interesse em firmar contratos com o governo federal. Vale dizer que Erenice Guerra assumia um cargo de confiança por indicação de Dilma Rousseff, candidata à presidência da República pelo Partido dos Trabalhadores (PT). DEM e PT foram rivais na eleição 2010, razão da ironia de Bornhausen.

### **assessor-mor s.2g.**

Principal auxiliar de alguém.

Abonação: “Erenice [Guerra] trabalhou com a candidata quando esta comandava pasta de Minas e Energia, e na Casa Civil transformou-se na **assessora-mor** da petista, assumindo o cargo de secretária executiva.”

Fonte: V 22/09/2010

OBS: Composição por justaposição (assessor + mor); *-mor* (forma sincopada de “maior”) apareceu também em *executivo-mor* (“pessoa que chefia grandes instituições econômicas”).

### **autocongratatório adj.**

Que parabeniza a si mesmo.

Abonação: “A certeza dos franceses de vencer (...) a licitação para a compra de 36 caças pelo governo Lula é tamanha que eles publicaram um anúncio **autocongratatório** de página inteira na última Revista Forças Armadas (...).”

Fonte: V 14/04/2010

OBS: Composição por justaposição (auto + congratulatório); *auto-* (“a si mesmo”).

### **auxílio-acidente s.m.**

Ajuda financeira concedida pelo governo a quem sofre um acidente.

Abonação: “Havia casos de gente que recebia duas aposentadorias, duas pensões, dois auxílios-doença, dois **auxílios-acidente** ou era oficialmente inválido, mas trabalhava.”

Fonte: G 07/11/2010

OBS: Composição por Justaposição (auxílio + acidente); formação análoga encontramos em *auxílio-doença*, só registrado pelo VOLP.

Nota: Referência às irregularidades constatadas na Previdência desde 2002. Havia um gasto irregular que causou um prejuízo de mais de R\$ 861,1 milhões aos cofres públicos.

### **auxílio-paletó s.m.**

Gratificação dada pelo governo aos parlamentares a fim de que eles possam se vestir com decoro.

Abonação: “**Auxílio-paletó** gera rebelião no senado. Novo plano de carreira acabaria com benefício, mas funcionários da casa se mobilizam por projeto alternativo. A ajuda é incorporada desde 1993 nas gratificações que compõem seus salários.”

Fonte: FSP 20/06/2010

OBS: Composição por justaposição (auxílio + paletó).

Nota: Reivindicação pela manutenção do auxílio, que seria extinto por uma nova proposta do plano de carreira.

### **avô-laranja s.m.**

Alcunha irônica dada a Geraldo Alves Barbosa, que teve seu nome usado por Joaquim Roriz em fraudes financeiras contra o patrimônio público.

Abonação: “Na gravação com Roriz, a dívida a que se refere André foi contraída em 1995 por seu avô, Geraldo Alves Barbosa. Somava 210 000 reais e se destinava à criação de gado. O **avô-laranja** era dono, ao menos no papel, da Agropecuária Estiva.”

Fonte: V 11/08/2010

OBS: Composição por justaposição (avô + laranja).

### **azeredice s.f.**

Ladragem, pilantragem.

Abonação: “A impunidade colhe bons frutos no Brasil. Em minha visão, essa mesma impunidade é que atinge estudantes nas escadas do metrô, nos pátios das faculdades, dentro das salas de aula. Nesse sentido, os mensalões, (...) as meias DEMoníacas, as **azeredices** dos tucanos (...) matam tanto ou mais (...) do que pés de chinelo do tráfico.”

Fonte: G 12/09/2010

OBS: Sufixação (Azeredo + -ice); -ice (“qualidade”, “modo de ser”, “propriedade”) comporta um traço pejorativo denotador da desaprovação do locutor ao que é expresso pela base.

Nota: Possível referência ao Senador Eduardo Azeredo (PSDB), cuja campanha ao governo de Minas Gerais, em 1998, estava sendo investigada por lavagem de dinheiro e peculato (apropriação indevida de dinheiro público).

### **baguncismo s.m.**

Doutrina da bagunça; desordem.

Abonação: “Um flerte com o **baguncismo**. Aos poucos, o baguncismo vai se instalando nas instituições públicas brasileiras, e aquilo que deveria ser comum, o corriqueiro, que é o cumprimento da lei, vai dependendo cada vez mais da ação de homens, da interpretação de juízes, ministros, de modo que uma das bases do arcabouço legal, que é a tempestividade, vai cedendo ao intempestivo.”

Fonte: V 06/10/2010

OBS: Sufixação (bagunça + -ismo); -ismo (“modo de proceder, ser ou pensar”; “conduta”; “doutrina”).

Nota: Neologismo alusivo à decisão do Supremo Tribunal Federal de desconsiderar, a três dias da eleição, a lei, sancionada pelo ex-presidente Lula, segundo a qual o eleitor precisaria de dois documentos para votar nas eleições 2010 (o título de leitor e um documento com foto). Reinaldo Azevedo, colunista de Veja e criador da palavra, alega a inconstitucionalidade da decisão, já que qualquer lei que proponha mudanças no processo eleitoral deve ser aprovada, no mínimo, um ano antes da eleição.

### **bem-recebido adj.**

Que teve boa recepção; bem-acolhido.

Abonação: “(...) Marina Silva (...) apareceu em quarto lugar no ranking das promessas mais **bem recebidas**.”

Fonte: G 18/07/2010

OBS: Composição por justaposição (bem + recebido); *bem* é considerado prefixo por alguns autores. Atualizamos a grafia conforme o novo acordo ortográfico.

### **bicar v.**

Trabalhar ocasionalmente em algum lugar para aumentar renda.



Abonação: “Israel, filho da doutora, tinha uma boquinha na Terracap e José Euricélio, irmão dela **bicou** na editora da Universidade de Brasília e estava na teta da Novacap.”

Fonte: G 19/09/2010

OBS: Neologismo semântico. *Bico*, na linguagem popular, significa “pequeno ganho avulso”.

Nota: Ver caso Erenice Guerra.

### **bolhonário s.m.**

Diz-se daquele que possui empresas ou negócios que ainda não deram lucros reais, mas que apresentam ótimas perspectivas.

Abonação: “Assim, Eike multiplicará sua fortuna, rumo ao primeiro lugar entre os ‘**bolhonários**’ e, quando o petróleo brotar, também entre os bilionários.”

Fonte: V 17/03/2010

OBS: Palavra-valise (bolh(a) + (bili)onário); aproveitamento da coincidência fonética entre as palavras.

Nota: Referência a Eike Batista, empresário brasileiro que aumentou consideravelmente seu patrimônio vendendo e comprando locais a serem explorados para a extração de petróleo.

### **bolsa-aquilo s.f.**

Alusão crítica aos auxílios concedidos pelo governo Lula aos mais carentes.

Abonação: “‘Podem roubar à vontade’ parece dizer o chefe da quadrilha, que aproveita a sua popularidade e a ignorância (...) do povo, que em troca de bolsa-isso, **bolsa-aquilo**, lambe migalhas que caem do chão do banquete promovido por esse partido infame.”

Fonte: V 22/09/2010

OBS: Composição por justaposição (bolsa + aquilo); *bolsa-isso* foi um item lexical que se formou por motivação parecida.

Nota: A vacuidade semântica do pronome concorre para a depreciação dos programas assistenciais que foram implementados no governo Lula (Bolsa Família, por exemplo).

### **bolsa-cabresto s.f.**

Auxílio concedido pelo governo aos mais carentes, que acaba por criar uma situação de dependência destes para com o governo.

Abonação: “Um programa da grandeza do Bolsa Família está perdendo seus objetivos e se tornando uma potência eleitoreira. Será que ninguém vai fazer nada? (**Bolsa-Cabresto**, 27 de janeiro).”

Fonte: V 03/02/2010

OBS: Composição por justaposição (bolsa + cabresto).

Nota: Alusão ao Bolsa Família que, conforme noticiou a revista, serve de prisão aos beneficiados, os quais, para não perder o auxílio, tendem a votar no candidato apoiado pelo governo.

### **boquinha s.f.**

Trabalho arranjado; oportunidade de dinheiro fácil.

Abonação: “Israel, filho da doutora, tinha uma **boquinha** na Terracap e José Euricélio, irmão dela bicou, na editora da Universidade de Brasília e estava na teta da Novacap.”

Fonte G 19/09/2010

OBS: Neologismo semântico.

### **burocrata-companheiro s.2g.**

Funcionário do Ministério da Educação que, em virtude dos males da burocracia, não desempenha a contento suas funções.

Abonação: “Para fortalecer o Enem, a doutora Dilma precisa aprender a lição: um MEC de **burocratas-companheiros** que mandam ‘A’ fazer uma coisa, sabendo que isso resultará uma ordem para ‘B’ e outra para ‘C’, só produzirá novos desastres.”

Fonte: G 14/11/2010

OBS: Composição por justaposição (burocrata + companheiro).

Nota: *Burocrata* reporta-se à burocracia, tomada em seu sentido pejorativo. Conforme Houaiss, trata-se de um sistema de execução de atividades públicas encarado como uma estrutura ineficiente, inoperante, morosa na solução de questões e indiferente às necessidades das pessoas. A denominação é irônica, pois faz menção aos erros repetidos do Ministério da Educação na aplicação da prova do Exame Nacional do Ensino médio. Veja-se também a referência crítica na utilização da palavra *companheiro* (cf. *companheirada*).

### **cabidão s.m.**

Local em que se oferecem muitos empregos, especialmente, para apadrinhados.

Abonação: “**Cabidão** de Efraim. Efraim Moraes, do DEM da Paraíba, ostenta hoje o título de maior empregador do Senado: tem 76 funcionários.”

Fonte: V 24/03/2010

OBS: Neologismo semântico; associação à expressão popular *cabide de empregos*, que faz referência à designação de apadrinhados a cargos públicos sem concurso.

### **candidato-celebridade s.m.**

Aquele que, precisando de votos, se vale de sua notoriedade para conseguirlos.

Abonação: “Um congresso mais governista, com figuras exóticas e **candidatos-celebridade**, e uma renovação abaixo da média histórica. Essa é a expectativa dos cientistas políticos que acompanham o cotidiano do Parlamento e a campanha deste ano.”

Fonte: G 03/10/2010

OBS: Composição por justaposição (candidato + celebridade).

Nota: As eleições 2010 ficaram marcadas por candidatos que usaram sua exposição na mídia para obterem votos. O caso mais célebre foi protagonizado pelo palhaço Tiririca, o qual obteve mais de 1 milhão e 300 mil votos na eleição para deputado federal de São Paulo.

### **candidato-science-fiction s.m.**

Candidato fictício, enganoso.

Abonação: “Uma boa parcela do Brasil é definitivamente formada por gente exótica e que vota de forma funambulesca, ignorando as consequências culturais e sociopolíticas de seu – obrigatório – voto. Nem Miró saberia pintar um quadro extrapolítico tão surrealista, tampouco Júlio Verne imaginaria **candidatos-science-fiction**<sup>37</sup> tão fantasiosos.”

Fonte: G 10/10/2010

OBS: Composição por justaposição (candidato + science-fiction); forma híbrida que congrega uma base portuguesa (candidato) e um composto inglês (“science fiction” – “ficção científica”).

Nota: Referência aos candidatos-celebridade que, em função da votação expressiva, elegeram outros nomes com problemas na justiça. Isso é permitido pela lei que, em linhas gerais, permite ao candidato, obtentor de votação extraordinária, faça uma espécie de transferência de votos a seus companheiros de coligação.

### **capimtalismo s.m.**

Referência à técnica de se usar capim-elefante como combustível para as usinas elétricas.

Abonação: “(...) o Brasil tem uma enorme extensão de terras agricultáveis. (...) Quinze por cento dessa área, ou 60 milhões de hectares, é constituída por pastos degradados. Uma pequena cifra dessa terra surrada, ou 8 milhões de hectares, poderia servir ao plantio de capim-elefante – para dobrar a capacidade de geração de eletricidade no país. Sim, você leu certo: dobrar. Um jogo sem perdedores, inclusive a natureza. É o **capimtalismo**, senhores.”

<sup>37</sup> Pelo que estabelece o novo Acordo Ortográfico, deveria ser escrito sem hifens. Essa regra não vale, porém, para as palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas.

OBS.: Palavra-valise (capim + (capi)talismo); aproveitamento da coincidência fonética entre as palavras.

Nota: O uso de capim-elefante, mais barato que a cana-de-açúcar e do que o eucalipto, produz 84 % a mais de energia que a cana e mais 34 % do que o eucalipto. A técnica é mais produtiva e mais rentável para os empresários. Daí a referência ao capitalismo.

### **cargo-chave s.m.**

Função importante ou até mesmo decisiva para se obter algo.

Abonação: “A disputa por cadeiras em **cargos-chave** das maiores empresas estatais e bancos públicos envolve, além do controle político sobre investimentos e crédito, uma engrenagem que vai pagar este ano mais de 63,6 milhões em salários e benefícios para diretores e conselheiros de oito das principais companhias federais.”

Fonte: G 14/11/2010

OBS: Composição por justaposição (cargo + chave); *chave* (“grande relevância”, “mais importante”, “central”, “fundamental”), muito ocorrente na imprensa moderna, esteve presente em outras formações análogas, a saber: *figura-chave* (“pessoa de grande importância”); *peça-chave* (“ponto mais importante”); *promessa-chave* (“promessa central”); *tema-chave* (“assunto de grande relevância”).

### **carta-convite s.f.**

Carta, em tom convocatório, que solicita contribuição financeira.

Abonação: “A hora da grana. **Carta-convite**: me dá um dinheiro aí...”

Fonte: V 11/08/2010

OBS: Composição por justaposição (carta + convite).

Nota: Carta destinada a empresários que não contribuíram com a campanha de Lula em 2006. Na carta atual, pede-se auxílio para a campanha de Dilma Rousseff. Note-se que *carta-convite* nomeia também uma carta destinada a empresas, convidando-as a realizar serviços ao governo federal.

### **chinafricano adj.**

Que tem grande potencial econômico, mas possui infraestrutura deficitária.

Abonação: “Como os jogos Panamericanos no Rio mostraram, até orçamentos generosos podem deixar uma estrutura ‘**chinafricana**’.”

Fonte: FSP 30/05/2010

OBS: Sufixação (Chinária\* + -ano); *-ano* (“partidário de”, “característico de”, “relativo a”) apareceu também na forma *mockusiano*, referente a Atanas Mockus, político colombiano.

Nota: Contraste entre a expansão grandiosa de crédito nordestino, nomeadamente no setor imobiliário, com ausência de serviços básicos como o saneamento. China representa o potencial expansivo, ao passo que África representa o atraso e os problemas de infraestruturais.

### **chique-careta-burguês adj.**

Requintado, mas que deixa transparecer convencionalismo ou presunção.

Abonação: “Ela [Dilma Rousseff] vacila entre um look classe média e o visual **chique-careta-burguês**<sup>38</sup> (...).”

Fonte: V 06/10/2010

OBS: Composição por justaposição (chique + careta + burguês), funcionando como adjetivo composto.

### **chumbo-grosso s.m.**

Inverdade; boataria.

Abonação: “Por fim, o assessor descreve o terceiro desafio como o acirramento da campanha, quando o **chumbo-grosso** alvejou a folgada liderança de Dilma.”

Fonte: G 03/10/2010

OBS: Composição por justaposição (chumbo + grosso); expressão popular.

Nota: Alusão às mensagens da oposição, que insistia em trazer ao debate temas como aborto e corrupção.

### **cidade-motor s.f.**

Cidade que proporciona avanço, progresso; cidade progressista.

Abonação: “Porto Velho passou por dois ciclos econômicos e não prosperou. Agora, não quer perder a chance com o *boom* do cimento. Porto Velho: contornos de **cidade-motor**.”

Fonte: G 08/08/2010

OBS: Composição por justaposição (cidade + motor).

Nota: Referência a Porto Velho, onde se estão construindo duas grandes usinas. As construções têm proporcionado crescimento econômico e prosperidade.

### **cidade-sede s.f.**

Cidade escolhida para a realização de algo.

---

<sup>38</sup> Pelo novo Acordo Ortográfico, os adjetivos compostos devem ser grafados com hifens.

Abonação: “A copa da África do Sul acaba hoje, e o Brasil começa a correr para deixar em condições estádios e aeroportos das 12 **cidades-sede** para 2014.”

Fonte: G 11/07/2010

OBS: Composição por justaposição (cidade + sede).

### **cleptocracia s.f.**

Sistema de governo em que prepondera o roubo.

Abonação: “A PP (...) Consta de qualquer despacho público que envolva contratos ou ordens bancárias. Adaptada o linguajar da **cleptocracia**, significa propina.”

Fonte: V 22/09/2010

OBS: Composição por justaposição (clepto + cracia); *clepto-* (“roubar”; “dissimular”) e *cracia* (“soberania”, “domínio”, “governo”); *cleptocrata* (“aquele que usa da autoridade e poder que lhe são conferidos para afanar dinheiro público”) também apareceu no *corpus*.

Nota: Referência ao caso Erenice Guerra, já citado.

### **cleptoescroque s.m.**

Quem se apodera de bens alheios por manobras fraudulentas.

Abonação: “Os tais vazamentos revelam que há mais chacinas no Afeganistão – sob o governo de um **cleptoescroque** – do que no Iraque.”

Fonte: G 01/08/2010

OBS: Composição por justaposição (clepto + escroque); forma inusitada, em virtude da redundância da significação dos elementos (*clepto-* e *escroque* têm significações análogas), o que reforça o tom crítico da palavra em análise.

Nota: Referência aos livros de Carlos Amorim, os quais versam sobre a cena criminal no Brasil. A matéria traz, comparativamente, alguns fatos ocorridos no Afeganistão.

### **cocaleiro adj.**

Que trabalha com coca ou que trafica cocaína.

Abonação: “É reveladora a reportagem (...) sobre o apoio que o presidente boliviano Evo Morales vem dando a seus colegas **cocaleiros**. Esse incentivo elevou em até 90 % a participação da Bolívia na cocaína consumida no Brasil.”

Fonte: V 09/06/2010

OBS: Sufixação (coca(l) + -eiro); *-eiro* (“profissão”, “atividade”) participou de outras formações, a saber: *pesquiseiro* (“quem trabalha com pesquisas”); *twitteiro* (“quem é assíduo frequentador do Twitter”).

Nota: Carta de Roberto Magalhães, vice-líder do Democratas (DEM), publicada em Veja, sobre suposto apoio indireto do governo Lula ao tráfico de cocaína produzida na Bolívia.

### **companheirada s.f.**

Grupo de partidários do Partido dos Trabalhadores (PT) ou de afilhados políticos dos integrantes do PT.

Abonação: “Serra vai defender a necessidade de o país passar por um ajuste fiscal vigoroso, que enxugue os gastos da máquina pública (inclusive desalojando a **companheirada** petista que foi contratada pelo setor público por indicação meramente política).”

Fonte: V 14/04/2010

OBS: Neologismo semântico.

Nota: A palavra *companheiro* é, historicamente, uma das marcas do presidente Lula. Ele a usa em eventos como forma de aproximação de seus interlocutores.

### **complexificar v.**

Tornar difícil; dificultar.

Abonação: “Hoje, o marqueteiro no Brasil está para a política como o técnico de futebol está para uma equipe (...). Para **complexificar** a questão vem o cientista político e imortal José Murilo de Carvalho: – Sim, o pesquisador pergunta ao público o que ele quer, o marqueteiro transforma isso em imagens e falas, os candidatos obedecem.”

Fonte: G 10/10/2010

OBS: Sufixação (complexo + -ficar); *-ficar* (“ação factitiva”; “causativo”).

### **confidencialidade s.f.**

Qualidade ou caráter do que é confidencial, sigiloso.

Abonação: “A mensagem foi divulgada pelo Senador Álvaro Dias. Assustado, Demetrius negou à Polícia Legislativa do Senado a autoria do e-mail, culpou colegas de Trabalho, mas não desmentiu o teor das informações. ‘Depois disso ele passou a receber ameaças (...)’, conta a terapeuta [Marizia Bonifácio], lembrando que o governo ameaçou processá-lo com base em uma cláusula contratual de trabalho que prevê **confidencialidade**.”

Fonte: V 21/07/2010

OBS: Sufixação (confidencial + -idade); *-idade* (“qualidade”, “o que é próprio de”).

Nota: Demetrius Felinto era ex-funcionário do Palácio do Planalto. Ele dizia ter um vídeo que comprovava a tentativa de interferência de Dilma Rousseff nas investigações do Fisco sobre família Sarney.

**consultor-lobista s.m.**

Pessoa que busca, sob pretexto de exercer consultoria, influenciar decisões do poder público em benefício de interesses privados.

Abonação: “O **consultor-lobista** Israel Guerra (...) não teve dificuldade para seduzir empresários interessados em contratos com o governo.”

Fonte: V 22/09/2010

OBS: Composição por Justaposição (consultor + lobista).

Nota: *Lobista* é aquele que faz *lobby*. Conforme Houaiss, trata-se de uma atividade de pressão de um grupo organizado (de interesse, de propaganda etc.) sobre políticos e poderes públicos, que visa exercer sobre estes qualquer influência ao seu alcance, mas sem buscar o controle formal do governo. *Filho-lobista*, palavra do *corpus*, também faz referência a Israel Guerra, filho de Erenice Guerra.

**consumidor-cidadão s.m.**

Pessoa que contrata um serviço, tendo direitos e deveres para com o mesmo.

Abonação: “O Brasil já tem instituições fortes e uma prática democrática com as quais o **consumidor-cidadão** pode contar para exigir seu direito à saúde.”

Fonte: G 12/09/2010

OBS: Composição por justaposição (consumidor + cidadão).

**contradiscurso s.m.**

Ideia contrária a uma outra; argumentação oposta.

Abonação: “— Há uma inversão de papéis. Dilma repete que o candidato vai acabar com os programas sociais. Serra, então, tem um **contradiscurso** para insistir na defesa desses programas.”

Fonte: G 18/07/2010

OBS: Prefixação (contra + discurso); *contra-* (“contrário a algo ou a alguém”).

**copríncipe s.m.**

Título usado em Andorra, em virtude de o Estado ser chefiado por dois príncipes.

Abonação: “Já o presidente da França, e **copríncipe** de Andorra, Valery Giscard d’Estaing costumava a visitar o homem-forte da república Centro-Africana (...).”

Fonte: G 08/08/2010

OBS: Prefixação (co- + príncipe); *co-* (“companhia”, “contiguidade”) apareceu também em *cofundador*, registrado apenas no VOLP.



**craque-empregado s.m.**

Pessoa que usa eficientemente sua empregadora para negócios escusos.

Abonação: “Pontes, o **craque-empregado**, tem amigos ainda mais poderosos no governo do Ceará.”

Fonte: V 30/06/2010

OBS: Composição por justaposição (craque + empregado); substantivo usado com função adjetiva.

Nota: Alusão a José Carlos Pontes, empregado do Ceará. Conforme Veja, a Marquise, empresa de Pontes, tinha grandes chances de vencer uma licitação milionária para a construção do estádio Castelão (Fortaleza – CE) porque gozava de influência política junto ao governo de Cid Gomes, governador do Ceará. A revista ainda afirmava que a empresa enfrentava alguns problemas na justiça por obras inacabadas e sugeria que a mesma não dispunha de gabarito para levar a efeito uma obra dessas proporções.

**crédito-prêmio s.m.**

Estímulo fiscal às exportações brasileiras por meio da redução do IPI (Imposto Sobre Produtos Industrializados).

Abonação: “(...) O governo pensou ter obtido a maior vitória no campo das finanças públicas da década, depois que Supremo Tribunal Federal decidiu que os exportadores haviam perdido o direito ao **crédito-prêmio** do imposto sob produtos industrializados (...).”

Fonte: V 03/02/2010

OBS: Composição por justaposição (crédito + prêmio).

**criança-soldado s.f.**

Menor que atua no tráfico de drogas.

Abonação: “‘Dê aos seus colegas brasileiros uma mensagem de solidariedade para as **crianças-soldados** do Brasil’. Esta foi a mensagem de Anselmo, uma ex-criança-soldado que esteve envolvido no conflito militar de Moçambique. Para ele, as crianças envolvidas no narcotráfico no Brasil são, como ele o foi, crianças-soldados.”

Fonte: G 14/11/2010

OBS: Composição por justaposição (criança + soldado).

**cristã-nova s.f.**

Mulher recém-filiada a um partido político ou que aderiu recentemente aos preceitos de um partido.

Abonação: “A escolha palaciana incomodou o PT, porque Dilma, oriunda do PDT, só se filiou ao partido em 2001. Era desconhecida pelos militantes e considerada uma **‘cristã-nova’** pelos líderes petistas.”

Fonte: V 06/10/2010

OBS: Neologismo semântico; a palavra *cristão-novo* está dicionarizada e alude a judeus que se converteram ao cristianismo (Aurélio).

### **data-limite s.f.**

Tempo que não pode ser ultrapassado para realização de algo.

Abonação: “Enquanto alguns apostam na permanência de Henrique Meirelles (PMDB) na atual posição, outros no governo enxergam no recente e excepcional bom humor do presidente do BC um sinal de que ele não abandonou suas pretensões eleitorais e sairá do cargo na **data-limite**, alegadamente para disputar o senado.”

Fonte: FSP 07/03/2010

OBS: Composição por justaposição (data + limite).

### **democradura s.f.**

Governo que se diz democrático, mas possui características de ditadura (autoritarismo, restrição de direitos individuais etc.).

Abonação: “O que me põe indignado é que esses caras avançam em rádio, TV, jornal, usam a empresa alheia sem pagar, tiram a reportagem esportiva que eu ouvia no almoço. Praticam um abuso econômico e estético. Esse maremoto começou na ditadura e continuou nessa **democradura**.”

Fonte: G 12/09/2010

OBS: Palavra-valise (democra(cia) + (dita)dura).

### **demoníaco adj.**

Pernicioso.

Abonação: “Nesse sentido, os mensalões, (...) as meias **DEMoníacas**, as azeredices dos tucanos (...) matam tanto ou mais (...) do que pés de chinelo do tráfico.”

Fonte: G 12/09/2010

OBS: Palavra-Valise (DEM + (dem)oníaco).

Nota: Alusão ao caso de corrupção em que integrantes do Democratas (DEM), ao receber propina, guardaram na meia. Note-se que a coincidência fonética é crucial para que nos apercebamos do tom crítico do neologismo. A utilização de *DEMoníaco* instaura a homonímia perfeita com *demoníaco*, extraindo deste toda a sua carga semântica negativa, a qual é transposta para a sigla do partido (DEM).

### **demtergente s.m.**

Produto para combater a corrupção.

Abonação: “E eu sei como limpar a política de Brasília. Com **DEMtergente!** Rarará!”

Fonte: FSP 28/03/2010

OBS: Palavra-valise (DEM + (de)tergente).

Nota: Note-se o exotismo em se realizar a palavra-valise com a sigla *DEM*. Em *DEMtergente* a mescla lexical produz efeito contrário, já que o DEM protagonizou um caso de corrupção em Brasília. Assim como em *DEMoníaco*, a semelhança sonora entre *DEMtergente* e *detergente* é crucial para a interpretação do neologismo. Acresça-se que a desobediência ortográfica é indispensável na construção da nova forma.

### **descoincidência s.f.**

Falta de identidade ou igualdade entre duas ou mais coisas; divergência.

Abonação: “Duas objeções costumam ser levantadas contra o descolamento da eleição parlamentar da executiva. Primeira: isso provocaria uma **descoincidência** entre os períodos de mandato dos parlamentares e do Poder Executivo. Segunda: duplicaria o custo de produzir uma eleição.”

Fonte: V 20/10/2010

OBS: Prefixação (des- + coincidência); *des-* (“separação”, “ação contrária”, “negação”) apresentou razoável produtividade, acrescentando-se também a bases adjetivas (*despolitizante*).

Nota: Alusão à possibilidade de separar as eleições parlamentares das eleições para cargos executivos, o que, na opinião do articulista, seria benéfico para o Brasil.

### **detento-eleitor s.m.**

Aquele que se encontra preso, mas pode exercer o direito do voto.

Abonação: “De acordo com o TSE, nas eleições de hoje estão sendo instaladas urnas em 424 estabelecimentos prisionais (...), possibilitando o exercício do voto de 20.099 **detentos-eleitores**.”

Fonte: G 03/10/2010

OBS: Composição por justaposição (detento + eleitor).

### **dilmaboy s.m.**

Usuário da Internet que gravou um vídeo de apoio à candidata Dilma Rousseff.

Abonação: “Depois do ‘**Dilmaboy**’, chega ao Youtube o ‘Serraboy’.”

Fonte: G 08/08/2010

OBS: Composição por justaposição (Dilma + boy); forma híbrida que congrega uma palavra portuguesa (Dilma) com outra inglesa (boy = “garoto”); *Dilmaboy* serviu de estímulo para a criação de *Serraboy*.

Nota: Trata-se de um vídeo postado no Youtube (site de vídeos na Internet), no qual um internauta canta uma música de apoio a Dilma Rousseff. Em reação ao Dilmaboy, outros usuários da internet substituíram o áudio desse mesmo vídeo por outro áudio com mensagens que favoreciam José Serra. A partir desses episódios, foram criados na Internet dois grandes grupos: os *serraboys* (apoiadores de José Serra) e os *dilmaboys* (apoiadores de Dilma Rousseff), cujas grafias devem ser atualizadas, pois não são substantivos próprios.

### **dilmais adv.**

Excessivamente; imprudentemente.

Abonação: “A candidata petista falou **dilmais**.”

Fonte: V 14/04/2010

OBS: Palavra-valise (Dil(ma) + (de)mais); aproveitamento da coincidência sonora entre as palavras.

Nota: Alusão ao fato de Dilma Rousseff (PT), em comício numa cidade mineira, sugerir aliança política entre ela e Antonio Anastasia (PSDB), candidato ao governo mineiro. Ocorre que estava presente Hélio Costa, companheiro de partido da petista e adversário de Anastasia. Costa esperava apoio político de Dilma, o que não ocorreu. O acontecido foi visto pela imprensa como uma espécie de traição.

### **direito-dever s.m.**

Diz-se daquilo que é assegurado pela lei e que se configura como obrigação profissional.

Abonação: “Se os fatos divulgados são verdadeiros, a imprensa está protegida por esse **direito-dever**, que é sagrado.”

Fonte: V 11/08/2010

OBS: Composição por justaposição (direito + dever).

Nota: Referência ao papel da imprensa: levar a verdade aos leitores.

### **dólar-cabo s.m.**

Operação financeira em que o valor é transferido eletronicamente para uma conta corrente no exterior.

Abonação: “É o chamado **dólar-cabo**, operação em que um brasileiro que tem conta ilegal no exterior recorre quando precisa dos recursos convertidos em reais aqui no país.”

Fonte: FSP 28/03/2010

OBS: Composição por justaposição (dólar + cabo).

**doutor-caloteiro s.m.**

Acadêmico que se graduou à custa do Ministério da Educação e que, de alguma forma, lesou o Ministério.

Abonação: “O MEC, o CNPq e a Capes não tomaram providências públicas para responsabilizar os **doutores-caloteiros**.”

Fonte: G 18/07/2010

OBS: Composição por justaposição (doutor + caloteiro).

Nota: Referência a 400 acadêmicos que cursaram doutorado no exterior com bolsas pagas pelo governo. Após formados, não retornaram ao Brasil, nem devolveram o montante investido.

**ecocapitalista s.2g.**

Diz-se daquele que tenta conciliar desenvolvimento econômico com políticas de preservação ambiental.

Abonação: “Na noite de sexta, enviou torpedo de celular dizendo não ‘haver força humana nem ameaça partidária que a obrigue a falar mal de Marina, chamada de **ecocapitalista**’ pelos colegas de partido.”

Fonte: FSP 18/04/2010

OBS: Composição por justaposição (eco + capitalista); *eco* (“ecologia”, “meio ambiente”); forma híbrida: *eco* (grego) e *capitalista* (português).

Nota: Alcinha dada a Marina Silva por integrantes do PSOL.

**economista-chefe s.2g.**

Aquele que comanda o setor financeiro de uma empresa.

Abonação: “‘A classe C seria capaz de eleger sozinha um candidato já no primeiro turno, (...) afirma o Atlas de Bolso dos Brasileiros, que contém o perfil dessa categoria, traçado por uma equipe liderada por Marcelo Néri, **economista-chefe** do CPS (...).’”

Fonte: G 08/08/2010

OBS: Composição por justaposição (economista + chefe); substantivo usado com função adjetiva.

**e-democracia s.m.**

Portal da Internet que permite aos usuários discutir e sugerir mudanças nas políticas públicas do país.

Abonação: “Entre outras coisas, o **e-democracia** permite aos usuários apresentar normas legislativas, construídas de forma colaborativa para subsidiar o trabalho dos deputados na elaboração de leis.”

Fonte: G 14/11/2010

OBS: Composição por justaposição (e(letronic)- + democracia); forma híbrida que une uma base truncada inglesa (eletronic = “eletrônico”) e uma palavra portuguesa.

### **educação-bala s.f.**

Sistema educacional de ótima qualidade.

Abonação: “Nós realmente precisamos de: hospitais-bala, **educação-bala**, segurança pública-bala, emprego-bala, transporte público-bala.”

Fonte: V 25/08/2010

OBS: Composição por justaposição (educação + bala); *emprego-bala*, *segurança pública-bala*, *transporte público-bala* seguem basicamente o mesmo modelo de formação.

Nota: Neologismo alusivo ao projeto que previa a construção de um trem-bala que ligaria o Rio de Janeiro e São Paulo. A ideia foi ironizada por uma leitora de Veja que, a partir da palavra *trem-bala*, criou outras formações. O projeto, idealizado pelo governo Lula, demandaria um gasto exorbitante. Sugere-se que, enquanto o governo sonha com projetos não tão urgentes, outras áreas básicas, com problemas sérios, estariam sendo negligenciadas.

### **educateca s.m.**

Pessoa que trata de assuntos educacionais de forma relapsa.

Abonação: “Eremildo é um idiota e acredita em tudo que os **educatecas** do Inep dizem.”

Fonte: G 08/08/2010

OBS: Palavra-valise (educa(dor) + teca); *teca* (“receptáculo”, “coleção”).

Nota: Apreciação desfavorável aos funcionários graduados do MEC que cometeram sucessivas falhas, em especial na aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

### **e-emergente adj.**

Que está progressivamente se beneficiando dos avanços tecnológicos.

Abonação: “O Brasil tem condições de evoluir muito. Vejo muito potencial no Brasil como um país e-emergente.”

Fonte: G 03/10/2010

OBS: Composição por justaposição (e(letronic) + emergente); forma híbrida.

Nota: A palavra *e-emergente* é um decalque do inglês.

### **eleitoralmente adv.**

No âmbito eleitoral.

Abonação: “O PT decidiu não o correr risco por ter uma candidata **eleitoralmente** fraca?”

Fonte: FSP 21/02/2010

OBS: Sufixação (eleitoral + mente); *-mente* agrega às bases variadas noções semânticas e é extremamente produtivo no português, pelo que os lexicógrafos deixam de registrar muitas das formações com o sufixo.

### **embromation s.m.**

Embromação astuta; retardo da execução de algo com fins eleitoreiros.

Abonação: “É **embromation**. Se a quebra foi feita em ambiente eleitoral e com propósito eleitoral, tinha de ser resolvida antes das eleições.”

Fonte: V 21/07/2010

OBS: Sufixação (embromar + -tion); *-tion*, próximo do português *-ção* (“resultado da ação de”) destaca-se pelo forte teor enfático que evoca, sendo utilizado em outra forma no *corpus*: *enrolation* (“enganação”, “enrolação”); formas híbridas (bases portuguesas e sufixo inglês), que, possivelmente, são oriundas de uma analogia com o título de uma música de sucesso contemporânea às criações: *Rebolation*.

Nota: Declarações de Eduardo Jorge, vice-presidente do PSDB, sobre o prazo de 120 dias que a Receita deu para apurar a quebra do sigilo fiscal do político. Sugere-se beneficiamento aos acusados, integrantes do Partido dos Trabalhadores (PT), adversários políticos dos peessedebistas.

### **emocionalização s.f.**

Predominância da emoção em situações que exigem o domínio da razão.

Abonação: “Toda vez que um crime especialmente chocante ganha destaque no noticiário, avivam-se as pressões por mais rigor na legislação penal – e cabe advertir quanto ao risco de uma excessiva **emocionalização** nesse tipo de debates.”

Fonte: FSP 18/04/2010

OBS.: Sufixação (emocionalizar\* + -ção); *-ção* (“ação ou resultado de ação”).

### **emocionalizado adj**

Calcado na emoção.

Abonação: “Traduzindo noções primitivas e **emocionalizadas** de justiça, a pena de morte não é apenas ineficaz no combate à criminalidade; trata-se também de uma abjeção política.”

Fonte: FSP 04/04/2010

OBS: Sufixação (emocionalizar\* + -ado); *-ado* (“provido por”, “beneficiado por”, “pleno de”) legou-nos outras formações: *emocionalizado* (“pleno de emoção”, “muito emocionado”); *idiotizado* (“que se tornou imbecil”; “bestializado”); e *customizado* (“que se personalizou”).

**empreitada-fantasma s.f.**

Trabalho combinado, com pagamento global, mas que nunca chegou a ser realizado de fato; trabalho a ser realizado somente no papel.

Abonação: “**Empreitadas-fantasma**. Um empreiteiro (...) que prestou serviços à Bancoop por dez anos repetiu à repórter Laura Diniz as acusações que passou oficialmente ao promotor do caso Bancoop.”

Fonte: V 17/03/2010

OBS: Composição por justaposição (empreitada + fantasma); *fantasma* (“que existe apenas aparentemente” ou “que se esconde com propósitos fraudulentos”) apareceu em outras formações, a saber: *funcionário-fantasma* e *governador-fantasma*.

Nota: Bancoop é a sigla da Cooperativa Habitacional dos Bancários de São Paulo. João Vaccari Neto cuidou das finanças da cooperativa em 2003. Foi acusado por desvio de dinheiro que, conforme noticiou a revista, ia para um caixa clandestino do PT.

**empresário-amigo s.m.**

Pessoa que firma laços de amizade com motivações financeiras fraudulentas.

Abonação: “A reportagem foi até a fazenda para olhar de perto o laranjal. Na entrada do local, uma placa informa que o **empresário-amigo** Osvaldino é o dono.”

Fonte: V 11/08/2010

OBS: Composição por justaposição (empresário + amigo).

Nota: Osvaldino Xavier possivelmente foi laranja de Joaquim Roriz em uma propriedade em Goiás.

**engarrafamento-monstro s.m.**

Congestionamento de veículos gigantesco.

Abonação: “Vamos criar um **engarrafamento monstro** na cidade.”

Fonte: G 07/11/2010

OBS: Composição por justaposição (engarrafamento + monstro); *monstro* (“muito grande”, “fora do comum”) também apareceu em *país-monstro* (“país de dimensões continentais e grande população”); flutuação no uso do hífen, mas note-se esta observação encontrada no Houaiss: “após um subst., **a que se liga por hífen**, é invariável e funciona como *determinante específico*, significando 'enorme, descomunal' (p.ex.: *comícios-monstro*)”. Grifo nosso.

**esquentar s.m.**

Aquecimento, preparação, ensaio.



Abonação: “Diferente desta vez foi o lugar em fez o discurso de sempre: o Líbano, onde recebeu a veneração dos xiitas e um título de doutor *honoris causa* da Universidade Libanesa (antes de viajar, ele fez um **esquenta**, reunindo seus negacionismos prediletos, uma espécie de dois em um, dizendo que os ataques de 11 de setembro estão sendo usados como um novo holocausto).”

Fonte: V 20/10/2010

OBS: Regressão (esquentar > esquenta); VOLP registra *esquenta* como substantivo feminino.

Nota: Referência a Mahmoud Ahmadinejad, presidente do Irã, notório por suas inclinações radicais.

### **ético-profissional adj.**

Que se pauta pelo trabalho sério, competente e honesto.

Abonação: “(...) os Correios informaram que a Cesgranrio detém ‘reputação **ético-profissional**’”.

Fonte: V 11/08/2010

OBS: Composição por justaposição (ético + profissional).

### **ex-datilógrafo s.m.**

Quem exercia a função de datilógrafo, mas não o faz mais.

Abonação: “O **ex-datilógrafo** Agaciel Maia é um personagem-chave da crise que sacudiu o Senado no ano passado.”

Fonte: V 09/06/2010

OBS: Prefixação (ex- + datilógrafo); ex- (“movimento para fora”, “o que foi”) revelou ótima produtividade no *corpus*, anexando-se mormente a bases substantivas; lexicógrafos deixam de registrar palavras com ex- em suas obras em decorrência da transparência semântica e da alta produtividade.

Nota: A unidade lexical *ex-PV* reporta-se ao Partido Verde.

### **extrapolítico adj.**

Que está fora do âmbito político.

Abonação: “Uma boa parcela do Brasil é definitivamente formada por gente exótica e que vota de forma funambulesca, ignorando as consequências culturais e sociopolíticas de seu – obrigatório – voto. Nem Miró saberia pintar um quadro **extrapolítico** tão surrealista, tão pouco Júlio Verne imaginaria candidatos-science-fiction tão fantasiosos.”

Fonte: G 10/10/2010

OBS: Prefixação (extra + político); *extra-* (“fora de”, “além de”).

Nota: Comentário alusivo aos candidatos-celebridade.

**família-laranja s.f.**

Família que tem o nome usado por outrem em fraudes financeiras.

Abonação: “A **família-laranja** ficou com a dívida, mas repassou a propriedade das terras para Osvaldino Xavier, amigo de Roriz e dono da Nely Transportes, empresa que coletava lixo em Brasília.”

Fonte: V 11/08/2010

OBS: Composição por justaposição (família + laranja).

Nota: Ver *laranjinha*.

**farinha-pouca-meu-pirão-primeiro s.f.**

Corrupção; ambição política desmedida.

Abonação: “Mas você já parou para pensar no que vai acontecer depois da eleição dela? Vai sair até vento, na hora em que o pessoal da **farinha-pouca-meu-pirão-primeiro** der a largada, sai de baixo, vai ser um vale-tudo. Sinta as foices zunindo, sinta os rabos de arraia.”

Fonte: G 19/09/2010

OBS: supercomposição (farinha + pouca + meu + pirão + primeiro); grafia não atualizada, mas ressalte-se que, na nova ortografia, não teria hifens.

Nota: Possível referência ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Se Dilma Rouseff obtivesse êxito na eleição, o partido almejaria os cargos mais interessantes. Vale dizer que Dilma Rouseff tinha em sua chapa o candidato a vice-presidente Michel Temer, do PMDB.

**ficha-limpa s.m.**

Candidato sem condenações na justiça.

Abonação: “O líder do governo, o petista Cândido Vaccarezza, e o do PMDB, Henrique Eduardo Alves, já estão em campanha aberta para suceder a Michel Temer na presidência da Câmara, em 2011. Ambos vêm amaciando o coração dos deputados. Nenhum deles (...) quis assinar a urgência que permitiria o avanço do projeto dos **fichas-limpas**.”

Fonte: V 14/04/2010

OBS: Composição por justaposição (ficha + limpa); oposição à *ficha-suja*, que nomina o candidato com condenações na justiça.

Nota: O projeto Ficha-Limpa foi criado para tentar impedir que candidatos com condenações na justiça pudessem concorrer às eleições.

**fulanizar v.**

Dizer o nome de quem fez algo; nominar.

Abonação: “Algumas pessoas dizem que eu saí do governo por causa da Dilma (...). Eu, sinceramente, não **fulanizo** essas coisas. Como já falei, tratava-se de uma discordância séria com o governo Lula.”

Fonte: V 30/06/2010

OBS: Sufixação (fulano + -izar); *-izar* (“causativo”); *fulano*, informalmente, quer dizer “sujeito indeterminado”, “desimportante”, o que não se verifica em *fulanizar*.

Nota: Marina Silva foi Ministra do Meio Ambiente do Governo de Luis Inácio Lula da Silva.

### **gargalhada-metralhadora s.f.**

Risada prolongada parecida com tiros de metralhadora.

Abonação: “(...) Fafá de Belém, grande atração do comício, tenta segurar sua **gargalhada-metralhadora**, mas não consegue.”

Fonte: G 08/08/2010

OBS: Composição por justaposição (gargalhada + metralhadora).

### **gerentão s.2g.**

Pessoa que, só aparentemente, administra com competência; ou quem é considerado grande comandante por outrem.

Abonação: “Esses dados não só expõem a falibilidade da ontem ‘**gerentona**’ e hoje candidata à presidência, mas ajudam o poder público – e o público – a lembrar que governar não é a moleza prometida pelo marketing.”

Fonte: FSP 04/04/2010

OBS: Neologismo semântico; *gerentão* passa a ter dois gêneros marcados por flexão redundante.

Nota: Apreciação negativa sobre Dilma Rousseff, candidata à Presidência da República pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Notadamente no período pré-eleitoral, a capacidade da candidata foi questionada inúmeras vezes em decorrência de sua inexperiência política. No entanto, o presidente Lula frequentemente destacava as qualidades gerenciais de Dilma.

### **goldômetro s.m.**

Instrumento que mede a confiabilidade da Goldman Sachs.

Abonação: “Durante a campanha eleitoral de 2002 a casa bancária Goldman Sachs aterrorizou a nação petista ao divulgar uma equação chamada Lulômetro. O sujeito alinhava suas incertezas diante de uma vitória de Nosso Guia e ao final recebia uma estimativa do valor do dólar caso ele vencesse. Agora sabe-se que à mesma época a Goldman Sachs estava maquiando o endividamento do sistema de saúde do povo grego. Faturaram US\$ 300 milhões no golpe. Alguém devia criar o **Goldômetro**.”

Fonte: FSP 21/02/2010

OBS: Palavra-valise (Gold(man) + -ô- + metro); *metro*, abundantemente usado nas terminologias, tem sido aproveitado com frequência pelos jornalistas na construção de formações, muitas vezes inusitadas (*lulômetro*, *racismômetro* etc.); forma híbrida *Goldman* (Inglês) e *metro* (grego).

Nota: **Goldman Sachs** é um dos maiores bancos de investimento do mundo. Fundado em 1869 por Marcus Goldman, a companhia está sediada atualmente em Nova York e mantém escritórios em muitos outros principais centros financeiros através do mundo como Londres, Boston, Chicago etc.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Goldman\\_Sachs](http://pt.wikipedia.org/wiki/Goldman_Sachs). Acesso em 13/01/2011.

### **gorilagem s.f.**

Ação de quem tem tendências ditatoriais, impositivas.

Abonação: “O calhorda asqueroso que representa a **gorilagem** em Brasília e que declarou ‘nosso erro foi que torturamos demais e matamos de menos’, essa besta é do ‘Bem’?”

Fonte: G 03/10/2010

OBS: Sufixação (gorila + -agem); -agem (“ação”, “resultado de ação”); *gorila* é uma denominação dada a militares de tendência golpista e ditatorial (Houaiss).

Nota: Não é possível, pelo texto-fonte, saber de quem se trata. Possivelmente, as declarações são destinadas a alguém ligado à Ditadura Militar.

### **hexa-alienação s.f.**

Sexto título mundial propulsor da grande indiferença aos acontecimentos políticos e aos problemas sociais.

Abonação: “Somos um povo que é ‘penta’, mas que não pensa enquanto busca a **hexa-alienação** nacional, ao mesmo tempo em que os problemas mais crônicos do país continuam os mesmos.”

Fonte: FSP 20/06/2010

OBS: Composição por justaposição (hexa + alienação).

Nota: A palavra tem forte carga expressiva e foi criada a propósito da copa do mundo de 2010. *Hexa* (“seis”) reporta-se ao número de títulos mundiais que o Brasil poderia atingir, caso fosse campeão.

### **homem-forte s.m.**

Pessoa de grande importância; líder.

Abonação: “De 2003 a 2005, Dilma ganhou os holofotes na condução da pasta de Minas e Energia. Substituiu o então **homem-forte** do governo, José Dirceu, apeado pelo escândalo do mensalão.”

Fonte: V 06/10/2010

OBS: Composição por justaposição (homem + forte).

**horário-padrão s.m.**

Horário que se segue com habitualidade.

Abonação: “Meu **horário-padrão** de sair da cama é tipo 1 da tarde, só que precisava madrugar. E lá ia Romário, às 5 da manhã, fazer corpo a corpo em trem, metrô, barca.”

Fonte: V 10/11/2010

OBS: Composição por justaposição (horário + padrão).

Nota: Horário em que Romário, em entrevista, disse sair da cama. Na ocasião, o repórter perguntava como seria sua rotina como deputado, cargo para o qual foi eleito em 2010.

**imposto-riqueza s.m.**

Taxa extra cobrada de quem possui grandes fortunas.

Abonação: “**Imposto-riqueza**. Aumentar impostos para sobretaxar as grandes fortunas.”

Fonte: V 14/07/2010

OBS: Composição por justaposição (imposto + riqueza).

Nota: Proposta que, segundo Veja, constou do programa de governo do Partido dos Trabalhadores nas eleições 2010. O programa foi assinado por Dilma Rousseff. O item propõe que os detentores de grandes fortunas paguem mais impostos. Em virtude dos ecos negativos produzidos pelo conteúdo de algumas propostas, a candidata veio a público dar explicações. Ela alegou que assinou o programa sem o ler.

**incursão-solo s.f.**

Atividade realizada sem auxílio de outrem.

Abonação: “Em sua **incursão-solo** inicial, Dilma escolheu Minas Gerais como cenário para testar seu desempenho.”

Fonte: V 14/04/2010

OBS: Composição por justaposição (incursão + solo).

Nota: Alusão ao primeiro comício de Dilma Rousseff sem a presença de Lula, seu principal apoiador e mentor.

**insolucionável adj.**

Que não é possível ser resolvido; insolúvel.

Abonação: “É difícil não dar de ombros, como a maioria dos israelenses faz agora, diante da última tentativa americana de solucionar o **insolucionável**.”

Fonte: G 19/09/2010

OBS: Prefixação (in- + solucionável); *in-* (“negação”, “privação”).

**intelectuália s.f.**

Grupo de aparentes intelectuais; pessoas de inteligência questionável.

Abonação: “Só Lula, promovido a inimputável pela **intelectuália** companheira, pode produzir desfile tão obsceno de frases sem pé nem cabeça.”

Fonte: V 22/09/2010

OBS: Sufixação (intelectual + -ália); -ália é uma possível variação mórfica de -ária (“conjunto de” ou “atividade própria de certos indivíduos”); uso pejorativo na construção.

Nota: Comentário de Augusto Nunes, colunista de Veja, sobre um e-mail enviado por Israel Guerra a Revista Veja (cf. o verbete *assaltão*). Segundo Nunes, a mensagem carecia de lógica e continha diversos problemas gramaticais.

**itamarateca s.m.**

Indivíduo formado pelo Instituto Rio Branco.

Abonação: “Por trás dessa multiplicação dos **‘itamaratecas’** (...) há um misto de ideologia e ambição do governo brasileiro.”

Fonte: V 09/06/2010

OBS: Palavra-valise (Itamara(ty) + teca); teca (“receptáculo”, “coleção”).

Nota: Instituto Rio Branco é escola pública de formação de Diplomatas, ou seja, aqueles que trabalharão para o Itamaraty, palácio-sede do Ministério das Relações Exteriores. A reportagem destaca a abertura de 68 novas embaixadas, desde 2003, em países diminutos e sem representação política. A intenção do governo, segundo a revista, é se transformar numa espécie de porta-voz das nações oprimidas.

**jabudilma s.f.**

Alcunha dada a Dilma Rousseff a propósito da copa do mundo.

Abonação: “E a jabulani? Já temos (...) a jabiraca, que é a bola sogra: só serve pra dar unha inflamada e calo no dedinho do pé. A Jabudilma só faz o que o dono manda.”

Fonte: FSP 27/06/2010

OBS: Palavra-valise (Jabu(lani) + Dilma).

Nota: Alusão bem-humorada à alegada subserviência de Dilma Rousseff para com Lula. Como estávamos em época de Copa do Mundo, houve a fusão do nome da candidata com o nome da bola do evento, ou seja, Jabulani. Curiosamente, a formação também foi usada por alguns internautas anti-Dilma, os quais afirmavam, por exemplo, que deveríamos chutar a Jabudilma para bem longe, do contrário amargaríamos as consequências de seu governo. Note-se, por fim, que a bola nos passa uma noção de algo inerte, passivo. É

possível que esteja sugerida uma relação de semelhança de Dilma com a bola nesse aspecto.

### **jurídico-burocrático adj.**

Relativo à morosidade e ineficiência do poder judiciário.

Abonação: “Como assessor na então Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, tive a oportunidade de vivenciar esse emaranhado **jurídico-burocrático** que impede a sociedade brasileira seja beneficiada por uma maior integração entre quem faz pesquisa e quem precisa dela.”

Fonte: V 03/02/2010

OBS: Composição por justaposição (jurídico + burocrático).

Nota: Crítica às políticas de desenvolvimento tecnológico e aos órgãos de controle que, muitas vezes, colocam empecilhos na realização de bons projetos.

### **kit-eleitor s.m.**

Conjunto de informações selecionadas para melhor orientação do eleitorado.

Abonação: “Vão fazer até melhor, eles não vão deixar passar essa. Vai sair um **kit-eleitor**, com exemplar da constituição, um CD com os hinos brasileiros e o título de eleitor, tudo obrigatoriamente comprado da mão de um único fornecedor.”

Fonte: G 10/10/2010

OBS: Composição por justaposição (kit + eleitor); forma híbrida *kit* (inglês) e *eleitor* (português).

Nota: *Kit-eleitor* é usado ironicamente. Faz menção à mudança da lei que obrigava o eleitor a levar dois documentos na votação.

### **laranjinha s.m.**

Pessoa, ingênua ou não, cujo nome é usado por outrem na prática de irregularidades financeiras, de modo a ocultar a identidade do verdadeiro possuidor dos bens, do dinheiro etc.

Abonação: “O avô-laranja era dono, ao menos no papel, da Agropecuária Estiva. Ele deu como garantia ao banco 12 500 alqueires da Fazenda Queimados, que fica em Goiás. De acordo com André, o **laranjinha**, tanto a agropecuária quanto a fazenda sempre foram de Roriz.”

Fonte: V 11/08/2010

OBS: Neologismo semântico.

Nota: Alcinha dada por um repórter de Veja a André Barbosa, que teve seu nome usado por Joaquim Roriz, ex-governador de Brasília, em diversas fraudes contra o patrimônio público.

**livro-ameaça s.m.**

Livro com supostas informações comprometedoras que serve como intimidação.

Abonação: “Arruda, com pose de Governador: livro-bomba ou **livro-ameaça?**”.

Fonte: V 21/07/2010

OBS: Composição por justaposição (livro + ameaça).

**livro-bomba s.m.**

livro contendo notícias imprevistas e comprometedoras.

Abonação: “Arruda, com pose de Governador: **livro-bomba** ou livro-ameaça?”

Fonte: V 21/07/2010

OBS: Composição por justaposição (livro + bomba).

Nota: Livro que José Roberto Arruda escreveu enquanto estava na prisão. No livro, ele disse está descrito o esquema de arrecadação de dinheiro para campanha do DEM. O caso ficou conhecido como “Mensalão do DEM”.

**lobista-familiar-assessor-militante s.2g.**

Pessoa que, sob pretexto de fazer assessoria, exerce lobby e defende interesses próprios ou de sua família.

Abonação: “O negócio só saiu depois de assinado um compromisso de pagamento de uma ‘taxa de sucesso’ de 6% (...), cujo destino manifesto pelos **lobistas-familiares-assessores-militantes** petistas seria saldar ‘compromissos políticos’.”

Fonte: V 15/09/2010

OBS: Supercomposição (lobista + familiar + assessor + militante); grafia não atualizada, mas ressalte-se que, na nova ortografia, não teria hifens.

**loira-droga s.f.**

Associação ruínosa entre mulheres interesseiras e entorpecentes.

Abonação: “Em compensação, [Neymar] desconhecia o nome dos candidatos a presidente e ainda não tinha tirado o título de eleitor. Nascido e criado em família evangélica (...), tem um pai zeloso que ainda o mantém em rédea curta. O poder de atração do pacote presença em eventos VIP-balada-sexo com **loira-drogas** está por toda parte.”

Fonte: G 18/07/2010

OBS: Composição por justaposição (loira + droga).

Nota: É possível que a palavra *loira* tenha sido usada porque há, no imaginário masculino, uma relação entre mulheres loiras e a sensualidade. Parece representar *status*. Mas a palavra pode referir-se a todo e qualquer tipo de



mulher que vai a eventos ou festas promovidas por jogadores de futebol no mais das vezes por interesse.

### **lulato s.m.**

Cúpula de Lula.

Abonação: “Repentinamente, verifica-se que os hierarcas do **lulato** têm uma predileção pela forma mais primitiva e sigilosa de poupança: o colchão.”

Fonte: G 19/09/2010

OBS: Sufixação (Lula + -ato); -ato (“classe de”, “instituição”) também participou da construção de *tucanato* (cúpula de tucanos); sufixo, que normalmente agrega uma noção de “dignidade”, “pompa” às formações, é usado nas construções com sarcasmo.

Nota: Alusão ao fato de integrantes do PT declararem ao Superior Tribunal Eleitoral guardar altas quantias de dinheiro em suas casas. Dilma Rousseff afirmou guardar 113 mil reais. *Tucano* designa os membros do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

### **lulômetro s.m.**

Equação criada pela empresa Goldman Sachs para medir o índice de confiabilidade do presidente Lula frente aos mercados financeiros, caso ele vencesse as eleições 2002.

Abonação: “Durante a campanha eleitoral de 2002 a casa bancária Goldman Sachs aterrorizou a nação petista ao divulgar uma equação chamada **Lulômetro**. O sujeito alinhava suas incertezas diante de uma vitória de Nosso Guia e ao final recebia uma estimativa do valor do dólar caso ele vencesse.”

Fonte: FSP 21/02/2010

OBS: Composição por aglutinação (Lula + -ô- + metro); forma híbrida: *Lula* (português) e *metro* (grego).

### **lulopetista s.m.**

Partidários ou simpatizantes da doutrina implementada por Lula e pelo Partido dos Trabalhadores.

Abonação: “Mas nada que venha de Cuba o é, pois uma das bases da dominação castrista foi, desde o começo, a destruição dos órgãos encarregados de fazer estatísticas – algo que encanta sobremaneira os **lulopetistas** brasileiros.”

Fonte: V 22/09/2010

OBS: Composição por aglutinação (Lula + -o- + petista); *lulopetismo*, formação do *corpus*, reporta-se à doutrina implementada por Lula e pelo PT.

### **mal-esclarecido adj.**

Aquele a quem carece saber ou cultura; desprovido de conhecimento.

Abonação: “Uma grande parcela de eleitores analfabetos, semianalfabetos e eleitores **mal esclarecidos** fazem a festa dos políticos, que só lhes procuram em vésperas de eleições.”

Fonte: G 19/09/2010

OBS: Composição por justaposição (mal + esclarecido); *mal-* (“imperfeitamente”) é classificado por alguns autores como prefixo. Grafia atualizada.

### **mamaluf s.m.**

Pessoa que se apropria indevidamente do dinheiro público.

Abonação: “Tenho mais medo quando leio sobre dois capitães da PM, presos quando roubavam cabos de telefonia. Faturamento: 300 mil. Eram 12 dividindo o butim. Já não se fazem **Mamalufs** como antigamente.”

Fonte: G 12/09/2010

OBS: Palavra-valise (mama(r) + (Ma)luf).

Nota: Alusão ao político Paulo Maluf, o qual responde a vários processos na justiça sob acusação de cometer fraudes contra o erário.

### **manchetar v.**

Exibir em manchete; publicar.

Abonação: “Desde sábado retrasado a *Folha* vem batendo forte no partido do presidente. No dia dos namorados, o jornal **manchetou** que dossiê feito pelo PT tem dados sigilosos de dirigente tucano.”

Fonte: FSP 20/6/2010

OBS: Sufixação (manchete + -ar).

### **marinamóvel s.m.**

Carro de apoio usado na campanha de Marina Silva.

Abonação: “Na campanha de Marina as pessoas têm um sorriso’ (...), afirma outro sobrinho, Thiago da Silva, responsável por dirigir pela cidade o **Marinamóvel**: um celta coberto de adesivos que carrega uma caixa de som que toca o tempo todo o jingle dos ‘marineiros’.”

Fonte: G 03/10/2010

OBS: Palavra-valise (Marina + (auto)móvel).

### **marinar v.**

Apoiar Marina Silva.

Abonação: “O movimento, espontâneo, é encabeçado pelos doces bárbaros Caetano Veloso, Gilberto Gil e Maria Bethânia. Em 2002, todos apoiaram Lula contra Serra. Oito anos depois, decidiram **marinar**’.”

Fonte: FSP 23/05/2010

OBS: Sufixação (Marina + -ar).

### **marineiro s.m.**

Apoiador de Marina Silva.

Abonação:“(...) outro sobrinho, Thiago da Silva, responsável por dirigir pela cidade o Marinamóvel: um celta coberto de adesivos que carrega uma caixa de som que toca o tempo todo o jingle dos ‘marineiros’.”

Fonte: G 03/10/2010

OBS: Sufixação (Marina + -eiro); *-eiro* (“atividade de apoiar X”).

### **marquetômetro s.m.**

Instrumento que mede a utilização do marketing no governo Lula.

Abonação: “**Marquetômetro**. Para quem tem interesse em medir a taxa de empulhação que separa o que Nosso Guia diz na televisão e aquilo que realmente acontece em seu governo (...)”.

Fonte: G 10/10/2010

OBS: Palavra-valise (market(ing) + -ô- + -metro); forma híbrida: *marketing* (inglês) e *metro* (grego).

Nota: Neologismo irônico, motivado pela excessiva propaganda feita pelo governo Lula sobre suas realizações.

### **mautorista s.2g.**

Mau condutor de veículos.

Abonação: “Tenho observado no trânsito caótico e perigoso do Rio que motoristas (‘mautoristas’) estão conduzindo, na maior tranquilidade, veículos na contramão, para sua criminoso comodidade. Como não há fiscalização suficiente, os demais, os bons e responsáveis motorista/familiares, ficam inteiramente à mercê da própria sorte.”

Fonte: G 14/11/2010

OBS: Palavra-valise (mau + (mo)torista); aproveitamento da similaridade fonética entre *mau* e o início da palavra *motorista*.

### **megalolulismo s.m.**

Gosto exacerbado pelo exagero próprio da doutrina de Lula.

Abonação: “**Megalolulismo**. Nosso Guia disse outro dia que ‘eu fiquei 27 anos dentro de uma fábrica’. Lula teve seu primeiro emprego industrial em 1959 e em 1977 trocou o torno da Villares por uma mesa no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. Faltam nove anos para fechar a conta.”

Fonte: FSP 04/04/2010

OBS: Composição por justaposição (mega(lo) + lulismo); *mega(lo)* (“exagerado”).

Nota: Alusão ao modo de ser de Lula, principalmente à frente de seu governo. Não raro, ele era criticado pela imprensa por exagerar nos elogios a si mesmo ou aos integrantes de seu governo.

### **megalonânico adj.**

Que é pequeno, mas se reputa grandioso.

Abonação: “Raposa esperta e canarinho **megalonânico**. (...) Ahmadinejad canta vitória ao lado de Lula em Teerã.”

Fonte: V 26/05/2010

OBS: Composição por justaposição (mega(lo) + nanico).

Nota: Neologismo atinente ao alinhamento da diplomacia brasileira com a Iraniana. O Irã foi acusado pelos Estados Unidos de enriquecer urânio para a fabricação de uma bomba atômica. O canarinho é o pássaro-símbolo do Brasil; a raposa, esperta e traiçoeira, representa o Irã.

### **megalonanismo s.m.**

Diz-se daquilo que cresce de forma deficiente.

Abonação: “Passada a marolinha diplomática do Brasil no Oriente Médio, ficou claro que o **megalonanismo** da diplomacia brasileira serviu mesmo para acobertar os objetivos bélicos dos iranianos.”

Fonte: V 26/05/2010

OBS: Composição por justaposição (mega(lo) + nanismo).

Nota: Houaiss define *nanismo* como o fenômeno que consiste no crescimento deficiente de uma planta ou vegetal. Pode ser uma referência ao alinhamento do Brasil com líderes de países ditatoriais como Irã e Venezuela. Se assim for, há uma sugestão de que, embora o Brasil esteja se desenvolvendo grandemente, está trilhando um caminho errado em sua diplomacia.

### **megausina s.f.**

Usina de proporções gigantescas.

Abonação: “Se vencer a concorrência para a construção de uma **megausina** de Belo Monte, a Camargo Correa importará do Japão dekasseguis para trabalhar na obra.”

Fonte: V 24/03/2010

OBS: Composição por justaposição (mega- + usina); *mega(lo)*- (“extremamente grande”, “gigantesco”).

### **mensalinho s.m.**

Propina de menor valor paga mensalmente a políticos com vistas à obtenção de favorecimentos diversos.

Abonação: “Agora são máfias organizadas dentro dos partidos, para praticar delitos que vão desde as tradicionais propinas até (...) os mensalões e **mensalinhos**.”

Fonte: V 22/09/2010

OBS: Sufixação (mensal + -inho); *mensalão* (propina paga mensalmente a políticos que votem a favor dos governistas, ou que os favoreçam) já se encontra dicionarizado no Aurélio.

Nota: Mensalinho foi o nome dado às propinas (R\$ 10.000 mensais) recebidas pelo deputado do Partido Progressista (PP) Severino Cavalcanti em 2003, quando ocupava a posição de Presidente da Câmara dos Deputados, para deixar o empresário Sebastião Buani instalar seus restaurantes nas dependências da casa parlamentar. O nome *mensalinho* é uma referência ao *mensalão*, que era um montante maior (R\$ 30.000). Fonte <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mensalinho>. Acesso em (13/01/2011). A forma popularizou-se, passando a designar qualquer tipo de propina ilícita paga mensalmente a beneficiários em troca de favores políticos.

### **microblog s.m.**

Caracterização dada ao *Twitter*, um pequeno diário virtual no qual os usuários da Internet postam mensagens de até cento e quarenta caracteres.

Abonação: “Tuitteiro, o tucano é desbravador do **microblog**.”

Fonte: FSP 28/03/2010

OBS: Composição por justaposição (micro- + blog); *micro* (“pequeno”); forma híbrida: prefixo português (micro) e base inglesa (blog).

Nota: *Blogs* são diários virtuais, nos quais os usuários da Internet escrevem sobre os mais variados assuntos.

### **militar-presidente s.m.**

Militar que, na ditadura, foi presidente.

Abonação: “Se Dilma Rousseff for eleita, quebrará uma escrita que vem desde a proclamação da República: nunca houve um presidente eleito no Brasil que não tivesse experiência anterior nas urnas. As exceções foram os **militares-presidentes** (...).”

Fonte: V 26/05/2010

OBS: Composição por justaposição (militar + presidente).

### **militonto s.m.**

Pessoa presunçosa ou sem inteligência que defende uma causa inócua ou prejudicial.

Abonação: “O AI-13 dos **militontos**”

Fonte: V 07/04/2010

OBS: Palavra-valise (mili(tante) + tonto).

Nota: Criação irônica alusiva ao Programa Nacional dos Direitos Humanos, implementado por integrantes do PT. No texto, havia propostas para o controle da imprensa, preservação de culturas nômades com recursos do Estado, entre outras que, na visão do colunista Reinaldo Azevedo, são perniciosas. Note-se que AI-13 (número do PT) reporta-se ao AI-5, ato da Ditadura Militar que em nome da “segurança nacional” poderia cercear direitos constitucionais.

### **miniblecaute s.m.**

Pequena interrupção, em geral noturna, no fornecimento de luz, ocasionando obscurecimento de um lugar.

Abonação: “Campeãs em **miniblecautes** cortaram 30 % dos seus gastos.”

Fonte: FSP 07/03/2010

OBS: Composição por justaposição (mini- + blecaute); *mini-* (“pequena dimensão”, “muito pequeno”); forma híbrida: *mini* (português) e *black-out* (inglês).

Nota: Referência à redução dos investimentos das concessionárias de energia em suas redes nos últimos três anos. Sugere-se negligência das mesmas, razão por que estariam ocorrendo blecautes em diversos pontos do Brasil.

### **ministro-chefe s.2g.**

Pessoa que comanda um ministério.

Abonação: “Segundo ele [Demétrius Sampaio], o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) (...) escondeu as imagens que comprovam uma controversa reunião entre a ex-secretária da Receita Federal Lina Vieira e a então **ministra-chefe** da Casa Civil, Dilma Rousseff.”

Fonte: V 21/07/2010

OBS: Composição por justaposição (ministro + chefe).

### **nação-líder s.f.**

País que comanda e orienta outros países com vistas ao crescimento destes e ao combate às desigualdades.

Abonação: “A ideia de alçar o Brasil à condição de **nação-líder** dos ‘povos oprimidos’ é a mesma que permeia o discurso de Lula.”

Fonte: V 06/10/2010

OBS: Composição por justaposição (nação + líder).

Nota: Desaprovação relativa à política externa de Lula, principalmente no que se refere ao apoio dado a países que afrontam a democracia e os direitos humanos, entre os quais, Cuba e Irã. Há também menção ao *megalomanismo*, protagonismo pernicioso à política externa brasileira.

**nação-ostra s.f.**

País que se fecha em suas relações econômicas, valorizando sobretudo o mercado interno em detrimento do externo.

Abonação: “Um mundo de nações-ostras seria desastroso para a economia brasileira. Esquecendo a bazófia oficial, o Brasil tem uma margem de manobra – não muito grande – para conter a valorização excessiva do real, o que fere as exportações.”

Fonte: V 10/11/2010

OBS: Composição por justaposição (nação + ostra).

Nota: Possível referência ao modo peculiar de como as ostras se defendem. Elas, quando têm seu corpo invadido por um parasita, liberam uma substância chamada madrepérola, que se cristaliza sobre o invasor, impedindo-o de se reproduzir. Cerca de três anos depois, esse material se torna uma pérola. Alusão aos países que desvalorizaram intencionalmente sua moeda para prejudicar as exportações de outros. Com a subvalorização da moeda local, o produto fabricado internamente se torna mais barato e atraente e, por consequência, o importado deixa de sê-lo. O fenômeno ficou conhecido como “guerra cambial”.

**não adesão s.f.**

Ausência ou inexistência de adesão.

Abonação: “Amorim diz que o país poderá aceitar o protocolo no futuro, mas hoje a não adesão está inscrita na Estratégia Nacional de Defesa.”

Fonte: FSP 04/04/2010

OBS: Prefixação (não + adesão); *não* (“negação”, “privação”, “ausência” “inexistência”); elemento com função prefixal, classificado por alguns como prefixoide; perda do hífen decorrente de norma ortográfica (cf. parte teórica).

**narcoterrorista adj.**

Que trafica drogas ilícitas e que, por meio de ameaças e coações, impõe o medo.

Abonação: “Mas foi no combate aos grupos narcoterroristas que ele conseguiu os resultados mais impressionantes.”

Fonte: V 26/05/2010

OBS.: Composição por justaposição (narc(o) + terrorista); *narc(o)*- (“narcótico”).

Nota: Alusão aos grupos narcoterroristas da Colômbia.

**nefandez s.f.**

Qualidade do que é abominável; indignidade; perversidade.

Abonação: “A memória do Apartheid só permaneceu como instrumento de poder do partido de Nelson Mandela, o CNA. Em vez de ser usado, como no passado, para segregar os negros em guetos nefandos, atualmente ele é usado apenas para tentar acobertar as **nefandezas** cometidas pelos mandatários do CNA, como o presidente Jacob Zuma (...)”

Fonte: V 14/07/2010

OBS: Sufixação (nefando + -eza); -eza (“qualidade”, “estado”, “condição”).

Nota: CNA (Congresso Nacional Africano) era o antigo partido de Nelson Mandela, ex-presidente sul-africano que se notabilizou pela luta contra o Apartheid. Agora, segundo o jornalista Diogo Mainardi, o partido é usado para fins escusos. Jacob Zuma é o atual presidente da África do Sul.

### **negacionismo s.m.**

Índole de quem nega ou contradiz sistematicamente fatos tidos como verdadeiros.

Abonação: “Diferente desta vez foi o lugar em que fez o discurso de sempre: o Líbano, onde recebeu a veneração dos xiitas e um título de doutor *honoris causa* da Universidade Libanesa (antes de viajar, ele fez um esquentão, reunindo seus **negacionismos** prediletos, uma espécie de dois em um, dizendo que os ataques de 11 de setembro estão sendo ‘usados’ como um novo holocausto).”

Fonte: V 20/10/2010

OBS: Sufixação (negação + -ismo); -ismo (“modo de proceder ou pensar”) participou da formação de outros neologismos descritos em fichas separadas.

Nota: Referência a Mahmoud Ahmadinejad, presidente do Irã, em razão de sua insistência em atacar o imperialismo norte-americano.

### **neopeemedebista s.2g.**

Diz-se do novo simpatizante ou partidário do Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

Abonação: “A linha do tempo demonstra justamente o contrário: o caso Norte-Sul ocorreu no governo de um então **neopeemedebista**, de alma pefelista (hoje DEM), tanto que havia sido presidente da Arena, o partido de sustentação da ditadura militar que se instalou a pretexto de combater a subversão e a corrupção.”

Fonte: FSP 07/03/2010

OBS: Composição por justaposição (neo + peemedebista); neo- (“novo” “moderno”).

### **numeralha s.f.**

Excesso de dados numéricos; estatísticas demasiadas.



Abonação: “Não se trata de que o povo compre a **numeralha** que o governo despeja, parte dela maquiada. Ninguém vai à seção eleitoral calculando que “Lula fez 4 casas, e FHC, apenas 2, logo, voto no Lula.”

Fonte: FSP 28/02/2010

OBS: Sufixação (número + -alha); -alha (“coleção”, “grande quantidade”).

Nota: Crítica ao ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, que, na campanha eleitoral, insistia em apresentar estatísticas, por vezes duvidosas, que engrandeciam seu governo. Não raro, ele o fazia comparando-as às do governo antecessor, do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

### **pacotaço s.m.**

Embrulho com grande quantidade de algo.

Abonação: “Vinícius, que flanava na Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), começara a dar expediente Casa Civil semanas antes, apadrinhado por Erenice Guerra e pelo filho-lobista dela, Israel Guerra, de quem logo virou compadre. Excitado com o **pacotaço** de propina, o neófito reagiu em voz alta: ‘Caraca! Que dinheiro é esse?’”.

Fonte: V 22/09/2010

OBS: Sufixação (pacote + -aço); -aço (“aumento”).

Nota: De acordo com Veja, a exclamação foi feita por Vinícius Castro, ex-funcionário da Casa Civil, ao abrir a gaveta de sua mesa e deparar com um pacote cheio de dinheiro. Tratava-se de propina referente a uma grande compra superfaturada do remédio Tamiflu, usado no tratamento de pessoas com H1N1, doença popularmente conhecida como Gripe Suína. Foi um dos escândalos que culminaram na demissão da ministra Erenice Guerra.

### **palanque-condomínio s.m.**

Apoio político relevante.

Abonação: “Festa no apê do candidato Flávio Dino (PC do B) que (...) passou a flertar com o PSDB de Serra: ‘Terei um **palanque-condomínio**. Eu sou o síndico. Entra quem quiser mudar o Maranhão’.”

Fonte: FSP 20/06/2010

OBS: Composição por justaposição (palanque + condomínio).

### **panetonegate s.m.**

Escândalo do panetone.

Abonação: “A cúpula do DEM não quer marola do diretório brasiliense, o da crise do **panetonegate**. A hora é de deixar a poeira baixar e só pensar em eleição em abril.”

Fonte: V 03/02/2010

OBS: Sufixação (panetone + -gate); *-gate* (redução de Watergate) é um “neossufixo” que passou a agregar às bases a noção de “escândalo”; forma híbrida: *panetone* (italiano) e *gate* (inglês).

Nota: Watergate reporta-se a um escândalo envolvendo o ex-presidente norte-americano Richard Nixon. Em 1972, a campanha eleitoral americana foi marcada por assaltos ao complexo Watergate, que abrigava o Comitê Nacional Democrata, sede do partido político adversário da sigla de Nixon. Tempos depois, descobriu-se que o presidente sabia das operações ilegais. A imprensa brasileira passou a adotar a forma *-gate* como sinônimo de “escândalo”. No caso brasileiro, *panetonegate*, há uma referência ao ex-governador de Brasília, José Roberto Arruda (DEM), que foi flagrado recebendo propina em um vídeo. Na ocasião, ele se justificou, afirmando que o dinheiro seria usado na compra de panetones para os pobres.

### **partido-governo s.m.**

Partido político que exerce domínio em um governo ou que se julga proprietário do mesmo.

Abonação: “Cumprimento VEJA pela transparência com que apresentou mais uma ação criminosa do PT, **partido-governo** que vem maldosamente desconstruindo os poderes Legislativo, Judiciário e Executivo (...)”

Fonte: V 17/03/2010

OBS: Composição por justaposição (partido + governo).

### **pauleira s.f.**

Situação muito difícil, embaraçosa.

Abonação: “**Pauleira**. Berzoini, aliás, deixa a presidência com filme bastante queimado. Até o montepio da Comissão de Fiscalização e Controle da Câmara ameaçam lhe negar. De presente, por ora, o fã de rock recebeu apenas um iPod de Gleber Naime, outro que se despediu da liderança do PT.”

Fonte: FSP 21/02/2010

OBS: Sufixação (pau + (l) + eira); forma em vias de lexicalização.

Nota: O neologismo pode ter tido origem na gíria roqueira, na qual significa “música rápida e pesada”. No entanto, importa observar que uma das definições arroladas pelo dicionário Houaiss para a palavra *pau* reporta-se àquilo “que causa embaraço”. Talvez o jornalista, num jogo bem-humorado de sentidos, tenha usado *pauleira* como esse sentido.

### **pedetista-brizolista adj.**

Relativo ao Partido Democrático Trabalhista e a Leonel Brizola.

Abonação: “Ela [Dilma Rousseff] preferiu ficar onde estava (no cargo de secretária de Minas, Energia e comunicações) e deixou o mundo **pedetista-brizolista**.”

Fonte: FSP 21/02/2010

OBS: Composição por justaposição (pedetista + brizolista).

### **pegada s.f.**

Empenho em realizar algo.

Abonação: “Ela [Marina Silva] tem a mesma **pegada** com as políticas sociais.”

Fonte: G 11/07/2010

OBS: Neologismo semântico.

Nota: É possível que o neologismo tenha chegado aos contextos políticos por transferência da linguagem do futebol. Conforme Houaiss, *pegada* é “determinação coletiva de um time para tirar a bola do adversário”.

### **petismo s.m.**

Conjunto de ideias ou princípios do Partido dos Trabalhadores; modo de governança do PT.

Abonação: “A base social do PT continua sendo a base social tradicional, mais forte no sudeste e no sul do que no interior do Norte e Nordeste. Dá para ver essa diferença entre lulismo e **petismo**.”

Fonte: FSP 21/02/2010

OBS: Sufixação (PT + -ismo); *-ismo* (“doutrina”, “princípio político”).

Nota: Não raro, usado para censurar as atitudes dos integrantes do partido.

### **petismo-lulista s.m.**

Conjunto de ideias e princípios do Partido dos Trabalhadores e do Presidente Lula.

Abonação: “A estratégia do **petismo-lulista** é simples: desconstruir o inimigo principal, o PDSB e FHC (muita honra para um pobre marquês...)”.

Fonte: V 17/02/2010

OBS: Composição por justaposição (petismo + lulista).

Nota: Declaração do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

### **petralha s.m.**

Pessoa que comete quaisquer tipos de atos fraudulentos sem hesitação; pessoa enganosa e dissimulada.

Abonação: “O apoio de Lula e do PT à ditadura cubana (...) prova que os **petralhas** são democratas de conveniência, usando as urnas como mero instrumento de imposição de seu modelo político.”

Fonte: V 11/08/2010

OBS: Palavra-valise (PT + (met)ralha).

Nota: Alusão aos Irmãos Metralha, personagens de um clássico desenho em quadrinhos da Disney. Os Metralha formavam uma quadrilha de ladrões atrapalhados que quase sempre tentavam roubar, sem sucesso, o milionário Tio Patinhas.

### **pilantropologia s.f.**

Estudos antropológicos falseados com propósitos ilícitos.

Abonação: “Brilhante a reportagem (...) sobre a **pilantropologia** nacional que pretende transformar nosso país num imenso ‘Brasilistão’ de índios, quilombolas e sem-terra.”

Fonte: V 12/05/2010

OBS: Palavra-valise (pilan(tra) + (an)tropologia).

Nota: Alusão às demarcações indígenas e quilombolas feitas no governo Lula. Elas estariam sendo um entrave ao crescimento do país e falseariam o enriquecimento de Organizações Não Governamentais. Uma reportagem de Veja (05/05/2010) relatou que as demarcações eram feitas com base em laudos antropológicos elaborados com critérios não científicos e com claro teor ideológico.

### **piscinão s.m.**

Reservatório subterrâneo por onde escoam as águas das chuvas, de modo a evitar enchentes.

Abonação: “Não há lugar ocioso para construir mais sessenta **piscinões** em São Paulo.”

Fonte: V 17/02/2010

OBS: Neologismo semântico.

### **pittbúlgaro adj.**

Pessoa que tem comportamento agressivo.

Abonação: “Dilma não é búlgara, é **pittbúlgara**.”

Fonte: V 15/09/2010

OBS: Palavra-valise (pit (bull) + búlgaro); forma híbrida: *pit bull* (inglês) e *búlgaro* (português); os gentílicos têm a peculiaridade de atuar como substantivos e como adjetivos, conforme o contexto.

Nota: Alcinha dada a Dilma Rousseff em função de sua rigidez no trato da coisa pública. Vale dizer que Dilma é imigrante búlgara.

### **político-democrático adj.**

Que se funda nos interesses do povo.

Abonação: “(...) os governos dos quatro países ‘compraram’ o instrumento e criaram o primeiro grupo de países que não tem origem **político-democrática**, mas é fruto de uma invenção de um dos banqueiros de olhos azuis que o presidente de um dos quatro culpou pela crise.”

Fonte: FSP 18/04/2010

OBS: Composição por justaposição (político + democrática).

### **político-eleitoral adj.**

Que atende a interesses eleitorais.

Abonação: “‘Virar à esquerda, reatar com o socialismo! Um governo do PT apoiado na CUT, no MST, nas organizações populares, sem ministros capitalistas’. O discurso não se enquadra ao novo figurino do PT, mas as minorias da ultraesquerda não desapareceram diante do pragmatismo **político-eleitoral** da sigla.”

Fonte: FSP 21/02/2010

OBS: Composição por justaposição (político + eleitoral).

Nota: Alusão à dificuldade que o PT tinha em lidar com militantes radicais, os quais insistiam em ideias de cunho socialista.

### **político-escandaloso adj.**

Que causou espanto dentro e fora da esfera política; vergonhoso.

Abonação: “O troçoço **político-escandaloso** de Palocci, o caso do caseiro Nildo, pouco interessa banqueiros, grandes executivos de bancos e líderes empresariais maiores do país.”

Fonte: FSP 21/02/2010

OBS: Composição por justaposição (político + escandaloso).

Nota: Em 2006, Francenildo Costa, caseiro da Mansão do Lago Azul (Brasília), acusou o então ministro Antonio Palocci de frequentá-la. De acordo com o caseiro, o lugar servia de encontro a lobistas que lá realizavam festas e negócios ilícitos. Tempos depois, Francenildo teve seu sigilo bancário violado, crime do qual Palocci foi acusado. O caso acarretou a demissão deste, o mais importante ministro de Lula à época. Em virtude dos acontecimentos, surgiu na Internet o neologismo *caseirogate*.

### **político-institucional adj.**

Relativo ao que é próprio da instituição política.

Abonação: “O contador Antônio Carlos Atella Ferreira. Filiado ao PT em 2003, participou da bisbilhotice **político-institucional**: acessou informações fiscais sigilosas da empresária Verônica Serra (...).”

Fonte: V 15/09/2010

OBS: Composição por justaposição (político + institucional).

Nota: Em 2010, integrantes do PT foram acusados de acessar dados sigilosos da empresária Verônica Serra, filha de José Serra. Sugeriu-se que o objetivo era a obtenção de dados para prejudicar Serra na corrida presidencial.

### **político-ideológico adj.**

Relativo a um conjunto de crenças e preceitos de um sistema político.

Abonação: “(...) Rubem Alves, um autor muito querido (...), que sempre se dedicou a pensar o papel da educação como formadora de indivíduos (...), isento de proselitismo **político-ideológico**.”

Fonte: V 07/04/2010

OBS: Composição por justaposição (político + ideológico).

### **político-partidário adj.**

Que beneficia um partido político ou que atende a seus interesses.

Abonação: “Para o promotor, a Bancoop é uma ‘organização criminosa’ com objetivos **político-partidários**. Segundo ele, o dinheiro ajudou a financiar campanhas eleitorais petistas.”

Fonte: FSP 07/03/2010

OBS.: Composição por justaposição (político + partidário).

### **político-representativo adj.**

Que representa os interesses políticos de um país.

Abonação: “(...) a virada vai depender menos do motor da economia (...) e muito mais de coisas menos perceptíveis, como segurança (...), aperfeiçoamento das instituições **político-representativas**, melhora na governança do país (...).”

Fonte: G 01/08/2010

OBS: Composição por justaposição (político + representativo).

### **pós-eleição s.m.**

Período posterior à eleição.

Abonação: “Esse, aliás, é um assunto que já está sendo tratado nos bastidores tucanos do **pós-eleição**. Mantendo-se as condições atuais, o ex-governador de Minas Aécio Neves emergirá desta eleição como a principal força do PSDB (...).”

Fonte: G 19/09/2010

OBS: Prefixação (pós + eleição); pós- (“posterioridade”, “após”) apresentou-se com boa produtividade, adjungindo-se a bases substantivas.

Nota: O item léxico *pós-BRIC* refere-se ao conjunto dos quatro grandes países que despontam atualmente como forças econômicas mundiais. Cada letra do acrônimo representa um país. Assim, temos, respeitando-se a sequência,

Brasil, Rússia, Índia e China. Já *pós-FARC* faz menção às forças revolucionárias da Colômbia.

### **pré-campanha adj.**

Que antecede a campanha.

Abonação: “O pacote **pré-campanha** da ex-ministra Dilma Rousseff é de impressionar. O PT alugou casas, um comitê, reservou carros, jatinhos (...).”

Fonte: V 14/04/2010

OBS: Prefixação (pré- + campanha); *pré-* (“anterioridade”).

### **primeiro-amigo s.2g.**

Pessoa por quem se nutre grande amizade; pessoa de confiança.

Abonação: “A **primeira-amiga** Erenice Guerra se foi. Mas a presidente eleita Dilma Rousseff continuará cercada de mulheres em seu governo e fora dele.”

Fonte: G 07/11/2010

OBS: Composição por justaposição (primeira + amiga).

### **principismo s.m.**

Ação ou atitude de se apegar ao que a sociedade considera moral e ético para conseguir votos; falso moralismo.

Abonação: “Eleição é um pouco isso mesmo: as questões gerenciais sempre pesam (...), mas elas não resolvem tudo; de outro lado, fica a ética que também precisa contar, mas quando posta no plano do **principismo**, vira conversa de quem não tem compromisso com a ação governamental.”

Fonte: G 12/09/2010

OBS: Sufixação: (princípio + -ismo); *-ismo* (“modo de proceder ou pensar”).

Nota: Comentário crítico acerca da excessiva exploração de temas como o aborto na eleição presidencial 2010. No caso do aborto, alguns candidatos assim procederam com o intuito de angariar votos dos religiosos.

### **privataria s.f.**

Alusão às seguidas privatizações implementadas pelo PSDB em seu governo; rapinagem do patrimônio público.

Abonação: “A esta altura da campanha, Marina Silva representa um voto sem mensalões ou **privatarias**.”

Fonte: FSP 20/6/2010

OBS: Palavra-valise (priva(ização) + (pira)taria).

Nota: Criação irônica do Jornalista Elio Gaspari, a propósito das privatizações de empresas estatais ocorridas no governo tucano (1995 – 2002). O vocábulo

apresenta forte teor negativo e, com frequência, apareceu na coluna de Gaspari.

### **projeto-pijama s.m.**

Plano para quando se aposentar ou para quando deixar de realizar determinada atividade.

Abonação: “**Projeto-Pijama**. Sem alarde, a agenda de palestras internacionais remuneradas de Lula já está sendo montada.”

Fonte: V 03/11/2010

OBS: Composição por justaposição (projeto + pijama).

Nota: Neologismo relativo à despedida de Lula da presidência.

### **programete s.m.**

Audição televisiva de gosto duvidoso ou de conteúdo apelativo.

Abonação: “A volta de Lula (...) na propaganda de TV de Dilma ocorrerá com mais intensidade nos comerciais de 30 segundos a que o PT tem direito. A ideia é botar no ar **programetes** com forte tom emocional.”

Fonte: V 20/10/2010

OBS: Sufixação (programa + -ete); -ete (“diminuição”) foi usado pejorativamente na construção.

### **promessômetro s.m.**

Instrumento para medição da pertinência das promessas dos presidencialistas, segundo os usuários da internet.

Abonação: “No **Promessômetro**, os internautas votam nas promessas feitas pelos presidencialistas (...) e só descobrem depois de votar quem assumiu tal compromisso.”

Fonte: G 08/08/2010

OBS: Composição por aglutinação (promessa + -ô- + metro); -metro (“medida”); forma híbrida: *promessa* (português) + *metro* (grego).

Nota: Enquete elaborada pelo Jornal O Globo com intenção de averiguar o que os usuários da Internet pensavam sobre as promessas dos candidatos à presidência da República na eleição 2010.

### **propinoduto s.m.**

Local por onde se conduz propina.

Abonação: “Desde abril, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos está atrás de **propinodutos** abastecidos por quatro laboratórios que operam em pelo menos oito países, entre os quais o Brasil.”

Fonte: G 08/08/2010



OBS: Composição por aglutinação (propina + -o- + duto); *duto* (“meio de ligação”; “canal”; “conduto”).

### **protagônico adj.**

Que desempenha papel de destaque num acontecimento que pode ser prejudicial a si mesmo.

Abonação: “Em vez de perder tempo com diplomacia sem objetividade, **protagônica** e mirabolante, resolveram por negociações, de modo paciente e sistemático, como fez o Barão do Rio Branco, todas as questões de limites ou outras pendentes.” Fonte:

Fonte: FSP 28/02/2010

OBS: Composição por aglutinação (proto + agônico).

Nota: Provável crítica à diplomacia brasileira que, nos últimos anos, se alinhou com países de tendências ditatoriais, interferindo, por exemplo, nas relações conturbadas entre Irã e Israel.

### **pró-pobre adj.**

Favorável ao pobre; que beneficia os menos favorecidos.

Abonação: “Paes de Barros diz, porém, que o atual ritmo de crescimento da renda é mais **pró-pobre**. E tende a gerar mais empregos entre os menos escolarizados.”

Fonte: FSP 18/04/2010

OBS: Prefixação (pró- + pobre); *pró-* (“favorável a”) revelou-se bastante fecundo, adjungindo-se a bases substantivas (*pró-tucano*).

Nota: Os itens lexicais *pró-Marina*, *pró-Serra* e *pró-Dilma* referem-se aos candidatos que disputaram a eleição 2010, a saber: Marina Silva, José Serra e Dilma Rousseff.

### **protodoutrina s.f.**

Conjunto de ideias e princípios básicos que são postos em prática pela primeira vez; doutrina primitiva, rude.

Abonação: “A **protodoutrina** de adulação a ditadores ficou evidente também na iniciativa brasileira de sugerir mudanças para abrandar a já tibia e ineficiente atuação do Conselho de Direitos Humanos (CDH) da Organização das Nações Unidas (ONU).”

Fonte: V 11/08/2010

OBS: Composição por justaposição (prot(o) + doutrina); *prot(o)-* (“primeiro”, “o que está à frente”, “principal”).

Nota: Crítica ao governo brasileiro no que concerne à condução da política externa. A aproximação de países que desrespeitam os direitos humanos foi duramente censurada pela imprensa nos últimos anos.

**pseudoesquerdista adj.**

Que apenas aparenta ter ideias combativas e revolucionárias.

Abonação: “Muito mais cômodo, principalmente para um governo que goza de boa popularidade e usa com excelência a tática do populismo e da demagogia **pseudoesquerdista**. Lamento apenas que o PT só tenha anunciado o desejo de recriar a CPMF após o fim da corrida presidencial.”

Fonte: G 14/11/2010

OBS: Composição por justaposição (pseud(o) + esquerdista); *pseud(o)* (“falso”).

**quase silêncio s.m.**

Pouca combatividade; inércia.

Abonação: “Sob o **quase silêncio** do PSDB, Lula se dedicou a desconstruir sistematicamente as realizações de Fernando Henrique. É talvez a ação de marketing mais bem-sucedida da história”

Fonte: V 22/09/2010

OBS: Prefixação (quase + silêncio); *quase* (“perto de”, “aproximadamente”); perda do hífen pelos critérios da nova ortografia (cf. parte teórica).

Nota: Referência à acomodação do PSDB que, para alguns jornalistas, deixou de fazer realmente oposição nas eleições 2010.

**queridinho s.2g.**

Aquele que é muito estimado; preferido.

Abonação: “Porta-voz dos temas da moda, como o ambientalismo e o consumo consciente, a senadora Marina Silva (PV-AC) virou a **queridinha** dos artistas na corrida presidencial.”

Fonte: FSP 23/05/2010

OBS: Sufixação (querido + -inho); forma em vias de lexicalização; adjetivo usado com função substantiva.

**racismômetro s.m.**

Instrumento para medir o grau de racismo das pessoas.

Abonação: “Finalmente, em que medida os defeitos não são subjetivos, ou seja, não estão apenas na mente e na percepção de quem os aponta? Existirá um **racismômetro**? E, mais ainda, não haverá outras áreas sensíveis? Acho que a adoção de mais controles é decorrência lógica e questão de justiça.”

Fonte: G 07/11/2010

OBS: Composição por aglutinação (racismo + -ô- + metro).

Nota: Protesto do escritor João Ubaldo Ribeiro contra a tentativa do Conselho Nacional de Educação (CNE) de abolir a obra “Caçadas de Pedrinho”, de

Monteiro Lobato. O órgão educacional alegou que o livro possuía um conteúdo racista. Posteriormente, Fernando Haddad, ministro da Educação, rejeitou o argumento do Conselho.

### **radical-cabeludo s.m.**

Alcunha dada ao ex-deputado federal Babá (PSOL) em função de seus longos cabelos e de sua postura combativa.

Abonação: “O PSOL não é da Heloísa. Queremos mostrar que o partido não tem dono nem dona’, desafia o **radical-cabeludo**.”

Fonte: FSP 18/04/2010

OBS: Composição por justaposição (radical + cabeludo).

Nota: Nome verdadeiro de Babá: João Batista Oliveira de Araújo.

### **recém-anunciado adj.**

Que se anunciou recentemente.

Abonação: “O **recém-anunciado** investimento da Petrobras para 2010 chega a 45 bilhões de dólares.”

Fonte: V 30/06/2010

OBS: Composição por justaposição (recém- + anunciado); *recém-* (“recentemente”).

### **refiliar v.**

Tornar a fazer parte de um partido político, de uma agremiação etc.

Abonação: “A prefeitura de São Bernardo do Campo (...) patrocinou a volta de outro alopado ao PT: Hamilton Lacerda (...) se **refiliou** ao partido em fevereiro deste ano.”

Fonte: G 12/09/2010

OBS: Prefixação (re + filiar); *re-* (“movimento para trás”, “repetição”) apareceu anexado também a bases adjetivas e substantivas (*redirecionador*; *rereeleição*).

Nota: Em 2006, Hamilton Lacerda, integrante do PT, foi preso em um hotel com uma mala de dinheiro que, supostamente, seria usado para compra de um dossiê que prejudicaria José Serra (PSDB). À época, Serra e Aloísio Mercadante (PT) concorriam à prefeitura de São Paulo. Se Lacerda obtivesse êxito na empreitada, Mercadante teria mais chances de vitória no estado. Além disso, em caso de escândalo, Geraldo Alckmin (PSDB) sairia prejudicado na disputa presidencial contra Lula (PT). As investigações mostraram que o documento era falso.

**resposta-padrão s.f.**

Resposta fixa a que se recorre com frequência, muitas vezes como forma de escape.

Abonação: “A lei, sim, é perversa. Vamos lutar para mudá-la’. Essa era a **resposta-padrão** de Tancredo Neves, então senador opositor, aos parentes presos pela ditadura militar que o procuravam em busca de ajuda.”

Fonte: V 21/07/2010

OBS: Composição por justaposição (resposta + padrão).

**réu-colaborador s.m.**

Pessoa que, sendo culpada por um crime, ajuda nas investigações deste para obter benefícios em seu processo.

Abonação: “Muitos tentaram, inclusive o lobista Marcos Valério, mas apenas Funaro virou **réu-colaborador**.”

Fonte: V 17/03/2010

OBS: Composição por justaposição (réu + colaborador).

Nota: Lúcio Bolonha Funaro, corretor de câmbio, prestou depoimentos sigilosos à Procuradoria-Geral da República. No relato, denunciava como funcionava o sistema de arrecadação de propina no caso Bancoop.

**seguro-garantia s.m.**

Contrato que assegura que os acordos firmados para a execução de obras públicas sejam cumpridos.

Abonação: “O governo estuda a criação de uma agência para promover o **seguro-garantia**, um instrumento destinado a assegurar o cumprimento dos contratos.”

Fonte: V 22/09/2010

OBS: Composição por justaposição (seguro + garantia).

**semiestagnado adj.**

Que está em vias de parar; quase inerte.

Abonação: “No capítulo social, o tucano pretende afirmar que saúde e educação estão **semiestagnadas**, e apresentar propostas pontuais para tirá-las da letargia.”

Fonte: V 14/04/2010

OBS: Composição por justaposição (semi + estagnado); *semi-* (“quase”, “meio”, “um tanto”).

**sem-imprensa adj.**

Que é desprovido de imprensa.

Abonação: “Ricardo Murad é irmão de Jorge Murad, marido de Roseana Sarney. A bordo desse currículo, pousou no gabinete do secretário de saúde do Maranhão, onde administra a matança das crianças **sem-leito** e **sem-imprensa**.”

Fonte: V 07/04/2010

OBS: Prefixação (sem + imprensa); *sem-* (“privação”, “exclusão”, “ausência”, “inexistência”) apareceu com certa frequência no *corpus*, agregando-se a bases substantivas; elemento normalmente não reconhecido como prefixo pela gramaticologia portuguesa, sendo classificado por alguns autores como prefixoide.

Nota: Possível menção ao fato de a família Sarney ser proprietária de alguns órgãos de imprensa maranhenses. Se assim for, há uma ironia crítica contida na utilização da forma *sem-imprensa*, a qual sugeriria o acobertamento do crime pela imprensa local, de modo a favorecer os membros da família de José Sarney envolvidos no crime.

**serralândia s.f.**

Terra cuja maioria dos moradores vota em José Serra.

Abonação: “Em ‘Serralândia’, voto anti-PT.”

Fonte: G 10/10/2010

OBS: Sufixação (Serra + -lândia); *-lândia*, neossufixo proveniente da palavra *land* (“terra”, em inglês), tem sido bastante usado pela imprensa brasileira para indicar pertença a uma terra ou domínio sobre ela; forma híbrida: *Serra* (português) e *land* (inglês).

Nota: Alusão à cidade de Marcelândia, município de divisa entre Mato Grosso e Pará. 75 % dos moradores se declaravam apoiadores de José Serra.

**serrista adj.**

Que é partidário ou simpatizante de José Serra.

Abonação: “Enquanto isso, importante base do eleitorado **serrista** experimentava, na cidade de São Paulo, poucos motivos de entusiasmo diante do problema das enchentes.”

Fonte: FSP 28/03/2010

OBS: Sufixação (Serra + ista); *-ista* (“partidário de”) também apareceu em *bushista* (George Bush), *dilmista* (Dilma Rousseff), *obamista* (Barack Obama), *pedetista-brizolista* (PDT e Brizola) e *uribista* (Álvaro Uribe).

**socioeducativo adj.**

Que visa a integrar o infrator à sociedade.

Abonação: “(...) o preso provisório (...), bem como adolescentes entre 16 e 21 anos, submetidos a medida **socioeducativa** de internação, mantêm seus direitos políticos.”

Fonte: G 03/10/2010

OBS: Composição por justaposição (soci(o) + educativo); *soci(o)* (“sociedade”; “social”).

**spanetone s.m.**

Reclusão forçada que garante o emagrecimento.

Abonação: “E o Arruda emagreceu cinco quilos na cadeia. É o famoso **SPANETONE**. E ele se queixa de isolamento. Então joga ele na baldeação da estação Sé do Metrô, às 18 h. Nunca mais vai se queixar de isolamento.”

Fonte: FSP 28/02/2010

OBS: Palavra-valise (spa + (pa)netone); formação híbrida: spa (inglês) + panetone (italiano).

Nota: Mescla lexical bem-humorada que une *spa* (“estabelecimento onde se oferecem serviços de cuidado corporal”) com *panetone*. Alusão ao *panetonegate*.

**subfinanciamento s.m.**

Financiamento abaixo do necessário; custeamento insuficiente.

Abonação: “O **subfinanciamento** não representa o único percalço do SUS. Tão ou mais graves são os problemas de gestão, que resultam no desperdício de recursos preciosos.”

Fonte: FSP 30/05/2010

OBS: Prefixação (sub + financiamento); *sub-* (“insuficiente”, “menor”, “posição inferior”, “abaixo de”) apareceu em outras formações no *corpus*, agregando-se também a bases adjetivas (*subvalorizado*).

Nota: Apreciação desfavorável ao Sistema Único de Saúde (SUS), que, segundo a reportagem, gasta pouco e mal os recursos que lhe são destinados.

**superinflação s.f.**

Excessivo aumento dos preços, com conseqüente desvalorização do dinheiro.

Abonação: “A constituição de 1988 (...) permitiu ao país superar os impactos de um impeachment presidencial, de um processo de **superinflação** (não hiperinflação), pois a economia não se desorganizou (...).”

Fonte: FSP 18/04/2010

OBS: Prefixação (super + inflação); *super-* (“excesso”, “aumento”, “superioridade”, “exagero”) apresentou-se com certa frequência no *corpus*, anexando-se também a bases adjetivas (*superpoderoso*).

#### **tarifa-teto s.f.**

Taxa máxima cobrada pela realização de um serviço.

Abonação: “Ganha quem apresentar a menor **tarifa-teto** e a maior parcela de capital próprio – o BNDES pode financiar até 60% da obra, ou 19,9 bilhões.”

Fonte: G 12/09/2010

OBS: Composição por justaposição (tarifa + teto).

#### **tatatá interj.**

Conversa previsível ou vazia; parolagem.

Abonação: “Esses negócios de saúde, educação, **tatatá** já estão um pouquinho manjados.”

Fonte: V 09/06/2010

OBS: Reduplicação com onomatopeia.

Nota: Som imitativo usado principalmente na região do Rio de Janeiro para indicar conversa batida, previsível.

#### **técnico-administrativês-obsessivo adj.**

Excessivamente calcado em jargões e tecnicismos da área administrativa.

Abonação: “De um lado temos a motoniveladora desse enfoque **técnico-administrativês-obsessivo**: índices e mais índices (alguns deles muito bons, aliás) (...).”

Fonte: G 12/09/2010

OBS: Composição por justaposição (técnico + administrativês + obsessivo).

Nota: Alusão aos rumos tomados pelas campanhas presidenciais em 2010. Por um lado, a candidata Dilma Rousseff sustentava sua campanha com realizações do governo Lula. De outro, a oposição insistia em temas como aborto, mensalão etc. Para o articulista, as propostas reais não foram suficientemente debatidas. Veja-se também o neologismo *administrativês* (administrativo + -ês), que denomina a linguagem imbuída de termos técnicos da área administrativa.

#### **transferômetro s.m.**

Medidor da capacidade de um político transferir votos a outrem.

Abonação: “O **transferômetro** de Lula.”

Fonte: V 09/06/2010

OBS: Composição por aglutinação (transferir + -ô- + -metro).

Nota: Nas eleições 2010, o presidente Lula, em decorrência de sua enorme popularidade, logrou êxito em conduzir a campanha de sua candidata Dilma Rousseff, transferindo boa parte dos votos que seriam dados a ele para a presidenciável.

### **tropicalisticamente adv.**

Ao modo brasileiro.

Abonação: “Fico torcendo para que, no segundo turno, grandes temas nacionais voltem à pauta. Serão quatro debates. Se os partidos e os marqueteiros deixarem os jornalistas formularem algumas perguntas, pode ser que a gente ainda assista a algo relevante para o país. Encerrando, por ora, o debate, o compositor Jorge Mautner reage **tropicalisticamente**: – São as máscaras do teatro que inventou a democracia. Uma coisa vou dizer: na ágora grega, não havia direitos humanos. Hoje estamos a serviço da coletividade. Isso é complicado, mas também é exuberante.”

Fonte: G 10/10/2010

OBS: Sufixação (tropicalístico + -mente); *-mente* (“maneira”, “modo”) não é registrado em sua maioria nos dicionários.

Nota: Referência às excentricidades e contrastes do Brasil.

### **tucaníssimo adj.**

Que ou quem adere fortemente ao ideário do PSDB ou que se orgulha de pertencer ao partido.

Abonação: “O **tucaníssimo** Azeredo, primeiro beneficiado do esquema de Marcos Valério, é do bem?”.

Fonte: G 03/10/2010

OBS: Sufixação (tucano + -íssimo); formas em *-íssimo* (“muito”, “excessivamente”), em geral, não são registradas em sua maioria nas obras lexicográficas; neologismo com forte carga enfática, porque *-íssimo*, que normalmente anexa-se a bases adjetivas, foi usado em uma base de natureza substantiva.

### **tucanopatia s.f.**

Mal que acomete tucano ou que é próprio dos tucanos, integrantes do PSDB.

Abonação: “**Tucanopatia**. O tucanato parece ter vocação para virar espécie extinta. Está no auge de uma campanha eleitoral, e seu cardinalato põe nos jornais a informação de que José Serra poderá ser candidato a prefeito de São Paulo em 2012. Avisam que entregam os pontos. Algo como um time que pede para ser dispensado de jogar o segundo tempo.”

Fonte: G 19/09/2010

OBS: Composição por justaposição (tucano + patia); *patia* (“sofrimento”; “mal”; “doença”).



**ultraesquerda s.f.**

Conjunto de agremiações político-partidárias que defendem ideias radicais.

Abonação: “O discurso não se enquadra no ao novo figurino do PT, mas as minorias da **ultraesquerda** não desapareceram diante do pragmatismo político-eleitoral da sigla.”

Fonte: FSP 21/02/2010

OBS: Prefixação (ultra + esquerda); *ultra-* (“além de”, “em excesso”, “extremamente”) apareceu com menos frequência que *super-*.

Nota: A esquerda comumente se refere aos partidos políticos que adotam ideias revolucionárias, por vezes utópicas, e que possuem ideário combativo.

**vale-cultura s.m.**

Incentivo financeiro dado pelo governo para que o cidadão usufrua de bens culturais.

Abonação: “(...) a pasta de Cultura (...) prevê outras ações para que a população de baixa renda tenha acesso aos equipamentos culturais. Uma delas é o **Vale-Cultura**, uma espécie de vale-transporte (...)”

Fonte: G 12/09/2010

OBS: Composição por justaposição (vale + cultura).

**venezuelização s.f.**

Fenômeno indesejável que aproxima o modo de governar do Brasil com o da Venezuela.

Abonação: “*Na campanha, o presidente Lula sugeriu que setores da oposição pudessem ser dizimados. O senhor teme que isso tenha continuidade no governo Dilma?* GUERRA: ‘Temo. É a ameaça da **venezuelização** do Brasil.’”

Fonte: G 14/11/2010

OBS: Sufixação (venezuelizar\* + -ção).

Nota: Entrevista de Sérgio Guerra, presidente do PSDB, sobre os rumos do Brasil pós-eleição. Guerra usa *venezuelização* em alusão ao governo do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, que foi duramente criticado pela imprensa brasileira nos últimos tempos por promover, entre outras coisas, a censura dos meios de imprensa. Por motivação parecida, criou-se também o neologismo *mexicanização*, que, no *corpus*, nomina a parença condenável do governo brasileiro com o governo mexicano que comandou o México por 70 anos, sob imposição do medo e da censura.

**vice-procuradoria-geral s.f.**

Setor que tem por função fornecer pessoal para substituir o procurador-geral da República.

Abonação: “Depoimentos são usados pela **vice-procuradoria-geral** da República para convencer o STF a manter governador afastado preso.”

Fonte: FSP 07/03/2010

OBS: Prefixação (vice + procuradoria-geral); vice- (“o que substitui”).

Nota: Procurador é o indivíduo que possui procuração (ou aval) para resolver ou administrar negócios de outrem (Houaiss).

### **vídeo-bomba s.m.**

Vídeo contendo informações comprometedoras.

Abonação: “O ficha-suja Joaquim Roriz estrela um **vídeo-bomba**.”

Fonte: V 11/08/2010

OBS: Composição por justaposição (vídeo + bomba).

### **vip-balada-sexo adj.**

Que é repleto de pessoas ilustres e que proporciona sexo fácil.

Abonação: “Em compensação, [Neymar] desconhecia o nome dos candidatos a presidente e ainda não tinha tirado o título de eleitor. Nascido e criado em família evangélica (...) tem um pai zeloso que ainda o mantém em rédea curta. O poder de atração do pacote presença em eventos **VIP-balada-sexo** com loira-drogas está por toda parte.”

Fonte: G 18/07/2010

OBS: Composição por justaposição (VIP + balada + sexo).

Nota: VIP é uma sigla que se popularizou no português brasileiro. São as iniciais de *Very Important Person* (“pessoa ilustre, muito importante”).

### **visionarismo s.m.**

Teste criado para a demonstração do nível de otimismo que se tem com relação às possibilidades de projeção de um país.

Abonação: “QI, quociente intelectual, é uma medida do raciocínio. QV mede o **‘visionarismo’**, a capacidade de projetar uma visão viável e otimista do país.”

Fonte: V 03/11/2010

OBS: Sufixação (visionário + -ismo); *-ismo* (“modo de proceder, ser ou pensar”; “conduta”).

### **webmilitante s.2g.**

Pessoa que apoia ativamente (uma causa, um partido etc.) por meio da Internet.

Abonação: “**Webmilitantes** contam como se interessaram por defender partidos políticos na rede.”

Fonte: V 22/09/2010

OBS: composição por justaposição (web + militante); forma híbrida web (inglês) e militante (português).

Nota: *Web* provém do sintagma inglês *World Wide Web* (“rede de alcance mundial” ou “Internet” ). Na formação em causa, houve uma espécie de abreviação em que se concentrou o sentido do sintagma em apenas um item lexical (*Web*).

### **zelite s.f.**

Minoria que desfruta de privilégios em função da boa situação financeira.

Abonação: “Esse trem de papel, se um dia entrar nos trilhos, será privilégio das **‘zelites’** pelas altas tarifas.”

Fonte: FSP 23/05/2010

OBS: Palavra primitiva com aférese (as + elites).

Nota: Segundo Sírio Possenti<sup>39</sup>, o neologismo foi motivado pelo modo de falar de Lula. Sabe-se que o ex-presidente foi e é muito criticado pelos seus deslizes com relação à norma culta. Na fala, como sabemos, há uma tendência em amalgamar as palavras, independente de sua separação gráfica. Assim, quando se pronuncia o sintagma nominal *as elites*, a realização fonética é /azelite/. Há uma clara desaprovação do locutor frente a essa pronúncia.

---

<sup>39</sup> Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1396830-EI8425.00.html>. Acesso em 18/02/2011.

## 5 CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscamos comprovar a dinamicidade lexical em contextos político-culturais, tendo como foco a eleição presidencial de 2010. Para tanto, selecionamos um *corpus* com textos que versavam sobre política nacional e internacional e deles extraímos as ocorrências, as quais, a despeito de não configurarem um exemplário exaustivo, sem dúvida alguma materializam toda a inventividade dos sujeitos-falantes que vivenciaram o momento político mencionado, além de testemunharem acontecimentos relevantes do período de coleta. Esta, por sua vez, se deu em um dos momentos de maior tensão do período eleitoral, uma vez que o antecedeu e o perpassou.

Conforme intuímos, o material pesquisado revelou-se extremamente profícuo no que concerne às inovações lexicais. Por meio delas, pudemos constatar a riqueza dos recursos de expansão lexical, fundamentais para necessária renovação do léxico português. Mas não só isso. O léxico, como reflexo da evolução sócio-político-cultural de uma comunidade linguística, também desvelou, por meio das inovações linguísticas, fatos que marcaram o período. Desse modo, os escândalos, as conquistas, as mudanças partidárias, os embates, as propostas, a (in)satisfação dos (e)leitores, enfim, estão de algum modo presentes neste trabalho. Aqui, é oportuno recordar as palavras de Carvalho (1984, p. 14):

As necessidades coletivas, mutáveis e conflitantes moldam hoje a língua de amanhã, pois frequentemente o que parece alteração na língua é resultado de alterações na sociedade, passadas a seguir para o sistema linguístico. (...) A língua é um fato social, concretizando uma maneira peculiar de ver o mundo de cada comunidade. O vocabulário de cada cultura é bem amplo para os assuntos que lhe tocam de perto e restrito para aqueles nos quais não tem interesse direto.

Como enfatizamos no capítulo 02 desta dissertação, a política é terreno fértil para a inovação lexical. Findada a pesquisa, essa assertiva parece não ter contestação. Imersa em um contexto de tensões e debates constantes, em um contexto de múltiplas vozes que tentam se impor, a política, com efeito, proporciona um nascer de signos incessante, reflexo de sua intrínseca dinamicidade. Os fatos em política ocorrem vertiginosamente. A todo momento somos surpreendidos com novos vocábulos, os quais refletem novas visões de mundo e visam a implementar ideologias.

Com respeito ao exemplário coletado, observamos, de início, que ele é composto por palavras de diferentes domínios semânticos. Percebemos, por exemplo, a migração de elementos do universo futebolístico para o político. Palavras como *pegada* e *craque-empregado* revestem-se de grande expressividade por conta dessa mescla de linguagens. A economia também se faz presente: *crédito-prêmio*, *dólar-cabo*, *imposto-riqueza* fazem menção ao ramo das finanças, estreitamente vinculado à política. Importa destacar, ademais, a força da linguagem popular, usada abundantemente como atestam as variadas formações do *corpus*: *embromation*, *enrolation*, *chumbo-grosso*, entre outras, conferem à linguagem política um toque popular que em muito a engrandece. Conclui-se que lidamos com uma linguagem bastante híbrida, mas que quase sempre gira em torno do interesse pela administração pública.

Atribuímos essa hibridez, em parte, a uma busca incessante de expressividade característica dos ambientes políticos. Com isso, são exploradas formas inusitadas de interação entre os vocabulários. Mesclam-se os campos semânticos, extraindo-se resultados bastante interessantes no campo estilístico.

De igual modo, ao lançar mão de um signo novo, inesperado, o falante-criador traz ao seu discurso nuances especiais. Daí o neologismo ser reclamado constantemente com funções estilísticas nos textos pesquisados. Como procuramos demonstrar, uma criação nem sempre se limita a um signo gráfico ou fonético. Representa uma tentativa de imposição de uma visão de mundo do criador. Nesse sentido, destacaram-se personagens diversos que contribuíram para os duelos verbais travados na política em 2010. Merecem menção especial: os personagens políticos de uma forma geral, que contribuíram com seus artigos, declarações, debates e entrevistas; os leitores da revista e jornais consultados com suas cartas carregadas de intencionalidade; os jornalistas e colunistas, entre os quais: Reinaldo Azevedo, Augusto Nunes, Diego Escosterguy, Aldir Blanc, João Ubaldo Ribeiro, Elio Gaspari, Mirian Leitão entre outros. Todos os personagens desse jogo político contribuíram com sua inventividade, fornecendo material para a confecção deste trabalho.

Dentre os recursos de expansão lexical, constatamos que os processos vernáculos, para além das denominações necessárias ao sistema da língua,

resultam em vigorosos meios de expressão nos textos analisados, prestando-se, com frequência, à manifestação íntima do sujeito.

Foram arroladas 375 formações não dicionarizadas.

A composição, como recurso produtivo por excelência, compareceu com 166 formações. Destas, 09 aglutinações e 157 justaposições reforçam o fato de que é frequente o uso de recursos sintáticos para fins lexicais. Ao lado das composições com motivações nominativas (*ficha-limpa, ecocapitalista, cidade-motor*), merecem destaque as composições satíricas (Alves, 2007), que trazem um colorido – não raro imbuído de ironia crítica ou humor – à mensagem: *aeroforno, aerolixo, doutor-caloteiro, avô-laranja, família-laranja* buscam, por meio do inusitado, atrair a atenção do interlocutor, ao mesmo tempo em que evidenciam a intencionalidade do falante.

A derivação, por sua vez, foi um processo bastante utilizado nos textos examinados. Das 61 formações sufixais, destacaram-se os sufixos usados com finalidades expressivas: *numeralha, programete, azeredice* apresentam claramente juízos de valor veiculados por meio dos sufixos. A propósito, os afixos de grau, embora listados ilustrativamente, apareceram igualmente com função discursiva. Note-se que algumas formações já se encontram em processo de lexicalização (*piscinão, acordão*), o que reforça a função denominativa dos afixos gradativos (Basílio, 2003). Por fim, merecem destaque alguns sufixos produtivos nos textos estudados. Entre eles, compete citar: (a) *-ista (dilmista, serrista)* e *-ismo (baguncismo, negacionismo)*; (b) *-eiro (cocaleiro, pesquiseiro)*; (c) *-ar, (marinar, manchetar)*; (d) *-ção (mexicanização, venezuelização)* e (e) *-mente (tropicalisticamente, eleitoralmente)*. Este último foi muito produtivo, mas só listamos algumas formações para fins de exemplificação.

A prefixação, tal como a concebemos neste trabalho, foi um recurso extremamente fértil. Levantamos 128 formações. Prefixos como *anti- (anti-Dilma, anti-tucano)* e *pró- (pró-Marina, pró-pobre)* representam posturas, preferências políticas. *Ex- (ex-chanceler, ex-candidato)*, sugere rapidez com que as coisas acontecem nos contextos políticos; *super- (superestatal, superplano)* e *ultra- (ultraortodoxo, ultranacionalista)* denotam grandiosidade, exagero bem característico da linguagem pesquisada. Por sua vez, *não (não proliferação, não adesão)* e *sem- (sem-imprensa, sem-política)* agregam

noções de negação e falta, realidades com as quais defrontamos dia a dia. São prefixos importantes para a construção dos textos pesquisados, já que as noções semânticas que expressam refletem, naturalmente, realidades políticas.

Com relação às palavras-valise, que, a rigor, são um tipo de composição, parece-nos que se trata de um processo em franca expansão no português brasileiro moderno, não lhe cabendo, pois, a alcunha de “marginal”. Estão descritas 20 formações, por meio das quais se observa um dos pontos altos da criatividade linguística. Palavras como *pilantropologia*, *militonto* e *privataria* exploram as cargas semânticas decorrentes da fusão dos vocábulos, evidenciando a função discursiva da formação de palavras, tão presente nos textos que analisamos.

Outros mecanismos revelaram-se importantes. A siglagem, conforme demonstramos, atuou na formação de derivados e serviu aos jornalistas à exploração lúdico-crítica. Os estrangeirismos, embora não contemplados nesta pesquisa, foram usados com certa frequência, pelo que merecem, a nosso ver, um estudo mais aprofundado em textos de domínio político. De modo diverso, não obtivemos registros de parassintéticos no *corpus*, confirmando, de certa forma, as ponderações de Alves (2007), para quem o processo apresenta produtividade exígua no português brasileiro moderno. O mesmo se deu com a derivação regressiva, que exibiu apenas 01 item não dicionarizado, dando força às colocações de Correia e Lemos (2005), as quais entendem se tratar de um mecanismo pouco produtivo em português. Naturalmente, são fatos que somente a observação sistemática da neologia poderá confirmar.

Além disso, são dignos de nota os chamados compostos sintagmáticos, os quais são caracterizados por apresentarem relação íntima entre seus componentes, de forma a constituírem uma única unidade léxica. Apesar de nós só contemplarmos as palavras hifenadas neste trabalho, é de notar que as formações sintagmáticas foram muito produtivas no *corpus*. Para citar algumas: *apartamento funcional* (V 15/09/2010), *ato secreto* (V 30/06/2010), *bolsa maromba* (FSP 07/03/2010), *bolsa terror* (V 20/10/2010), *cargo de mando* (G 12/09/2010), *choque de gestão* (V 07/04/2010), *fechar questão* (V 07/04/2010), *taxa de sucesso* (V 15/09/2010), *transferência de voto* (V 09/06/2010). A observação sistemática da neologia nos fornecerá informações mais precisas acerca da lexicalização dessas construções.

Muitas das formações levantadas têm cunho estilístico e, provavelmente, serão esquecidas num futuro não tão distante. Talvez resida aí a importância de seu registro. Diversamente de *mensalão* e *mensaleiro*, já disponíveis no Aurélio, é previsível que palavras como *panetonegate* e *azeredice* não se fixem no léxico. Outras, porém, provavelmente o integrarão e perderão seu caráter neológico. Talvez estejam entre as que permanecerão *ficha-suja* e *ficha-limpa*, que denominam fatos que tendem a ser frequentes nas eleições vindouras; ou *twitteiro* (*tuiteiro*) que, em virtude de refletir uma tendência tecnológica, é um virtual candidato a ser adotado. Importa observar, porém, que os dois tipos de criação neológica, denominativos ou estilísticos, produziram igualmente palavras-testemunhos, sinalizadoras de momentos históricos por que passamos no correr de 2010.

Com efeito, alguns deles entrarão para os anais da história política nacional. A história é também – e talvez principalmente – registrada pela palavra. Muito embora ainda seja um mistério para os estudiosos da língua, esse elemento de comunicação desperta nos homens sentimentos vários, fato que percebemos com muita facilidade no período eleitoral de que participamos.

No percurso trilhado até aqui, a palavra nos proporcionou momentos cômicos: Lula deixou a presidência, mas qual será seu *projeto-pijama*? Dilma Rousseff subiu ao posto de presidente, mas será que ainda se vestirá ao estilo *chique-careta-burguês*, como caracterizou seu *personal stylist*, Celso Nakamura?

A palavra nos proporcionou reflexões. Até quando permitiremos o aumento de *crianças-soldados* Brasil afora? Estariam os *educatecas* gerindo adequadamente o sistema educacional brasileiro?

A palavra nos despertou esperança. Quais serão os destinos dos *fichas-sujas*? O projeto logrará êxito? Esperamos que tudo não *acabe em pizza*...

A palavra nos causou indignação. Quantos *panetonegates*, *propinodutos*, *propineiros*, *laranjinhas* teremos mais de acompanhar? A propósito disto, lembremo-nos, oportunamente, que no início do século passado Lima Barreto construiu, por meio de suas crônicas irônico-denunciativas, um país fictício chamado Bruzundanga. Nas crônicas, Barreto versava sobre os rumos da política e da sociedade de seu tempo. À época, foi o escritor combativo a todo tipo de filhotismo, compadrismo, apadrinhamento e



mau uso do dinheiro público que grassava entre os bruzundanguenses. Temos de admitir, findada a pesquisa, que alguns políticos (talvez a maioria!) ainda cultivem ruinosos hábitos bruzundanguenses...

Para finalizar, gostaríamos de sublinhar que um trabalho como este é, por sua própria natureza, um trabalho aberto. A inventividade humana não vê limites. As palavras simplesmente surgem como reflexo da atividade criadora da linguagem; surgem da inquietude e vivacidade do homem que, não raras vezes, manipula a língua ao seu bel-prazer; surgem, enfim, de necessidades comunicativas de toda ordem. Basta folhearmos revistas e jornais não usados nesta pesquisa para assistirmos à língua em movimento: *pseudoideólogo* (V 24/02/2010), *Voto Caras* (G 12/09/2010), *Voto Cruzes* (G 12/09/2010), *potência verde* (FSP 23/05/2010), *pipódromo* (V 24/02/2010) (...) são criações recentes, as quais vão perfazendo nossa história e desvelando traços sócio-culturais da comunidade linguística em que estamos imersos.

Os registros aqui feitos traçam um perfil parcial das evoluções sócio-político-culturais por que passamos em 2010. Espera-se que este trabalho, de algum modo, contribua para os estudos neológicos do português brasileiro e sirva de motivação para a realização de outros deste gênero.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ALVES, Ieda M. *A Observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico*. Revista Alfa, São Paulo, 50, 2, 2006.

\_\_\_\_\_. *Neologismo: criação lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007

\_\_\_\_\_. *Neologia e tecnoletos*. In: Oliveira, Ana Maria P. P. ; Isquierdo, Aparecida N. (Orgs.). 2.ed. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. v.I

ASSUMPÇÃO JR., Antônio Pio de. *Dinâmica léxica portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

AVVAD, Mariana T. *Os neologismos da coluna Gente Boa: um estudo lexicográfico*. 2007. 125f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa ) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

\_\_\_\_\_. *Iniciação à sintaxe*. 8.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zaar Ed., 2000.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Da neologia à neologia na literatura*. In: Oliveira, Ana Maria P. P. ; Isquierdo, Aparecida N. (Orgs.). 2.ed. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. v.I

\_\_\_\_\_. *Léxico, produção e criatividade*. 3.ed. São Paulo: Plêiade, 1996.

\_\_\_\_\_. *Lexicologia: aspectos estruturais e semântico-sintáticos*. In: Cidmar Teodoro Paes et al. *Manual de linguística*. Petrópolis: Vozes, 1979.

BASILIO, Margarida. *Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições*. Veredas, revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora, v. 4. n. 2., 2000. p.9-19

\_\_\_\_\_. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. *Formação de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. *Teoria lexical*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2003

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro:Lucerna, 2004.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- \_\_\_\_\_. *As ciências do léxico*. In: OLIVEIRA, A. M. P. P ; ISQUIERDO, A. N. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2.ed Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. v.I
- BORBA, F. S. *Introdução aos estudos lingüísticos*. 9.ed. rev. e atual. São Paulo: Ed. Nacional, 1986.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática normativa da língua portuguesa: curso superior*. 8.ed. revista. São Paulo: Edições Fortaleza Crédito Brasileiro de livros,1973.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 1986a.
- \_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. 37.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística descritiva*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1986b.
- CARVALHO, Nelly. *Linguagem jornalística: aspectos inovadores*. Recife: Recife Gráfica Editora, 1983.
- \_\_\_\_\_. Neologismos na imprensa escrita. In: OLIVEIRA, A. M. P. P ; ISQUIERDO, A. N. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Ed. UFMS: Campo Grande, 2001. v.I
- \_\_\_\_\_. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CLARE, Nícia de Andrade Verdini. *A linguagem da política: inovações linguísticas no português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2004.
- CORREIA, Margarida ; LEMOS, Lúcia San Payo de. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores, 2005.
- COSERIU, Eugênio. *O homem e sua linguagem*. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. São Paulo: Presença, 1982.

\_\_\_\_\_. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística*. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

CUNHA, Celso ; CINTRA, Luis Felipe L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. *Uma política do idioma*. 3.ed. atual. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. *A formação de palavras por prefixo em português*. Fortaleza: EUFC, 1999.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. Trad. de Frederico Pessoa de Barros et al. 14.ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. *Guerras em torno da língua: questões de política lingüística*. In: FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Lingüística histórica*. 2. ed. rev.e ampl. São Paulo: Parábola, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa – versão 7.0 século XXI*. Curitiba: Ed. Positivo, 2010. CD-ROM.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever aprendendo a pensar*. 16.ed. Rio de Janeiro : Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1995.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. *A nova ortografia: o que muda com o Novo Acordo Ortográfico*. 5.ed. Rio de Janeiro: Elseiver, 2010.

\_\_\_\_\_. *Morfologia: Estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

\_\_\_\_\_. ; SIMÕES, Darcilia (Orgs.). *Redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa – versão 3.0*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009. CD-ROM.

IKEDA, Sumiko Nishitani. *A noção de gênero textual na lingüística crítica de Roger Fowler*. In: MEURER. J.L., BONINI ; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros, Teorias, Métodos e Debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

- KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Morfemas do português*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- LAROCA, Maria Nazareth de Carvalho. *Manual de morfologia*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 1994.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- LASSWELL, Harold. *A linguagem da política*. Trad. de Lucia Dausler Vivacqua e Silva e Sônia de castro Neves. 2. ed. Brasília: Ed. UNB, 1982.
- LORENTE, Mercè. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: Isquierdo, A.N. ; Krieger, M.G. (Orgs). *As ciências do léxico: I lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo grande, MS: Ed. UFMS, 2004. v.II
- MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. Trad. de Jorge Morais Barbosa. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1975.
- MARTINS, Evandro. *A criação neológica na literatura: A Criação Milloriana*. In: Isquierdo, Aparecida N. ; Krieger, Maria da Graça. (Orgs.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo grande: Ed. UFMS, 2004. v.II
- MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. rev. e ampl. Campinas: Pontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Para compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- PIMENTA, E. Orsi. *Dicionário brasileiro de política*. Belo Horizonte: Lê, 1982.
- PILLA, Éda Heloisa. *Os neologismos do português e a face social da língua*. Porto Alegre: AGE, 2002.
- RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto : Ed. Porto, 1998.
- ROCHA, Luis Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. 2. reimp. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- SACCONI, Luis Antonio. *Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico*. São Paulo: Nova Geração Paradid, 2010.

SANDMANN, Antônio José. *Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1991

\_\_\_\_\_. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor (Ícone), 1989.

\_\_\_\_\_. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

\_\_\_\_\_. *Morfologia lexical*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini et al. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, Maria Cecília P. ; KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1985.

SILVA, Maria Emília Barcellos da. O dinamismo lexical: *o dizer nosso de cada dia*. In: AZEREDO, José Carlos de (Org.). *A língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.

VALENTE, André. *A criação vocabular: os neologismos*. In: PEREIRA, Maria Teresa G. (Org.). *Linguagem em questão*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997a.

\_\_\_\_\_. *A linguagem nossa de cada dia*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1997b.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

\_\_\_\_\_. *O léxico do português: perspectivação geral*. Revista de Filologia e Lingüística Portuguesa. n. 1, p. 31-50, 1997.

ZANOTTO, Normelio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Lucerna; Caxias do Sul: EducS, 2006.

ANEXO A – Registro das palavras do *corpus*

<b>Palavra</b>	<b>Fonte</b>	<b>Data</b>
achacamento	G	01/08/2010
acordão	G	12/09/2010
advogado-geral	G	07/11/2010
aeroforno	G	01/08/2010
aerolixo	V	14/04/2010
aerolula	V	14/07/2010
aerotrem	V	22/10/2010
ajuda-memória	FSP	07/03/2010
alopragem	V	22/09/2010
animadão	G	03/10/2010
antiambientalista	G	10/10/2010
antiblablá	G	08/08/2010
anti-Bush	V	26/05/2010
anticoncorrencial	G	14/11/2010
anticorrupção	FSP	30/05/2010
anticrise	G	08/08/2010
anti-Dilma	G	10/10/2010
anti-eleição	G	12/09/2010
anti-genérico	G	14/11/2010
antiglobalizante	G	01/08/2010
anti-Google	FSP	28/02/2010
anti-hidrelétrica	V	07/04/2010
anti-Lula	G	08/08/2010
antipalmada	G	01/08/2010
antipensamento	G	12/09/2010
antiproliferação	FSP	04/04/2010
anti-PSDB	FSP	04/04/2010
anti-PT	G	10/10/2010
anti-Sarney	V	20/10/2010
antissubsídio	G	10/10/2010
antitucano	V	07/04/2010
antiusineiro	G	03/10/2010
assaltão	G	12/09/2010
assemelhamento	V	17/02/2010
assessor-mor	V	22/09/2010
autocongratulatório	V	14/04/2010
autoelogiar	FSP	28/03/2010
autofavorecimento	V	03/11/2010
autofiscalização	V	30/06/2010

autointitulado	V	25/08/2010
autoproclamar-se	V	14/04/2010
auxílio-acidente	G	07/11/2010
auxílio-paletó	FSP	20/06/2010
avô-laranja	V	11/08/2010
azeredice	G	12/09/2010
baguncismo	V	06/10/2010
bem-documentado	V	17/02/2010
bem-escrito	V	03/02/2010
bem-recebido	G	18/07/2010
bem-votado	G	19/09/2010
bicar	G	19/09/2010
bolhonário	V	17/03/2010
bolsa-aquilo	V	22/10/2010
bolsa-cabresto	V	03/02/2010
bolsa-isso	V	22/10/2010
boquinha	G	19/09/2010
burocrata-companheiro	G	14/11/2010
bushista	V	26/05/2010
cabidão	V	24/03/2010
candidato-celebridade	G	03/10/2010
candidato-science-fiction	G	10/10/2010
capimtalismo	V	11/08/2010
cargo-chave	G	14/11/2010
carta-convite	V	11/08/2010
chinafricano	FSP	30/05/2010
chique-careta-burguês	V	06/10/2010
chumbo-grosso	G	03/10/2010
cidade-motor	G	08/08/2010
cidade-sede	G	11/07/2010
cleptocracia	V	22/09/2010
cleptocrata	FSP	27/06/2010
cleptoescroque	G	01/08/2010
cocaleiro	V	09/06/2010
companheirada	V	14/04/2010
complexificar	G	10/10/2010
confidencialidade	V	21/07/2010
consultor-lobista	V	22/10/2010
consumidor-cidadão	G	12/09/2010
contradiscurso	G	18/07/2010
contrainsurgência	V	30/06/2010
copríncipe	G	08/09/2010
corregedor-geral	G	07/11/2010
craque-empregado	V	30/06/2010
crédito-prêmio	V	03/02/2010



criança-soldado	G	14/11/2010
cristã-nova	V	06/10/2010
customizado	V	06/10/2010
data-limite	FSP	07/03/2010
democradura	G	12/09/2010
demoníaco	G	12/09/2010
demtergente	FSP	28/03/2010
descoincidência	V	20/10/2010
despolitizado	G	12/09/2010
despolitizante	G	12/09/2010
detento-eleitor	G	03/10/2010
dilmaboy	G	08/08/2010
dilmais	V	14/04/2010
dilmista	V	20/10/2010
direito-dever	V	11/08/2010
dólar-cabo	FSP	28/03/2010
doutor-caloteiro	G	18/07/2010
ecocapitalista	FSP	18/04/2010
economista-chefe	G	08/08/2010
e-democracia	G	14/11/2010
educação-bala	V	25/08/2010
educateca	G	08/08/2010
e-emergente	G	03/10/2010
eleitoralmente	FSP	21/02/2010
embromation	V	21/07/2010
emocionalização	FSP	18/04/2010
emocionalizado	FSP	04/04/2010
emprego-bala	V	25/08/2010
empreitada-fantasma	V	17/03/2010
empresário-amigo	V	11/08/2010
engarrafamento-monstro	G	07/11/2010
enrolation	V	24/03/2010
esquenta	V	20/10/2010
ético-profissional	V	11/08/2010
ex-apresentador	G	19/09/2010
ex-assessor	G	08/08/2010
ex-banqueiro	V	21/07/2010
ex-braço-direito	G	03/10/2010
ex-chanceler	FSP	04/04/2010
ex-chefe	V	22/09/2010
ex-candidato	V	15/09/2010
ex-comunista	V	09/06/2010
ex-correligionário	FSP	07/03/2010
ex-croque	FSP	28/03/2010
ex-doleiro	FSP	28/03/2010

executivo-mor	FSP	21/02/2010
ex-embaixador	V	09/06/2010
ex-escudeiro	V	03/11/2010
ex-estatal	V	20/10/2010
ex-funcionário	V	21/07/2010
ex-garanhão	G	12/09/2010
ex-gordo	V	03/02/2010
ex-guerrilheiro	V	14/07/2010
ex-líder	G	08/08/2010
ex-militante	V	03/11/2010
ex-prefeito	G	12/09/2010
ex-primeira-dama	V	11/08/2010
ex-PV	FSP	23/05/2010
ex-refém	V	21/07/2010
ex-secretário-geral	V	09/06/2010
ex-senador	V	21/07/2010
ex-seringueiro	G	03/10/2010
ex-suplente	G	07/11/2010
ex-tesoureiro	V	17/03/2010
ex-torturador	V	14/07/2010
ex-tranquilo	G	07/11/2010
extrapolítico	G	10/10/2010
ex-vendedor	G	19/09/2010
ex-vice-presidente	V	15/09/2010
ex-vice-governador	G	18/07/2010
família-laranja	V	11/08/2010
farinha-pouca-meu-pirão-primeiro	G	19/09/2010
ficha-limpa	V	14/04/2010
ficha-suja	V	06/10/2010
figura-chave	V	10/11/2010
filho-lobista	V	22/09/2010
fordlândia	G	01/08/2010
fulanizar	V	30/06/2010
funcionário-fantasma	V	09/06/2010
gargalhada-metralhadora	G	08/08/2010
gerentão	FSP	04/04/2010
goldômetro	FSP	21/02/2010
gorilagem	G	03/10/2010
governador-fantasma	V	30/06/2010
hexa-alienação	FSP	20/06/2010
homem-forte	V	06/10/2010
horário-padrão	V	10/11/2010
hospital-bala	V	25/08/2010
idiotizado	FSP	28/02/2010
imposto-riqueza	V	14/07/2010

incursão-solo	V	14/04/2010
insolucionável	G	19/09/2010
intelectuália	V	22/09/2010
itamarateca	V	09/06/2010
jabudilma	FSP	27/06/2010
jurídico-burocrático	V	03/02/2010
kit-eleitor	G	10/10/2010
laranjinha	V	11/08/2010
livro-ameaça	V	21/07/2010
livro-bomba	V	21/07/2010
lobista-familiar-assessor-militante	V	15/09/2010
loira-droga	G	18/07/2010
lulato	G	19/09/2010
lulômetro	FSP	21/02/2010
lulopetismo	V	17/02/2010
lulopetista	V	22/09/2010
mal-esclarecido	G	19/09/2010
mal-interpretado	G	07/11/2010
mamaluf	G	12/09/2010
manchetar	FSP	20/06/2010
marinamóvel	G	03/10/2010
marinar	FSP	23/05/2010
marineiro	G	03/10/2010
marquetômetro	G	10/10/2010
mautorista	G	14/11/2010
mega-atentado	V	12/05/2010
megabiblioteca	FSP	30/05/2010
megacoalizão	FSP	20/06/2010
megacrise	V	21/07/2010
megaempreendimento	G	19/09/2010
megaempresa	G	07/11/2010
megafavela	FSP	07/03/2010
megainvestigação	G	14/11/2010
megalicitação	V	21/07/2010
megalolulismo	FSP	04/04/2010
megalonanico	V	26/05/2010
megalonanismo	V	26/05/2010
megaobra	G	12/09/2010
megapatrocínio	G	11/07/2010
megashowmícios	G	08/08/2010
megausina	V	24/03/2010
mensalinho	V	22/09/2010
mexicanização	V	06/10/2010
microblog	FSP	28/03/2010
microdespertador	V	03/02/2010

microempreendedor	V	24/03/2010
militar-presidente	V	26/05/2010
militonto	V	07/04/2010
minibiografia	V	24/03/2010
miniblecaute	FSP	07/03/2010
minifacção	G	03/10/2010
ministro-chefe	V	21/07/2010
nação-líder	V	06/10/2010
nação-ostra	V	10/11/2010
não adesão	FSP	04/04/2010
não estagnação	FSP	28/03/2010
não obrigatoriedade	G	07/11/2010
não PT	G	12/09/2010
narcoterrorista	V	26/05/2010
nefandezza	V	14/07/2010
negacionismo	V	20/10/2010
nealoprado	V	09/06/2010
neoescolha	G	08/09/2010
neomagro	V	03/02/2010
neonanico	V	25/08/2010
neopeemedebista	FSP	07/03/2010
numeralha	FSP	28/02/2010
obamista	V	03/02/2010
pacotaço	V	22/09/2010
país-monstro	FSP	28/02/2010
palanque-condomínio	FSP	20/06/2010
panetonegate	V	03/02/2010
partido-governo	V	17/03/2010
pauleira	FSP	21/02/2010
peça-chave	G	18/07/2010
pedetista-brizolista	FSP	21/02/2010
pegada	G	11/07/2010
personagem-chave	V	09/06/2010
pesquiseiro	FSP	23/05/2010
petismo	FSP	21/02/2010
petismo-lulista	V	17/02/2010
petralha	V	11/08/2010
pilantropologia	V	12/05/2010
piscinão	V	17/02/2010
pittbúlgaro	V	15/09/2010
político-democrático	FSP	18/04/2010
político-eleitoral	FSP	21/02/2010
político-escandaloso	FSP	21/02/2010
político-institucional	V	15/09/2010
político-ideológico	V	07/04/2010

político-partidário	FSP	07/03/2010
político-representativo	G	01/08/2010
politiquês	V	03/02/2010
pós-1985	G	03/10/2010
pós-apocalipse	FSP	30/05/2010
pós-BRIC	FSP	18/04/2010
pós-crise	G	10/10/2010
pós-democratização	G	10/10/2010
pós-eleição	G	19/09/2010
pós-FARC	V	26/05/2010
pós-golpe	FSP	27/06/2010
pós-guerra	V	07/04/2010
pós-Lula	V	14/04/2010
pós-pânico	V	22/09/2010
pós-primeiro turno	G	10/10/2010
pós-terremoto	V	03/02/2010
pré-1967	V	09/06/2010
pré-campanha	V	14/04/2010
pré-candidato	FSP	20/06/2010
pré-candidatura	FSP	28/03/2010
pré-crise	G	08/08/2010
pré-eleitoral	V	09/06/2010
pré-negociado	G	10/10/2010
primeiro-amigo	G	07/11/2010
principismo	G	12/09/2010
privataria	FSP	20/06/2010
pró-consumo	FSP	30/05/2010
pró-Dilma	G	14/11/2010
progremete	V	20/10/2010
projeto-pijama	V	03/11/2010
pró-Lula	FSP	23/05/2010
pró-Marina	G	19/09/2010
promessa-chave	G	01/08/2010
promessômetro	G	08/08/2010
pró-negócio	G	10/10/2010
pró-palestino	V	09/06/2010
propinoduto	G	08/08/2010
pró-pobre	FSP	18/04/2010
pró-PSDB	FSP	28/02/2010
pró-PT	FSP	28/02/2010
pró-Serra	G	10/10/2010
protagônico	FSP	28/02/2010
protodoutrina	V	11/08/2010
pró-tucano	FSP	28/02/2010
pseudoesquerdista	G	14/11/2010

quase adolescente	V	14/04/2010
quase silêncio	V	22/09/2010
quase totalidade	V	03/02/2010
queridinho	FSP	23/05/2010
racismômetro	G	07/11/2010
radical-cabeludo	FSP	18/04/2010
rearrumação	G	11/07/2010
recém-anunciado	V	30/06/2010
recém-aprovado	V	12/05/2010
recém-completado	V	07/04/2010
recém-comprado	G	11/07/2010
recém-eleito	V	20/10/2010
recém-empossado	G	18/07/2010
recém-filiado	V	10/11/2010
recém-inaugurado	G	19/09/2010
redirecionador	G	19/09/2010
reenergizar	V	03/02/2010
reestatização	V	07/04/2010
reestrear	FSP	07/03/2010
refiliar	G	12/09/2010
rerreeleição	FSP	30/05/2010
resposta-padrão	V	21/07/2010
rêu-colaborador	V	17/03/2010
segurança pública-bala	V	25/08/2010
seguro-garantia	V	22/09/2010
semiestagnado	V	14/04/2010
sem-imprensa.	V	07/04/2010
sem-leito	V	07/04/2010
sem-nada	V	25/08/2010
sem-política	FSP	28/02/2010
serraboy	G	08/08/2010
Serralândia	G	10/10/2010
serrista	FSP	28/03/2010
socioeducativo	G	03/10/2010
spanetone	FSP	28/02/2010
subfinanciamento	FSP	30/05/2010
subnacional	V	07/04/2010
subvalorizado	G	19/09/2010
superestatal	G	07/11/2010
superintensivo	FSP	28/03/2010
superinflação	FSP	18/04/2010
superplano	V	07/04/2010
superpoderoso	V	17/02/2010
super-rico	G	08/08/2010
supervarejo	V	03/02/2010

tarifa-teto	G	12/09/2010
tatatá	V	09/06/2010
técnico-administrativês-obsessivo	G	12/09/2010
tema-chave	G	11/07/2010
testemunha-chave	V	17/03/2010
transferômetro	V	09/06/2010
transporte público-bala	V	25/08/2010
tropicalisticamente	G	10/10/2010
tucanato	FSP	20/06/2010
tucaníssimo	G	03/10/2010
tucanopatia	G	19/09/2010
twitteiro	FSP	28/03/2010
ultraesquerda	FSP	21/02/2010
ultranacionalista	FSP	28/03/2010
ultraortodoxo	FSP	28/03/2010
uribista	V	26/05/2010
Vale-Cultura	G	12/09/2010
venezuelização	G	14/11/2010
vice-procuradoria-geral	FSP	07/03/2010
vídeo-bomba	V	11/08/2010
VIP-balada-sexo	G	18/07/2010
webmilitante	V	22/09/2010
zelite	FSP	23/05/2010

**ANEXO B – Tabela com prefixos, antepositivos e alguns elementos de composição**

<b>Prefixos, antepositivos e elementos de composição</b>	<b>Registros</b>	<b>Fonte</b>	<b>Data</b>
AERO-	aeroforno	G	01/08/2010
	aerolixo	V	14/04/2010
	aerolula	V	14/07/2010
	aerotrem	V	22/10/2010
ANTI-	antiambientalista	G	10/10/2010
	antiblابلابلá	G	08/08/2010
	anti-Bush	V	26/05/2010
	anticoncorrencial	G	14/11/2010
	anticorrupção	FSP	30/05/2010
	anticrise	G	08/08/2010
	anti-Dilma	G	10/10/2010
	anti-eleição	G	12/09/2010
	anti-genérico	G	14/11/2010
	antiglobalizante	G	01/08/2010
	anti-Google	FSP	28/02/2010
	anti-hidrelétrica	V	07/04/2010
	anti-Lula	G	08/08/2010
	antipalmada	G	01/08/2010
	antipensamento	G	12/09/2010
	antiproliferação	FSP	04/04/2010
	anti-PSDB	FSP	04/04/2010
	anti-PT	G	10/10/2010
	anti-Sarney	V	20/10/2010
	antissubsídio	G	10/10/2010
	antitucano	V	07/04/2010
antiusineiro	G	03/10/2010	



AUTO-	autocongratulatório	V	14/04/2010
	autoelogiar	FSP	28/03/2010
	autofavorecimento	V	03/11/2010
	autofiscalização	V	30/06/2010
	autointitulado	V	25/08/2010
	auto-organizado	FSP	07/03/2010
BEM-	bem-documentado	V	17/02/2010
	bem-escrito	V	03/02/2010
	bem-recebido	G	18/07/2010
	bem-votado	G	19/09/2010
CLEPTO-	cleptocracia	V	22/09/2010
	cleptocrata	FSP	27/06/2010
	cleptoescroque	G	01/08/2010
CO-	copríncipe	G	08/09/2010
CONTRA-	contradiscurso	G	18/07/2010
	contrainsurgência	V	30/06/2010
DES-	descoincidência	V	20/10/2010
	despolitizado	G	12/09/2010
	despolitizante	G	12/09/2010
ECO-	ecocapitalista	FSP	18/04/2010
EX-	ex-apresentador	G	19/09/2010
	ex-assessor	G	08/08/2010
	ex-banqueiro	V	21/07/2010
	ex-braço-direito	G	03/10/2010
	ex-chanceler	FSP	04/04/2010
	ex-chefe	V	22/09/2010
	ex-candidato	V	15/09/2010

	ex-comunista	V	09/06/2010
	ex-correligionário	FSP	07/03/2010
	ex-croque	FSP	28/03/2010
	ex-doleiro	FSP	28/03/2010
	ex-embaixador	V	09/06/2010
	ex-escudeiro	V	03/11/2010
	ex-estatal	V	20/10/2010
	ex-funcionário	V	21/07/2010
	ex-garanhão	G	12/09/2010
	ex-gordo	V	03/02/2010
	ex-guerrilheiro	V	14/07/2010
	ex-líder	G	08/08/2010
	ex-militante	V	03/11/2010
	ex-prefeito	G	12/09/2010
	ex-primeira-dama	V	11/08/2010
	ex-PV	FSP	23/05/2010
	ex-refém	V	21/07/2010
	ex-secretário-geral	V	09/06/2010
	ex-senador	V	21/07/2010
	ex-seringueiro	G	03/10/2010
	ex-suplente	G	07/11/2010
	ex-tesoureiro	V	17/03/2010
	ex-torturador	V	14/07/2010
	ex-tranquilo	G	07/11/2010
	ex-vendedor	G	19/09/2010
	ex-vice-presidente	V	15/09/2010
	ex-vice-governador	G	18/07/2010
EXTRA-	extrapolítico	G	10/10/2010
HEXA-	hexa-alienação	FSP	20/06/2010
IN-	Insolucionável	G	19/09/2010

MAL-	mal-esclarecido	G	19/09/2010
	mal-interpretado	G	07/11/2010
MEGA(LO)-	mega-atentados	V	12/05/2010
	megabiblioteca	FSP	30/05/2010
	megacoalizão	FSP	20/06/2010
	megacrises	V	21/07/2010
	megaempreendimento	G	19/09/2010
	megaempresa	G	07/11/2010
	mega-favela	FSP	07/03/2010
	megainvestigação	G	14/11/2010
	megalicitação	V	21/07/2010
	megalolulismo	FSP	04/04/2010
	megalonânico	V	26/05/2010
	megalonismo	V	26/05/2010
	megaobra	G	12/09/2010
	megapatrocínio	G	11/07/2010
	mega showmícios	G	08/08/2010
	megausina	V	24/03/2010
MICRO-	microblog	FSP	28/03/2010
	microdespertador	V	03/02/2010
	microempreendedor	V	24/03/2010
MINI-	minibiografia	V	24/03/2010
	miniblecaute	FSP	07/03/2010
	minifacção	G	03/10/2010
NÃO	não adesão	FSP	04/04/2010
	não estagnação	FSP	28/03/2010
	não obrigatoriedade	G	07/11/2010
	não PT	G	12/09/2010
NARCO	narcoterrorista	V	26/05/2010

NEO-	nealoprado	V	09/06/2010
	neoescolha	G	08/09/2010
	neomagro	V	03/02/2010
	neonanico	V	25/08/2010
	neopeemedebista	FSP	07/03/2010
	neossocialista	FSP	27/06/2010
PÓS-	pós-1985	G	03/10/2010
	pós-apocalipse	FSP	30/05/2010
	pós-BRIC	FSP	18/04/2010
	pós-crise	G	10/10/2010
	pós-democratização	G	10/10/2010
	pós-eleição	G	19/09/2010
	pós-FARC	V	26/05/2010
	pós-golpe	FSP	27/06/2010
	pós-guerra	V	07/04/2010
	pós-Lula	V	14/04/2010
	pós-pânico	V	22/09/2010
	pós-primeiro turno	G	10/10/2010
	pós-terremoto	V	03/02/2010
PRÉ-	pré-1967	V	09/06/2010
	pré-campanha	V	14/04/2010
	pré-candidato	FSP	20/06/2010
	pré-candidatura	FSP	28/03/2010
	pré-crise	G	08/08/2010
	pré-eleitoral	V	09/06/2010
	pré-negociado	G	10/10/2010
PRÓ-	pró-consumo	FSP	30/05/2010
	pró-Dilma	G	14/11/2010
	pró-Lula	FSP	23/05/2010
	pró-Marina	G	19/09/2010

	pró-negócio	G	10/10/2010
	pró-palestino	V	09/06/2010
	pró-pobre	FSP	18/04/2010
	pró-PSDB	FSP	28/02/2010
	pró-PT	FSP	28/02/2010
	Pró-Serra	G	10/10/2010
	pró-tucano	FSP	28/02/2010
PROTO-	protagônico	FSP	28/02/2010
	protodoutrina	V	11/08/2010
PSEUDO-	pseudoesquerdista	G	14/11/2010
QUASE-	quase adolescente	V	14/04/2010
	quase silêncio	V	22/09/2010
	quase totalidade	V	03/02/2010
RE-	rearrumação	G	11/07/2010
	redirecionador	G	19/09/2010
	reenergizar	V	03/02/2010
	reestrear	FSP	07/03/2010
	reestatização	V	07/04/2010
	refiliar	G	12/09/2010
	rerreeleição	FSP	30/05/2010
RECÉM-	recém-anunciado	V	30/06/2010
	recém-aprovado	V	12/05/2010
	recém-completado	V	07/04/2010
	recém-comprado	G	11/07/2010
	recém-eleito	V	20/10/2010
	recém-empossado	G	18/07/2010
	recém-filiado	V	10/11/2010
	recém-inaugurado	G	19/09/2010

SEM-	sem-imprensa	V	07/04/2010
	sem-leito	V	07/04/2010
	sem-nada	V	25/08/2010
	sem-política	FSP	28/02/2010
SEMI	semiestagnado	V	14/04/2010
SOCIO-	socioeducativo	G	03/10/2010
SUB-	subfinanciamento	FSP	30/05/2010
	subnacional	V	07/04/2010
	subvalorizado	G	19/09/2010
SUPER-	superestatal	G	07/11/2010
	superintensivo	FSP	28/03/2010
	superinflação	FSP	18/04/2010
	superplano	V	07/04/2010
	superpoderoso	V	17/02/2010
	super-rico	G	08/08/2010
	supervarejo	V	03/02/2010
ULTRA-	ultraesquerda	FSP	21/02/2010
	ultranacionalista	FSP	28/03/2010
	ultraortodoxo	FSP	28/03/2010
VICE-	vice-procuradoria-geral	FSP	07/03/2010

## ANEXO C – Tabela com os sufixos

Sufixo	Registro	Fonte	Data
-AÇO	pacotaço	V	22/09/2010
-ADA	pegada	G	11/07/2010
-ADO	emocionalizado	FSP	04/04/2010
	idiotizado	FSP	28/02/2010
-AGEM	alopragem	V	22/09/2010
	gorilagem	G	03/10/2010
-ALHA	numeralha	FSP	28/02/2010
-ÁLIA	intelectuália	V	22/09/2010
-ANO	mockusiano	V	26/05/2010
	chinafricano	FSP	30/05/2010
-ÃO	acordão	G	12/09/2010
	animadão	G	03/10/2010
	assaltão	G	12/09/2010
	cabidão	V	24/03/2010
	gerentão	FSP	04/04/2010
	piscinão	V	17/02/2010
-AR	bicar	G	19/09/2010
	fulanizar	V	30/06/2010
	manchetar	FSP	20/06/2010
	marinar	FSP	23/05/2010
-ATO	tucanato	FSP	20/06/2010
	lulato	G	19/09/2010
-ÇÃO	emocionalização	FSP	18/04/2010
	mexicanização	V	06/10/2010
	venezuelização	G	14/11/2010
-ÊS	administrativês	G	12/09/2010
	politiquês	V	03/02/2010
-ETE	progremete	V	20/10/2010

-EIRA	pauleira	FSP	21/02/2010
-EIRO	cocaleiro	V	09/06/2010
	marineiro	G	03/10/2010
	pesquiseiro	FSP	23/05/2010
	twitteiro	FSP	28/03/2010
-EZA	nefandezza	V	14/07/2010
-GATE	panetonegate	V	03/02/2010
-ICE	azeredice	G	12/09/2010
-(I)DADE	confidencialidade	V	21/07/2010
-INHO(A)	boquinha	G	19/09/2010
	laranjinha	V	11/08/2010
	mensalinho	V	22/09/2010
	queridinho	FSP	23/05/2010
-ISMO	baguncismo	V	06/10/2010
	megalolulismo	FSP	04/04/2010
	negacionismo	V	20/10/2010
	petismo	FSP	21/02/2010
	principismo	G	12/09/2010
-ÍSSIMO	tucaníssimo	G	03/10/2010
-ISTA	bushista	V	26/05/2010
	dilmista	V	20/10/2010
	obamista	V	03/02/2010
	pedetista-brizolista	FSP	21/02/2010
	serrista	FSP	28/03/2010
	uribista	V	26/05/2010
-LÂNDIA	fordlândia	G	01/08/2010
	serralândia	G	10/10/2010
-MENTE	eleitoralmente	FSP	21/02/2010
	tropicalisticamente	G	10/10/2010
-MENTO	achacamento	G	01/08/2010
	assemelhamento	V	17/02/2010
-TION	embromation	V	21/07/2010



	enrolation	V	24/03/2010
--	------------	---	------------